



SERVIÇO PÚBLICO FEDERAL
MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO
UNIVERSIDADE FEDERAL DE UBERLÂNDIA
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM PSICOLOGIA



Rita Martins Godoy Rocha

**Entre o estranho e o afeto: construção de sentidos sobre as
relações de amizade entre travestis**

**UBERLÂNDIA
2011**



SERVIÇO PÚBLICO FEDERAL
MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO
UNIVERSIDADE FEDERAL DE UBERLÂNDIA
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM PSICOLOGIA



Rita Martins Godoy Rocha

**Entre o estranho e o afeto: construção de sentidos sobre as
relações de amizade entre travestis**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Psicologia – Mestrado, do Instituto de Psicologia da Universidade Federal de Uberlândia, como requisito parcial à obtenção do Título de Mestre em Psicologia Aplicada.

Área de Concentração: Psicologia Aplicada

Orientador(a): Emerson Fernando Rasera

Co-orientador(a): Rodrigo Sanches Peres

**UBERLÂNDIA
2011**

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

Sistema de Bibliotecas da UFU, MG, Brasil.

- R672e
2011
- Rocha, Rita Martins Godoy, 1985-
Entre o estranho e o afeto : construção de sentidos sobre as relações de amizade entre travestis / Rita Martins Godoy Rocha. -- 2011.
137 f. : il.
- Orientador: Emerson Fernando Rasera.
Co-orientador: Rodrigo Sanches Peres.
Dissertação (mestrado) - Universidade Federal de Uberlândia, Programa de Pós-Graduação em Psicologia.
Inclui bibliografia.
1. Psicologia - Teses. 2. Psicologia aplicada - Teses. 3. Amizade - Teses. 4. Travestis - Teses. 5. Construcionismo social - Teses. 6. Sexualidade - Teses. I. Rasera, Emerson F. (Emerson Fernando), 1972- II. Peres, Rodrigo Sanches. III. Universidade Federal de Uberlândia. Programa de Pós-Graduação em Psicologia. IV. Título.

CDU: 159.9



SERVIÇO PÚBLICO FEDERAL
MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO
UNIVERSIDADE FEDERAL DE UBERLÂNDIA
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM PSICOLOGIA



Rita Martins Godoy Rocha

**Entre o estranho e o afeto: a construção de sentidos sobre as relações
de amizade entre travestis**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Psicologia – Mestrado, do Instituto de Psicologia da Universidade Federal de Uberlândia, como requisito parcial à obtenção do Título de Mestre em Psicologia Aplicada.

Área de Concentração: Psicologia Aplicada

Orientador: Emerson Fernando Rasera

Co-orientador: Rodrigo Sanches Peres

Banca Examinadora

Uberlândia, 09 de dezembro de 2011.

Prof. Dr. Emerson Fernando Rasera
Orientador (UFU)

Profa. Dra. Flavia do Bonsucesso Teixeira
Examinador (UFU)

Profa. Dra. Larissa Guimarães Martins Abrão
Examinador (UEMG)

Profa. Dra. Tatiana Lionço
Examinador Suplente (Uniceub)

Profa. Dra. Karla Adriana Martins Bessa
Examinador Suplente (UNICAMP)

Agradecimentos

Ao menino Jesus de Belém... Que desde criança me ampara nas relações com os outros...

Às preciosidades pai João e mãe Heliana. Nos olhares, afagos, apoio que nunca faltou, com cheiro de mato e amor à vida...

Ao Rafa, irmão querido, principalmente pelas diferenças de gênero, que na proteção da infância me motivou a estudar gênero crescida, em meio aos lampejos de uma igualdade diferenciada...

À família de histórias, de avôs e de avós, tios e tias, primos-irmãos, que pela amizade fraterna, me ensinou “a ser” com palavras de afeto.

Ao Matheus meu amor-amigo... Por ser tão generoso ao compartilhar a vida comigo.

Aos amigos, que de tão arrebatadores, findei a caminhar teoricamente nesses trilhos... Em especial, Juliana (Jub) que me incentivou a percorrer o inusitado; Kellen pelos convites à distração e à conversa nos momentos em que a inspiração faltava; Nana, Anica e Deca pela poesia e trilhas sonoras; Marina (véia) por ser sempre presença na saudade; Katita, Ritone e Kennedy por serem amigos de alma e de simplicidade; e Geca querida com seu par Yane, por me emprestarem e ensinarem o olhar minucioso de ver e pensar palavras, mais ainda, de ver vidas nas palavras.

Ao Emerson Raser, de orientador e professor a um dos grandes amigos, que respeito e admiro como pessoa e como psicólogo. Contribuiu, antes de tudo, para que eu fosse mais ética nas minhas relações.

Ao Rodrigo Sanches, professor que ensinou a tranquilidade de mediar uma sala de aula, e que me deixou caminhar, sustentando os passos e as escolhas. Uma segurança em momentos decisivos.

À Flávia Teixeira, professora, companheira de estrada, desde que a vi a reconheci. Convivência marcada por desafios vencidos, cantorias, crescimento...

Ao Luiz Avelino, professor dos primórdios da formação, que provocou em mim as primeiras reflexões sobre gênero, sobre eu mesma e sobre o outro. Um grande contador de histórias...

A Larissa Abrão, professora que aceitou de maneira tão acolhedora a compartilhar comigo o fim do mestrado, de forma a contribuir decisivamente com as reflexões sobre o tema.

À Karla Bessa, professora que entoou as primeiras descobertas no campo do gênero. Sua voz macia convidou com firmeza a pensar sobre esse tema de forma crítica e sensível.

À Tatiana Lionço, professora marcante que sempre se dispôs a dialogar e caminhar em uma construção conjunta.

Ao Programa de Pós Graduação em Psicologia da Universidade Federal de Uberlândia, e seus colaboradores, que em seu esforço conduziu os dois anos do mestrado de maneira agradável e dedicada. Em especial, à Marineide.

Aos queridos membros do grupo de estudos sobre o Construcionismo Social, que comigo pensaram, questionaram e se aproximaram de um novo jeito de olhar a Psicologia.

À Capes, por ter subsidiado esse caminho, de forma a garantir o reconhecimento material no processo de fazer pesquisa e na minha formação como pesquisadora.

Ao Programa Em Cima do Salto, a todos seus membros que ainda permanecem e àqueles que já passaram por ele, por aceitarem a se dispor e se afetar numa caminhada conjunta.

E, principalmente, agradeço e dedico às travestis esses escritos, que por suas singularidades despertaram um vínculo que jamais esperava... Um motivo a mais para existir no mundo e desejar que elas existam nele também de um jeito reinventado.



Foto de Gilson Goulart Carrijo, 2009.

À Mirela... E à todas que partiram...

RESUMO

No campo disciplinar das Ciências Humanas, identificamos um conjunto de produções ainda incipientes sobre o universo das travestis. As pesquisas que contemplam esse tema ancoram-se principalmente na Antropologia, destacando as pesquisas etnográficas que traduzem o cotidiano das travestis e descrevem seus modos de vida. Essas produções têm enfatizado, muitas vezes, o universo das travestis associado às práticas da prostituição, reconhecendo-as como importante meio para construção de sociabilidades. Considerando a possibilidade de reconhecer outros olhares, vínculos e espaços que envolvem a complexidade desse universo, este estudo tem como objetivo geral descrever os repertórios interpretativos sobre as relações de amizade entre as travestis. Participaram da pesquisa 10 travestis residentes em Uberlândia/MG. A entrevista semi-estruturada foi o recurso metodológico escolhido para a coleta de dados, apoiada pelo registro do caderno de campo como colaborador contínuo do processo reflexivo. A análise dos dados se baseou nas propostas de análise do discurso informada pela perspectiva construcionista social. A análise incluiu a transcrição de todas as entrevistas realizadas, seguida de sua leitura, possibilitando a identificação dos repertórios interpretativos. Cinco repertórios foram identificados: (1)Amizade-Babado; (2)Amizade-Batalha; (3)Amizade-Família; (4)Amizade-Segredo e (5)Amizade-Uó. O uso dos repertórios permitiu considerar as relações entre as travestis em diferentes arranjos que por sua vez, forjam a maneira como as travestis contam sobre si nesse universo, seja positivamente, seja legitimando sentidos da marginalidade e do estigma que compartilham. Esses sentidos criam, portanto, a possibilidade de existência entre elas e, por conseguinte, colaboram na fundamentação de trabalhos e políticas direcionados a essa população.

Palavras Chave: Travestis, Amizade, Sexualidade, Construcionismo Social.

ABSTRACT

In the field of humanities discipline, we identified that productions are incipient in the world of transvestites. The research that has addressed this issue is primarily anchored in anthropology, highlighting the ethnographic research that reflect the daily lives of transvestites and describe their lifestyles. These productions have emphasized many times, the world of transvestites practices associated with prostitution, recognizing this kind of work as an important means for the construction of sociability. Considering the possibility of recognizing other views, links and spaces that involve the complexity of this universe, this study aims to describe the interpretative repertoires on the relations of friendship between the transvestites. The participants of this study are 10 transvestites who live in Uberlândia/MG. The semi-structured interview was the methodological approach chosen for data collection, supported by the record field notebook as a contributor to the ongoing process of reflection. Data analysis was based on proposals of discourse analysis informed by social constructionist perspective. The analysis included a transcript of all interviews, followed by your reading, allowing the identification of interpretative repertoires. Five repertoires were identified: (1) Friendship-Babado, (2) Friendship-Batalha, (3) Friendship-Family, (4) Friendship-Secret and (5) Friendship-Uó. The use of repertoires possible to consider the relationships between the different arrangements that transvestites in turn shape the way you tell about transvestites in this universe, either positively or legitimizing sense of marginality and stigma they share. These senses create, so the possibility of existence between them and, therefore, collaborate and work in the grounds of policies targeted at this population.

Key Words: Transvestites, Friendship, Sexuality, Social Constructionism

Sumário

Resumo	
Abstract	
Apresentação	12
1. Capítulo 1: Sexualidade: Uma rede de possibilidades teóricas	18
1.1 O construcionismo social e o essencialismo nos estudos da sexualidade	18
1.2 Sexo, gênero e corpo: No plural	32
2. Capítulo 2: Travestis em tons e notas	39
2.1 Travestis: Riquezas de nomes, lutas e histórias	39
2.1 Os discursos sobre travestis nas ciências humanas	46
3. Capítulo 3: Relações de amizade em discurso	57
3.1 Relações de amizade: O entorno teórico	57
3.2 Relações entre as travestis: um babado?	64
4. Capítulo 4: Trânsitos Metodológicos	72
4.1 Objetivo	74
4.2 Contexto	75
4.3 Participantes	76
4.4 Construção do corpus	77
4.5 Análise do Corpus	78
5. Repertórios sobre as relações de amizade entre travestis	81
5.1. Os repertórios para falar de amizade	83
5.1.1. Amizade-Babado	83
5.1.2. Amizade-Batalha	89
5.1.3. Amizade-Família	95

5.1.4. Amizade-Segredo	100
5.1.5. Amizade-Uó	105
5.2 Repertórios em Movimentos	113
5.3. Os repertórios e as implicações teóricas e práticas na vida das travestis	117
6.Considerações Finais.....	123
Referências	128
Apêndice	135
Anexo	137

Apresentação

‘O que importa é que vidas não servem como modelo; somente histórias o fazem. E é difícil inventar histórias para servir de modelo. Podemos apenas recontar e viver as histórias que lemos ou ouvimos. Vivemos nossas vidas através de textos (...), seja qual for sua forma ou meio, essas histórias nos formam a nós todos, são o que precisamos usar para criar novas ficções, novas narrativas’

Carolyn Heilbrun (Writing a Woman's Life, 1988)

Ir ao encontro das travestis é reconhecer um contexto marcado por surpresas e histórias. Exige um exercício contínuo de desconstrução de corpos, sentidos e nuances ora femininas, ora masculinas, que acabam por se misturar e convidar a novos possíveis.

Foi no exercício de desaprender e aprender por meio da convivência com as travestis em meu cotidiano profissional e pessoal que surgiu a busca por colaborar na produção de novos olhares sobre essas pessoas. Olhares que incluam algumas das flexibilidades necessárias para (re)construir uma existência marcada por questionamentos e incertezas. Um convite para pensar um mundo em que vidas travestis ainda trabalham para “caber” nele, ou ele “caber” nelas...

Os interesses para essa pesquisa formaram-se da revelação dos momentos contados e vivenciados com e pelas travestis. Dos interesses, o objetivo foi delineado e busca descrever e analisar as relações de amizade construídas entre elas a partir dos relatos de afetos, parcerias, companheirismos e desentendimentos.

Há a intenção de valorizar essas histórias, revisitá-las numa autoria que ouve e reconta, buscando uma construção textual fundada no encontro. Essa proposta convida a um (re)conhecimento do humano nas travestis, uma humanidade compartilhada por todos, mas que aqui se (re)configura na singularidade “travesti”. Não se trata de uma tentativa de um discurso esvaziado sobre a condição de humano, mas uma busca por

evidenciar outros aspectos relacionais no universo das travestis, que aparecem de forma tímida na literatura, principalmente quando comparado ao caráter exótico freqüentemente associado a elas.

Seguindo outros pesquisadores (Benedetti, 2005; Peres, 2005; Pelucio, 2007) e, respeitando a relação cotidiana estabelecida com as travestis, mantenho aqui o uso do nome social e do artigo feminino para dizer sobre elas.

Os estudos sobre as travestis nos denunciam a vulnerabilidade como condicionante de suas vivências, que não se resumem à dificuldade de acesso aos serviços de saúde, mas ao trabalho, ao lazer, à educação e ao exercício pleno da cidadania. Conforme apontam Carrara e Viana (2006), quando nos remetemos às travestis temos a evocação de uma imagem da desordem urbana, em que o duplo desvio sexual (gênero e prostituição) aparece conectado à pobreza, ao tráfico, à Aids, ou seja, ao submundo.

O advento da Aids possibilitou a visibilidade das travestis, principalmente em relação à luta por políticas públicas em saúde. Apesar do empoderamento advindo da articulação entre o movimento social das travestis e poder público no enfrentamento da epidemia da Aids, alguns discursos sobre travestis, construídos nesse contexto, produziram um paradoxo ao (re)afirmarem sentidos estigmatizantes sobre elas, ao associarem-nas a questões como a violência, as doenças e a marginalidade. Conforme aponta Pelúcio (2007), é necessário uma revisão das políticas que contemplam as travestis, por se restringirem à prevenção e ao estabelecimento de uma lógica restritiva e disciplinadora, distante do que é realmente importante para elas. O convite que proponho é para a ampliação dos discursos e o reconhecimento de uma gramática com outros jeitos legítimos de se referir sobre e com as travestis, sem se restringir à

prostituição e à Aids, mas enfatizando as amizades e as possibilidades relacionais advindas desse recorte.

As contribuições desse estudo também poderão emprestar ferramentas para se pensar intervenções que promovam maior organização grupal, favorecendo o empoderamento desse segmento junto ao seu reconhecido movimento social que vem se organizando, no Brasil, a partir de 1993¹.

Existe ainda a possibilidade de (re)conhecer formas inventivas usadas pelas travestis na convivência com a vulnerabilidade, as quais podem enriquecer a problematização das categorias estabilizadas e enrijecidas, atualmente, no campo da sexualidade e das relações sociais em geral. Considerar essas relações é dispor-se a um circuito em constante movimento, que afeta as classificações e nomeações estáveis, naturalizadas sobre o sexo, e os modelos relacionais de família, amizade e relações homo e hetero afetivas.

Especificamente, recortando o campo disciplinar do qual pretendo partir, a Psicologia, identifico um reduzido número de produções acadêmicas sobre a temática das travestis. Essa pesquisa busca uma reflexão que possa oferecer novas perspectivas sobre o gênero e a sexualidade nesse campo que, predominantemente, tem tratado o tema em torno da psicopatologia (Holmes, 2007; Bruns & Almeida, 2004; Pinto, 2008). Para esse desafio, destaco a perspectiva Construcionista Social, que enfatiza uma visão sócio-histórica de ciência e permite analisar de forma crítica as relações de gênero nesse universo.

A motivação pessoal para a realização deste trabalho surgiu, primeiramente, pelo meu envolvimento com o público de travestis na cidade de Uberlândia, por meio do

¹ Informação disponível no sítio oficial da Articulação Nacional de Travestis, Transexuais e Transgêneros. Recuperado em 21 janeiro de 2011 em: <http://pessoal.atarde.com.br/marccelus2/antra/index.html>

trabalho no Programa Em Cima do Salto: Saúde, Educação e Cidadania², desde o ano de 2006, momento de sua construção na Universidade Federal de Uberlândia. Essa experiência permitiu uma aproximação, uma escuta cuidadosa sobre a vida e as histórias dessas pessoas mescladas pelos dias, tardes e noites. Nessa convivência, compreendi a complexidade e os variados dilemas que se entrelaçam, desafios que estão juntos, mas que ao mesmo tempo ultrapassam o do HIV/Aids e da prostituição.

“Quantas vezes a gente renasce?”. Essa pergunta, de uma travesti em um momento de crise, somada a outros questionamentos cotidianos, provocaram a indagação sobre como essas pessoas se relacionam e “renascem” por intermédio de outras travestis. Minha questão norteadora se pauta na ideia de que o conjunto de relações estabelecidas entre elas é um elemento na construção de discursos sobre elas mesmas e que forjam suas possibilidades de existência.

Com atenção ao caminho teórico, proponho três capítulos introdutórios para a constituição da dissertação. No primeiro capítulo, apresento um contexto marcado pelas disputas teóricas em torno da sexualidade. Tendo escolhido o Construcionismo Social como referencia teórica para esse trabalho, informo a maneira como ele discorre sobre a sexualidade, e os pressupostos conceituais sobre sexo, gênero e corpo, os quais estão presentes em minhas observações e análises. Espero, assim, que o leitor compreenda quais fundamentos teóricos irão nortear essa pesquisa que se situa na interface de temas como sexo, gênero e travestis.

No segundo capítulo, introduzo a temática das travestis, enfatizando as produções que contemplam esse universo, com ênfase nas disciplinas da Antropologia e da Psicologia. Para situar o estado da arte das produções sobre as travestis, escolho a Antropologia por concentrar as produções sobre o público alvo e a Psicologia por ser o

² O Programa é apresentado na metodologia e contexto da pesquisa.

campo que compartilho como pesquisadora. O interesse é demonstrar as contribuições dessa literatura, bem como as lacunas que abrem possibilidade para o estudo das relações de amizade entre as travestis.

No terceiro capítulo, esclareço o que nomeio como “as relações entre as travestis”, bem como o recorte escolhido na amizade, situando em quais momentos as produções acadêmicas que se dedicaram a refletir sobre as travestis discutem essas relações. Esse capítulo reflete o incômodo com os discursos que até então se associam às travestis, reiterando que, apesar da prostituição e da Aids demarcarem uma importância histórica e social na visibilidade do grupo, novos discursos podem ser identificados. Movimento que vai ao encontro do objetivo dessa pesquisa, conforme apresentado inicialmente.

A partir dos capítulos introdutórios, no quarto capítulo, apresento o caminho metodológico dessa dissertação, considerando o contexto de vida das travestis na cidade de Uberlândia, a construção do *corpus* da pesquisa e reiterando as contribuições do Construcionismo para a produção da análise.

Nos resultados e discussões presentes no quinto capítulo, apresento os repertórios interpretativos construídos a partir das entrevistas sobre as relações de amizade entre as travestis, metodologicamente orientados por uma análise do discurso, informada pela perspectiva Construcionista Social. A busca é por apontar novos jeitos de dizer sobre elas ou mesmo revisitar os antigos modos com outros tons. Ao longo da identificação dos repertórios, busco problematizar a função deles no momento da entrevista, bem como suas implicações ao construir certas “realidades” para a vida das travestis.

Finalizo a apresentação desse percurso compartilhando uma “história”, que por meio da linguagem poética e musical conseguiu, de forma metafórica, aproximar-me da

vida de muitas travestis na figura de uma “Martha”. O compositor e amigo, Yane Santiago, sem pretensões para esse fim, apresentou-me a música em um encontro saudoso de amigos. Ao ouvir a canção, marcada pela Bossa Nova, fui tomada por um encantamento. A letra e o momento remeteram às lembranças, às palavras e aos “causos” compartilhados com as travestis. Elementos que se fizeram marcas e me motivaram à dedicação de um trabalho sobre, e porque não, para travestis:

Martha deixou a vila
Já mal sabe de onde vem
Carrega tudo aquilo que tem

Martha ouviu chamarem
Não pode nem tentar resistir
Abrindo trilhos para seguir

Na sua mala, bugigangas
Como sementes de girassol
E um retrato amarelo
De sua família
Em um jardim

Esquinas, preços impossíveis
Faróis gigantes a vigiar
Martha circula um caminho
Ainda sem nenhum lugar...

1. Sexualidade: Uma rede de possibilidades teóricas

A escrita desse primeiro capítulo convida a um percurso teórico no qual parto em busca de um diálogo com a sexualidade. Os teóricos ressaltados nesse capítulo são vistos como parceiros de uma viagem (Burr, 1998; Butler, 2003; Laqueur, 2001). O recorte, porém, é necessário, e foi fundamentado no Construcionismo Social, que abarca, em sua multiplicidade, uma abertura para a emergência de sentidos, favorecendo-se do diálogo com aqueles que se fazem relevantes e compartilham de uma visão histórica e crítica (Nogueira 2001b; Paiva, 2008; Vance, 1991; Weeks, 1999).

1.1 O construcionismo social e o essencialismo nos estudos da sexualidade

Os sentidos produzidos contemporaneamente sobre a sexualidade, o gênero, o corpo e a travestilidade são amplos e resultam de debates epistemológicos e históricos, configurando um campo de disputa significativo, que coloca em confronto saberes disciplinares, principalmente os advindos da Medicina e Psicologia.³

Não me encontro numa zona de conforto ao me situar no campo disciplinar da minha formação, a Psicologia, cuja marca hegemônica e histórica produz e reitera o vínculo entre a sexualidade e a noção de naturalidade e normalidade. Um saber normativo que, historicamente, determina o que faz um corpo normal e outro não, e que constitui um comportamento sexual patológico e outro adequado.

A escolha teórica que pauta as reflexões dessa pesquisa envolve o entendimento da sexualidade situada historicamente, que se distancia dos discursos essencialistas e normalizantes. Nessa escolha, apresento, inicialmente, os estudos de Foucault sobre

³ Sobre o processo de patologização dos termos travestis e transexuais remeto-me a tese de doutorado de Jorge Leite Junior (2008), que apresenta o percurso conceitual desde a androgenia e o hermafroditismo clássico até as lógicas psicopatológicas associadas às travestis e às transexuais - lógicas que a Medicina e a Psicologia, como campos disciplinares, compartilharam e (re)produziram.

sexualidade, que se constituem numa referência obrigatória no campo das ciências humanas e que delineiam o caminho para as contribuições construcionistas sobre a sexualidade. Reconhecendo o processo histórico das produções de verdade em torno do sexo, o autor considera que o termo “sexualidade”, como é conhecido hoje, surge apenas no século XIX:

O uso da palavra foi estabelecido em relação a outros fenômenos: o desenvolvimento de campos de conhecimentos diversos que cobriram tanto os mecanismos biológicos da reprodução como as variantes sociais ou individuais do comportamento; a instauração de um conjunto de regras e normas, em parte tradicionais e em parte novas, e que se apóiam em instituições religiosas, judiciárias, pedagógicas e médicas; como também as mudanças no modo pelo qual os indivíduos são levados a dar sentido e valor a sua conduta, seus deveres, prazeres, sentimentos, sensações e sonhos. (Foucault, 1988, p. 9)

A sexualidade, compreendida como um discurso histórico e crítico, não derivaria de uma estrutura inerente ao homem. Foi percebida na Modernidade pela via de um entendimento que leva os sujeitos a produzir discursos dotados de desejos e da necessidade de decifram-se em um sistema de regras, coerções e saberes.

Foucault (1988) considera que embora o cristianismo tenha fortalecido o caráter monogâmico e a finalidade procriadora do sexo, mesmo no pensamento greco-romano eram encontradas associações entre as atividades sexuais e o caráter negativo das relações entre homossexuais, em torno da poligamia e mesmo sobre a masturbação. Porém, as associações não eram hegemônicas, ganhando outros contornos com a moralidade burguesa na Era Vitoriana, século XIX, quando a “sexualidade é cuidadosamente encerrada” (Foucault, 1984, p. 9), os espaços sociais são segregados, e o controle acerca das práticas sexuais é depositado nos saberes médicos, psicológicos e pedagógicos. O discurso normativo é fortalecido em parceria com a ampliação das classificações das patologias e do desvio.

O discurso normativo associado à patologia e ao desvio foi influenciado marcadamente pela noção filosófica essencialista, sendo que o viés histórico e social aqui ressaltado ganhou visibilidade a partir das periferias das ciências humanas. Na Antropologia, por exemplo, a sexualidade aparecia como um campo ameaçador fixando características e padrões ao referenciar homens, mulheres e práticas sexuais (Vance, 1991).

O pensamento essencialista teve sua origem desde a antiguidade nos estudos da matemática e da geometria, com a idéia central de que o mundo natural é constituído por um número finito e fixo de formas nomeadas como essências. No essencialismo clássico, duas idéias centrais são caracterizadas: a) A crença em determinar formas verdadeiras, ou essenciais, b) A ideia de constância, em que a verdadeira ciência seria aquela que descreve a essência natural das coisas, a realidade que existe para além das aparências. Por exemplo, um triângulo sempre terá a forma de um triângulo, nunca será um círculo, ou um retângulo (Delamater & Hyde, 1998). Essa noção acabou por fundamentar o entendimento do mundo principalmente pela consideração de que existe uma realidade independente, verdadeira e real, e a linguagem apenas representa esse universo concreto valendo-se da racionalidade intrínseca ao humano. Nas ciências naturais, isso reverberou com grande entusiasmo nas leis da física, na geometria, na biologia, e nas ciências sociais o essencialismo foi enfatizado pelo positivismo⁴.

No campo da sexualidade, essas características são as bases do trabalho de sociobiologistas que buscam investigar as características e as causas de diferentes comportamentos sexuais. Eles corroboram a influência genética na determinação da orientação sexual, bem como os fatores cerebrais e hormonais responsáveis pela

⁴ Essa perspectiva teórica valoriza a técnica e o discurso científico, expressando as relações humanas e sociais análogas a um organismo vivo, com a noção de que há um estado normal. Sugiro como leituras acerca do Positivismo a obra *Discurso sobre o conjunto do Positivismo* (1851), de A. Conte.

homossexualidade. Esses fatores são chamados de causas primárias para o comportamento (Delamater & Hyde, 1998).

Kinsey (1948) inaugura, na década de 1940, a busca para o entendimento da orientação sexual e se atem a pensar nas suas características. Consegue descrever as práticas sexuais entre norte-americanos, denunciando comportamentos tidos como “raros”, até então. Como exemplo, revela que a homossexualidade não era um caso isolado e que não tinha o caráter reversível, como se acreditava. Demarca ainda, a masturbação como uma prática basicamente universal entre homens e que cerca de cinquenta por cento dos maridos mantinham relações extraconjugais. Para Burr (1998), Kinsey explora as características da orientação sexual, mas ainda permanece a questão do “como” essas características são formadas.

Aos olhos da Biologia, a busca por compreender a origem e a formação da orientação sexual constituiu diferentes frentes de pesquisas. A primeira é relacionada a explicações neuroanatômicas e fisiológicas (hormonais) para justificar a precoce definição da homossexualidade. Outro grupo enfatiza, especificamente, o campo da neuroanatomia pela via do dimorfismo sexual. Já um terceiro grupo, se dedica ao campo da genética com vias para a descoberta do gene da homossexualidade (Burr, 1998).

O trabalho do neuroanatomista Simon Le Vay, em 1991, é representativo da busca por identificar a origem biológica da orientação sexual. Juntamente a outros pesquisadores como Laura Allen e com referência em pesquisas precedentes como a de Roger Gorski⁵, Le Vay postula o dimorfismo sexual entre gays e heteros. Ou seja, estabelece que existem diferenças nas áreas hipotalâmicas dos cérebros de gays em relação aos considerados “normais” (Burr, 1998). No entanto, o pressuposto do

⁵ Roger Gorski, em 1977, identificou, a partir de pesquisas com ratos machos e fêmeas, um núcleo sexualmente dimórfico no hipotálamo do cérebro de ratos, moldado por hormônios. Conforme demarcado por Burr, a partir de pesquisas subseqüentes como a de Christine de Lacoste e do antropólogo físico Ralph Holloway (1982) com humanos, o dimorfismo sexual ganhou *status* de verdade.

dimorfismo é questionado por outros cientistas da área que enfatizam, como Anne-Sterling (1994), que os estudos ganharam visibilidade pela repercussão das publicações em revistas científicas conceituadas. Contudo, críticas à legitimidade metodológica dessas pesquisas apareceram, mas os contrapontos não receberam a mesma divulgação e nem espaço para problematizações.

No campo das ciências sociais, também se desenvolveram pesquisas que vão ao encontro das posturas essencialistas. O trabalho de Frederick Whitam (1986) comparou experiências infantis de 375 homens homossexuais na Guatemala, no Brasil, nas Filipinas, na Tailândia, no Peru e nos Estados Unidos, e estabeleceu características “culturalmente invariáveis” e universais da homossexualidade associadas à infância como: brincadeiras com brinquedos tidos para aqueles de outro sexo e a identificação como afeminados.

Além da leitura universal para a homossexualidade, a distinção entre o comportamento de homens e mulheres era foco dos estudos na vertente causal e naturalista. Exemplifica-se a ideia de que as mulheres seriam mais voltadas para o estabelecimento de relacionamentos do que os homens, já que a relação da mulher com o filho configura uma disposição relacional e dependente. Essa visão colabora com a leitura da mulher romântica e do homem independente e remonta a qualidades universais, bem como à ideia de que há uma identidade feminina e outra masculina (Delamater & Hyde, 1998).

As supostas noções de universalidade da homossexualidade e das diferenças entre homens e mulheres, a analogia experimental com outros animais, bem como a freqüente preocupação com a origem da homossexualidade e das diferenças sexuais, são alguns dos aspectos norteadores de discursos que parecem buscar uma regularização/controlar sobre a questão do sexo. Essa questão, conforme aponta Burr

(1998), é instigante: “Ninguém quer estudar porque a língua dobra, já a orientação sexual é muito comum e com certeza ligada a muitas outras coisas interessantes” (Gitschier citado por Burr, 1998, p. 402).

Em consonância com os questionamentos anteriores, a sexologia aparece como outro demarcador do discurso sobre o sexo. Para Weeks (1999), até por volta do século XIX, as questões que se voltavam ao corpo e ao comportamento sexual eram referidas pela religião e pela filosofia da moral. Com a mudança histórica e paradigmática derivada da ascensão burguesa e da valorização da racionalidade, o sexo passa a ter sua própria disciplina: a sexologia. A sexologia recebeu influências da Biologia, da Psicologia e das Ciências Sociais em geral, determinando modelos clínicos e de intervenção sobre a sexualidade.

Segundo Paiva (2008), essas leituras traziam visões sobre o sexo marcadas por termos como impulso, instinto, força natural, força essencial, poder oposto à cultura e à civilização. A sexualidade era vinculada ao viés biológico e naturalizado. Em outras palavras, “o sexo é uma energia vulcânica” que engolfaria o corpo, pressionando de forma urgente nossos ‘eus’” (Weeks, 1999).

A repercussão da sexologia, apesar de centralizar a discussão do sexo como natural e buscar uma normatização para as práticas sexuais (Foucault, 1978), por outro lado, pôde contribuir para legitimar a sexualidade dissociada da reprodução, mais próxima das “humanidades”. No Brasil, a sexologia comprometeu-se com as reformas sociais ligadas à legalização do divórcio e à descriminalização da homossexualidade (Carrara & Russo, 2002). Possibilitou, a grosso modo, um dizer sobre a sexualidade mais ligado à regulação e à emergência do prazer do que vinculado à repressão (Paiva, 2008).

Tais leituras sobre o sexo e a orientação sexual não significam um consenso e nem mesmo a garantia de que visões com tendências universalizantes ou essencialistas sobre a sexualidade anulem a pluralidade de práticas e estudos. Contudo, em princípio, parecem demonstrar um movimento deslizante que tende mais a reduzir e cristalizar a homossexualidade e a diversidade sexual, do que a ampliá-las como manifestação do erotismo, do desejo e marcadas pelos contextos sociais.

Ao remontar sobre essas verdades e saberes naturalizados sobre a sexualidade, Foucault (1988; 1984) não minimiza o caráter proibitivo e repressor sobre o sexo, mas faz um convite reflexivo em torno da produção de outras formas de dizer sobre a sexualidade, advindas da repressão e regulação, possibilitando um contra discurso com a Sexologia e mesmo com a Psicologia⁶. Ou seja, nos convida a pensar que o sexo, ao contrário de sofrer exclusivamente uma restrição, recebeu mais atenção em termos de estratégias, saberes e espaços para ser dito e produzido na Modernidade. A proibição e o controle possibilitaram uma proliferação de saberes sobre o sexo, ao delimitá-lo, estudá-lo, observá-lo, reservá-lo a determinados saberes e espaços, puni-lo e discipliná-lo. Esses processos de produção-coibição configuram no que Foucault denominou como biopoder.

O biopoder, um exercício de controle mascarado e refinado, passa por duas lógicas principais: a primeira ligada ao controle dos corpos individualmente, por meio das ciências humanas fomentadoras de padrões e formas eficazes para as práticas sexuais (Sexologia, Psicologia), bem como das descobertas anatômicas que ganham o peso da materialidade do saber. A produção de saber voltada para a população constitui

⁶ É importante reiterar que a Psicanálise é um campo decisivo para pensar os discursos sobre a sexualidade, considerada por Foucault (1988) como um dos dispositivos de saber-poder que tende a reiterar o espaço para o cuidado de si e de suas normatizações. Vale ressaltar ainda, conforme Aran (2006), que dentro da amplitude do debate, a Psicanálise abriu, por outro lado, a possibilidade de desordenar a relação direta entre pulsão sexual e objeto, abrindo um leque teórico que inclui a relação entre pulsão sexual e a cultura. Ainda que essa constatação abra possibilidades para a subversão do sexual, afastando a noção de perverso da psiquiatria, estabelecem novas formas de normatizações pelo imperativo do modelo Edípico e da castração.

a segunda vertente, cuja base é a orientação e regulação, vistas, por exemplo, nos controles de natalidade, mortalidade, longevidade, nos discursos sanitaristas que reverberam em políticas públicas e dados estatísticos que as fundamentam (Foucault, 1978).

Os dispositivos de saber e poder (re)produzem a necessidade de tornar inteligível qual o sexo determinado pela natureza e, por conseqüência, aquele que a Justiça, a Psicologia e a Medicina exigem e reconhecem. Neste léxico, o sujeito inteligível é aquele que mantém uma continuidade entre sexo, gênero, práticas sexuais e desejo. Assim, ser “sexuado” é estar submetido a um conjunto de regulações configuradas como heteronormativas, ou seja, marcadas pelo sistema binário: homem\mulher heterossexual. O sexo possível é aquele tido como “verdade” a partir da naturalização das normas sociais (Arán, 2006).

Na década de 80, juntamente com as análises foucaultianas, intensificaram-se pesquisas e reflexões no campo da sexualidade (Parker, 1999). Nesse período, configurou-se um contexto mais amplo para a promoção de mudanças nas normas sociais; junto à influência específica de movimentos sociais e políticos como os de gays, de lésbicas e das feministas; bem como o impacto do HIV ligado à preocupação com a saúde reprodutiva e sexual.

Na profusão de discursos e demandas sobre as sexualidades e seus dispositivos, se instaura um desafio para a ciência tradicional e o questionamento dos pressupostos naturalizantes do sexo e gênero. Como pensar na legitimidade de corpos e pessoas que desafiam a lógica do sistema binário: homem ou mulher, pênis ou vagina? Como incluir a homossexualidade, a intersexualidade, a transexualidade, a travestilidade na gramática sexo-gênero sem produzir exclusões e novas patologias?

É nesse movimento que desloca certezas e instaura dúvidas, que o Construcionismo Social pode ser posicionado. Tem como ponto de partida a crítica aos postulados da ciência tradicional e o questionamento das visões essencialistas e naturalizantes apresentadas inicialmente. Situa-se como um movimento crítico transdisciplinar, em que muitas perspectivas são vinculadas a ele, incluindo as ideias de Michel Foucault (1978), ainda que não se constitua como um discurso hegemônico. Conforme aponta Weeks (1999, p. 43):

A expressão “construcionismo social” será usada como um termo abreviado para descrever a abordagem historicamente orientada que estaremos adotando, relativamente aos corpos e a sexualidade. A expressão talvez tenha um tom áspero e mecânico, mas tudo o que ela basicamente pretende fazer é argumentar que só podemos compreender os corpos e a sexualidade em seu contexto histórico específico, explorando as condições historicamente variáveis que dão origem à importância atribuída à sexualidade num momento particular e apreendendo as várias relações de poder que modelam o que vem a ser visto como comportamento normal ou anormal, aceitável ou inaceitável.

As discussões sobre sexualidade enfatizadas nos estudos construcionistas, entre esses teóricos, são atribuídas ao nível macrosocial, ou seja, inseridas no entendimento social e das relações de poder sobre a sexualidade sem enfatizar as análises lingüísticas no tempo curto, na interação imediata (análises nomeadas como microssociais e conversacionais)⁷. É tido, de forma geral, como um conjunto de ideias com o foco no discurso e na possibilidade de pensar o corpo, o sexo e a identidade sexual como uma construção lingüística, situada, relacionada às questões de poder.

⁷Por outro lado, estudos na perspectiva do tempo curto, ou seja, que evidenciam a reflexividade da sexualidade na interação mais imediata, por meio de uma análise conversacional e dialógica, tem aumentado significativamente e aparecem no campo da análise do discurso como um todo, sem uma referência específica ao construcionismo social (Kendall & Tannen, 2003). A distinção entre macro e micro não necessariamente é enfatizada entre os teóricos, uma vez que suas fronteiras não são bem estabelecidas, ou quando tomadas equivocadamente, podem implicar em polaridades pouco produtivas. Em geral, essa diferenciação é feita mais claramente pelas análises no recorte metodológico, que prioriza discursos históricos e institucionais, ou que destaca aqueles (re)produzidos na interação mais imediata. Ainda que esse não seja o foco central do presente estudo, ressaltar o potencial em se pensar a sexualidade na conversa, pela entonação, pausas, silêncios, assim como nos trabalhos de Tannen (1994), o que possibilitaria apreender novos arranjos das relações de gênero, que não os demarcados no tempo histórico longo.

Nessa perspectiva, as discussões construcionistas são centradas no reconhecimento do aspecto cultural da sexualidade, articulando-as com as problematizações das teorias feministas, desenvolvidas a partir da década de 1970, que questionavam o imperativo da natureza como elemento organizador das desigualdades entre os sexos (Spargo, 2006). As demandas dos movimentos feministas, associadas às do movimento gay, com histórias diferenciadas e singulares, promoveram novos lugares para as noções de homem, mulher, desejo e orientação sexual. O primeiro movimento, brevemente situado, pensava uma nova lógica para as mulheres, desafiando a construção do feminino como algo inferior e passivo. O segundo contestava a associação da prática sexual entre pessoas do mesmo sexo a algo patológico e não natural.⁸

De forma geral, o discurso construcionista contribuiu para a redefinição das noções de sexo e gênero, questionando o determinismo essencialista e biológico que remontou a história da dominação masculina e seus efeitos sociais e mesmo nas produções científicas (Paiva, 2008). Segundo Vance (1991), o arcabouço teórico do construcionismo social sobre a sexualidade se distribui em três vertentes:

- 1) A primeira vertente considera: os objetos de desejo não são intrínsecos, mas construídos por muitas possibilidades;
- 2) A segunda: o desejo e o interesse erótico podem ser fixos, mas sua expressão é possibilitada pela cultura e suas influências;

⁸ O feminismo abarca um conjunto denso de produções que colaborou decisivamente para o questionamento da ciência tradicional, em especial acerca das diferenças sexuais, enfatizando a construção social da sexualidade. Ele é sistematizado historicamente por três fases. A primeira, ligada ao século XIX e às precursoras manifestações emancipatórias das mulheres, com a marca do movimento sufragista. A segunda, entre as décadas de 1960 e meados de 1980, com a mulher no mercado de trabalho, as inovações tecnológicas como a pílula contraceptiva, o direito ao divórcio e à igualdade de direitos. Por fim, a terceira, que se destaca pelo fim do modismo “feminista”, a partir da década de 1990, que caracteriza a experiência de mulheres que vivenciam e sentem a desigualdade sexual, mas não se intitulam como feministas (Nogueira, 2001a).

3) E a terceira, considerada mais radical: não há essência, impulso, desejo que resida no corpo. São temas construídos pela cultura por meio da capacidade presente no corpo (o desejo sexual deixa de ser o foco).

Essas correntes se relacionam ao desenvolvimento dos modelos construcionistas de pensar o sexo e compartilham da noção principal de que o ato sexual, considerado idêntico para todos os seres humanos, varia segundo a percepção e códigos em diferentes culturas e períodos históricos.

As vertentes construcionistas distinguem-se do Modelo da Influência Cultural (Culturalismo), difundido na Antropologia entre os anos 1920 e 1990, que considerava a sexualidade como uma categoria universal, biologicamente determinada, mantendo leituras marcadas pelo binarismo cultura-natureza. Vance (1991), ainda que com a marca biologizante e as limitações dualistas⁹, considera que esse Modelo foi importante para as reflexões construcionistas por possibilitar um movimento inicial de reconhecimento das variabilidades culturais do sexo.

O Construcionismo aparece também como um conjunto de noções que colaboraram para compreender o sexo com base no discurso. Ressalta a terceira corrente apresentada, ou seja, não destaca em suas análises a idéia de essência e ontologia, e busca entender os efeitos dos modos de dizer sobre o desejo, o corpo e o sexo. Revela-se na possibilidade de rever conceitos rígidos como o da identidade sexual, bem como das patologias associadas à sexualidade. Modifica a noção de indivíduo nas lógicas

⁹ Uma ilustração dessa perspectiva pode ser encontrada no famoso caso Brenda/Brandon. O livro 'Sexo Trocado: a História Real do Menino Criado Como Menina', de John Colapinto, é uma referência comum sobre esse assunto no Brasil. Ele relata a história de David Reimer que teve seu pênis mutilado, com um ano de vida, numa cirurgia de circuncisão. Foi, então, submetido a uma cirurgia para construção de uma neovagina realizada pelo pesquisador John Money e se tornou um destaque nos trabalhos publicados por ele, na defesa da teoria de que, na formação da identidade de gênero, os fatores ambientais após o nascimento seriam mais importantes e decisivos do que as influências biológicas. Nessa explicação, prevalece, contudo, uma dicotomia natureza-cultura.

individualistas e racionalistas e passa a entendê-lo como constituído em um processo social que gera inteligibilidade mútua (Gergen, 1996).

Associa-se, ainda, à noção de uma sexualidade transitória, reinventada e refeita a cada nova interação e momento histórico. McIntosh (1968) é pioneira a pensar a leitura construcionista relacionada à identidade sexual em seu trabalho dedicado a problematizar o papel da homossexualidade na Inglaterra. Outra referência marcante é a dos autores norte americanos Gagnon e Simon (1973 citados por Delamater & Hyde, 1998), que introduziram o pensamento construcionista na sexualidade, ainda que numa esfera que recebeu pouca visibilidade na época. O trabalho que desenvolveram no livro 'Sexual Conducts', de 1973, questionava o princípio da universalidade sexual.

O Construcionismo Social como uma (re)invenção teórica atenta para a multiplicidade, incentiva o uso de estratégias discursivas que implodam os conceitos capturados pela coerência binária, pelos dualismos e aqueles legitimados através da matriz da heterossexualidade compulsória.

Dentre os apontamentos e os diálogos possíveis no campo do construcionismo e da sexualidade, Judith Butler (1999) destaca que o debate essencialismo *versus* construcionismo deve ser lido de forma cuidadosa, pois, em si, também pode gerar dualismos que excluem potencialmente outros sentidos. Para a autora, quando se enuncia um discurso, o outro deixa de ser dito, sem significar, no entanto, que esse último, o excluído, deixou de existir. Não no sentido ontológico da existência, mas no sentido potencial de sua produção. Reconhecer, por exemplo, a existência da matriz heteronormativa para posicionar a sexualidade na sociedade, não significa que essa seja a matriz singular e opere da mesma forma em todos os contextos. Butler (1999) remete a crítica ao determinismo que o próprio discurso pode promover.

Com influências pós-estruturalistas e pós-modernistas, Butler (2003) vincula-se a inquietações teóricas promovidas pela teoria *Queer*, apresentando importantes críticas aos conceitos que fixam a identidade e as políticas de identidade. Conforme aponta Gamson (2006), formula-se uma desconfiança permanente das “grandes narrativas”. A teoria *queer* sofreu influências (e influenciou) o construcionismo nesse campo, mas forja seu próprio “lugar” teórico.¹⁰ A aproximação entre o Construcionismo e a teoria *Queer* fortalece o convite reflexivo ao somar as intenções no questionamento das produções de mulher, homem, gays, lésbicas¹¹, travestis. Conforma em si uma explosão de novos sentidos na busca por uma constante (re)visão de lugares (Louro, 2008).

No Brasil, os estudos que associam o Construcionismo ao campo da sexualidade e à Psicologia são numericamente restritos, com especial destaque para as contribuições de Vera Paiva (2008), que tem se dedicado à reflexão sobre as relações de gênero e sexualidade vinculadas aos aspectos psicossociais das tecnologias de promoção à saúde, principalmente aquelas voltadas para a Aids. Em Portugal, Nogueira (2001b) e Amâncio (2003) têm contribuído significativamente com o campo teórico na interface entre Psicologia, Sexualidade e Construcionismo, problematizando a pesquisa de caráter universal, para centrar-se na produção de conhecimento que considere a transformação social e a emergência de novas formas de ação, questionando: “por meio de que estruturas institucionais, práticas sociais e culturais, códigos lingüísticos e padrões de inter-relação social a sexualidade torna-se um constructo social? Porque é que só algumas definições acerca da sexualidade são incorporadas a nossa identidade?” (Nogueira, 2011b, p. 149).

¹⁰ Ainda que não seja o interesse do presente trabalho se dedicar ao aprofundamento da teoria *Queer*, é fundamental reconhecer sua importância no debate contemporâneo sobre sexualidade.

¹¹ Podemos remeter ao estudo de Kath Weston (1996) *Render me, gender me*. Nesse trabalho, as categorias lésbicas como andróginas, *butch* e *femme*, são redimensionadas para além das representações identitárias. O estudo não privilegia a voz do autor e o leitor passa a fazer parte da construção, interpretando para o si o seu gênero, com a noção de que: “Qualquer coisa e qualquer pessoa pode receber a marca de gênero de diversas maneiras”. (Weston 1996, citado por Gamson 2006).

Com posicionamentos semelhantes e valendo-se de um lugar transdisciplinar, teóricos brasileiros vêm dando visibilidade às produções no campo da sexualidade que se aproximam de uma leitura crítica e reflexiva, principalmente pela via da Psicologia Social, nos diálogos com Foucault, com a teoria *Queer*, e com o próprio construcionismo, conformando uma frente crítica à Psicologia tradicional. (Lago, Toneli, Berias, et al, 2008). Os recortes que influenciam essas produções são voltados à implicação política, aos movimentos sociais LGBT, bem como às discussões em interface com o feminismo, com a construção da masculinidade, feminilidade e transexualidade.

Por meio dessas contribuições teóricas, demarco os pressupostos gerais acerca da sexualidade nessa pesquisa. Três aspectos devem ser ressaltados: a ênfase discursiva e histórica para a compreensão da sexualidade; a marca da matriz heterossexual que coloca as pessoas que a subvertem em espaços de tensão e inadequação; bem como o embate frente ao essencialismo e às perspectivas que naturalizam o sexo.

Tendo em vista esses pressupostos, esclareço ainda que para essa pesquisa, em oposição ao essencialismo, perguntas que buscam a causa de alguém tornar-se uma travesti ou um homossexual não constituem o interesse teórico ou metodológico. A busca de causalidade como perspectiva de explicação de ser travesti e homossexual esteve historicamente associada a perspectivas naturalizantes de cunho psicopatológico e criminalizante. Faço aqui uma digressão para incluir um questionamento de Lewontin¹² sobre as implicações políticas das pesquisas no campo da homossexualidade. Para o autor, as perguntas que produzem conhecimento não são neutras e tem uma implicação política:

¹² Geneticista populacional, que atua em Harvard, em entrevista a Chandler Burr.

Qual diferença faz saber quais genes afetam a orientação sexual? Absolutamente nenhuma. Isso é o que digo aos meus amigos gays e é isso o que eles me dizem. Você tem esse cara da direita (se remetendo a um colunista conservador do Jornal de Washington) que achava que uma determinada orientação era má, mas, agora que ele sabe ser genética, acha isso legal [...]. Ele deve ser uma das pouquíssimas pessoas no mundo que se convenceu de que alguma coisa não é defeituosa por ser biológica.[...]. E mais, você tem que entender o que a pesquisa determina. Primeiro, que a orientação sexual é ruim e deveria ser mudada. [...]. Se você não tem esse ponto de vista porque deveria se preocupar com tudo isso? (Lewontin, 1998, p.353)

Lewontin afirma que a busca de uma origem necessariamente implicaria numa busca de intervenção e acrescenta que a motivação para tanto perpassa pela idéia de que ser gay é algo ruim e, sendo assim, a justificativa biológica colaboraria para que a população deixasse de culpabilizá-lo. Mas de fato, como ressalta o autor: as descobertas sobre a causa biológica da homossexualidade promoveriam o reconhecimento das pessoas que rompem com a heterossexualidade? Uma questão que por si já ganha um *status* político, histórico e social para além da descoberta biológica e do discurso naturalista. O percurso é, portanto, baseado no entendimento de que as perguntas e respostas construídas trazem implicações e conseqüências segundo um contexto histórico específico.

2.1 Sexo, gênero e corpo: no plural

Reconhecer a pluralidade de sujeitos, corpos e práticas que transitam num mesmo tempo, espaço e relações é também assumir o desafio de enfrentar a hegemonia do discurso essencialista e a segurança dos argumentos ancorados nas certezas da Biologia. Para o momento, com base nos pressupostos construcionistas e nos teóricos que se aproximam de uma visão histórica e discursiva sobre os conceitos do campo da sexualidade, apresentarei os sentidos sobre o sexo, o gênero e os corpos. Esses

vocabulários são comumente utilizados e estabelecem uma rede de significados que fundamentam o estudo.

O conceito de gênero marcou as discussões no campo da sexualidade. Ele surgiu da influência do movimento feminista que desde a década de 70 se dedicou maciçamente a questionar a naturalidade da desigualdade entre os sexos e coroou o termo gênero, como uma categoria a ser estudada para pensar a questão da sexualidade (Paiva, 2008).

É interessante situar que, ao longo da história e das diversas produções teóricas acerca da sexualidade, aparece uma distinção entre os conceitos de sexo e gênero (Laqueur, 2001). O sexo referencia aspectos biológicos, associado diretamente ao órgão sexual, e remonta à materialidade inegável dos sujeitos e seus corpos. Já o gênero, por meio da marca feminista, passa a ser associado à interpretação cultural do sexo, à maneira como os indivíduos posicionam-se socialmente, como vivenciam seus corpos culturalmente, ou seja, demarca a interpretação múltipla do sexo, que não é caracterizado independentemente dele, mas amplifica a possibilidade binária (feminino ou masculino).

O uso do termo 'gênero' na Psicologia data também da década de 1970, e o percurso acompanha o movimento histórico dessa ciência, passando, por exemplo, pela Teoria do Papel Social de Alice Eagly, em que as diferenças entre homens e mulheres remetem ao aprendizado de papéis sociais pela criança em seu desenvolvimento (Nogueira, 2001). As problematizações acerca da sexualidade iniciam-se mais em outros campos como a História, a Linguística e a Antropologia do que na Psicologia, que ao contrário demonstrou resistência à apropriação do termo 'gênero' com um sentido histórico e não dicotômico, mostrando-se incapaz, naquele momento, de

reconhecer as demandas do movimento social que já pressionava a academia a revisar o entendimento sobre a sexualidade.

Referencio o texto de Rhoda Unger (1979) como importante marco na Psicologia Social por problematizar as diferenças entre os termos sexo e gênero, em especial, o uso que os psicólogos faziam desses termos e seus diferentes desdobramentos. A autora ressalta o reconhecimento de que os psicólogos, predominantemente, relacionavam as diferenças sexuais às diferenças biológicas e estruturais no corpo, como, por exemplo, nos lobos cerebrais.

Conforme Nuerneberg (2008), nos anos 1970, as discussões no campo da Psicologia Social tendiam a negligenciar os aspectos contextuais e históricos. Mesmo com a influência do feminismo em suas diferentes fases, foram desenvolvidas pesquisas voltadas para o preconceito e estereótipo, considerando o gênero como um atributo interno. Nas décadas de 1980 e 1990, tanto na Europa quanto nos Estados Unidos, o gênero não era abordado em sua dimensão ideológica e conceitual, sendo ligado meramente a uma variável experimental, com ênfase em bases cognitivas. A partir da década de 1990, a análise das representações sociais relacionadas ao gênero ganhou espaço no entendimento das diferenças simbólicas entre homens e mulheres na Psicologia Social e recentemente, com o Construcionismo, temos o deslocamento mais veemente do foco individual e a crítica ao modelo tradicional.

Amâncio (2003) pondera que nos anos 1980, o gênero aparece no discurso político-institucional por meio da inclusão do termo nas políticas públicas e cartas de Direitos Humanos vinculados às Nações Unidas e ao debate dos direitos das mulheres. No entanto, temos desafios causados pela confusão em torno do conceito de gênero, muitas vezes usado como sinônimo de sexo nesses documentos. Essa confusão ressoou no campo científico.

Esta fronteira conceitual entre sexo e gênero envolve problematizações epistemológicas ligadas às posturas ora essencialistas, ora históricas e sociais (Butler, 2003). Prevalece, no presente estudo, a aproximação de sexo e gênero como possibilidades discursivas e simbólicas mescladas, e não de uma demarcação do biológico versus cultural. A crítica à diferenciação construída entre gênero e sexo, ressaltada por Butler (2003) e Laqueur (2001), está em questionar a naturalidade do sexo, entendendo que só é possível explicá-lo dentro de um contexto situacional: “as diferenças naturais são verdadeiramente culturais” (Laqueur, 2001, p. 23). Implica, pois, em múltiplas combinações, dada as diferentes construções performáticas¹³ nas escolhas e no “fazer” gênero (Butler, 2003).

Laqueur (2001), como historiador, construiu uma versão sobre a história do sexo no ocidente. Ele considera que antes do século XVII acreditava-se na existência de um sexo único para homens e mulheres e a interpretação da diferenciação sexual era fundamentalmente social e não ontológica. A distinção entre homens e mulheres era mantida pela posição social. Nesse sentido, os órgãos sexuais das mulheres foram “lidos” a partir da noção de um sexo único, ou seja, idênticos aos dos homens, porém sem a energia suficiente para desabrochar. O autor convidava a pensar nos efeitos dessa afirmação para mulheres e homens durante o tempo em que a crença vigorou, e em que contexto histórico esse discurso teve a possibilidade de emergir. O homem era a medida de todas as coisas, e a mulher não existia como uma categoria distinta. O padrão do corpo humano e seus significados era o corpo masculino.

A partir de meados do século XVIII, o modelo de sexos distintos aparece não menos permeado por funções sociais: as diferenças anatômicas e fisiológicas concretas

¹³ Performance é um conceito apropriado por Judith Butler. A teórica foi influenciada pelos estudos dos atos de linguagem (*speech acts* descrita pelo filósofo britânico Austin) no sentido de que certas enunciações de cerimônia desempenham ações, por exemplo, o batizado, o casamento, a sentença jurídica. A teoria foi adaptada por Butler para tratar do gênero e descreve como ele é produzido como um efeito de discursos repetidos e ritualizados (Spargo, 2006).

entre homens e mulheres só foram evidenciadas quando se tornaram politicamente relevantes (Laqueur, 2001). Isso se processa por mudanças no entendimento do mundo que passa a ser influenciado pela competição, pelo conservadorismo, pela divisão do trabalho, em que espaços na fábrica para mulheres e homens foram delimitados e não mais pelo entendimento do corpo como um microcosmo, análogo à natureza.

A suposta separação entre sexo e gênero, como apresentada e posteriormente problematizada por Butler e Laqueur, remete à divisão dualista entre a natureza e a cultura. Essa distinção também reverberou nas noções sobre o corpo. O corpo vinculou-se diretamente à visão natural do sexo, é no corpo que se localiza o pênis e a vagina, sendo, pois, formas materiais *a priori*. É ainda um dos grandes desafios teóricos lidar com o limite entre a linguagem e a realidade extralingüística, como aponta Laqueur (2001). Tensões que acompanham a produção do conhecimento feminista e dos teóricos que se dedicam a pensar esses conceitos (Butler, 2003; Laqueur, 2001; Sterling, 2001).

A historiadora Bárbara Duden (1991) se dedicou a investigar a percepção do corpo e das doenças das mulheres em manuais médicos do século XVII e discute sua dificuldade ao destacar que o “o corpo foi expulso da história”. Percebeu a dicotomia entre o corpo e seu meio, situados em oposição.

Anne Fausto-Sterling (2001) apresenta, como bióloga e estudiosa do feminino, os efeitos do embate entre corpo físico e corpo social e defende a necessidade de desgastar as distinções entre eles. Essas oposições fundamentam o que a autora nomeia como o “uso de dualismos”, os quais presumem um uso hierárquico e excluem possibilidades de estudos que podem enriquecer o campo da sexualidade.

Judith Butler (1993) contribui para essa discussão problematizando o silenciamento sobre o corpo material. Com seu viés questionador, analisa como o corpo

material foi se constituindo apenas como receptor passivo de elementos culturais e não em um espaço de tensões e disputas em construção.

Essas divergências teóricas demonstram que o corpo é também um espaço de disputa. O jogo é de problematizar o corpo como ação e efeito e não apenas como um elemento neutro e pré-existente, no qual reside a origem da diferença entre os sexos. Os corpos são entendidos como elementos de discursos que encontram limites e desafios na polifonia de saberes e também na materialidade incorporada, ou seja, são passíveis de decodificação a partir de sua imersão no sistema de gênero negociado socialmente, e possibilitam a (re)produção de sentidos e linguagens. O corpo é um tópico a ser considerado e não a origem das significações sobre a sexualidade (Louro, 2008). As lógicas entre corpo, sexo e gênero se encontram nos dilemas da realidade–linguagem, remontando às discussões nos campos das ciências humanas, da saúde e ciências exatas que estão ligadas às posições realistas, relativistas e interacionistas.¹⁴

No estudo em questão, a materialidade do corpo, os efeitos dos desejos, as implicações do uso dos hormônios e das intervenções cirúrgicas, são elementos constitutivos do léxico discursivo do universo travesti e fornecem elementos para pensar os processos de construção de sentidos sobre o corpo, o sexo, o gênero. O fundamental em problematizar as categorias sexo, gênero e corpo é pela possibilidade de rever as estruturas que as sustentam e, ao mesmo tempo, as que as afastam das polaridades: feminino, masculino, vagina, pênis... Constructos que, vistos na vida travesti, enveredam em misturas inventivas e criativas, no corpo e no cotidiano. Legitimam e questionam o novo e o velho, o que é polar e o que é junto. O feminino e masculino se

¹⁴ Edwards, Ashmore e Potter (1995), no texto '*Death and Furniture: the rethoric, politics and theology of bottom line arguments against relativism*' contrapõem as críticas ao relativismo pelo realismo e pragmatismo. Esse texto mostra parte dessa tensão que nesta pesquisa vemos ser presente também nos conceitos de sexo, corpo e gênero.

chocam com o limite discursivo, refletidos na hipótese da ausência de um vocabulário que abarque tal complexidade.

2. Travestis em tons e notas...

2.1 Travestis: riquezas de nomes, lutas e histórias

É um risco prender o conceito do que seja travesti em um vocabulário prático e universal. As recentes discussões no campo da sexualidade convidam ao trânsito e às negociações de sentidos para além da suposta coerência heterossexual. As travestis corporificam o trânsito: masculino e feminino sem se restringirem nessas polaridades. Elas potencialmente recriam lugares e desordenam posições que outrora eram dadas como fixas e estáveis.

A suposta “desordem” no universo travesti está em reclamar pelo feminino num outro nível: as travestis não reivindicam, em geral, a cirurgia de redesignação de sexo como as transexuais¹⁵, preferindo manter a genitália masculina. Fazem de si a própria ambiguidade, na fronteira dos gêneros. “Desordem” pode ser entendida, não no sentido da patologia, ou como antônimo à suposta ordem normal, mas significada como uma subversão dos pólos masculino e feminino (Butler, 2003).

O termo travesti, em sua diversidade, foi analisado por Jorge Leite Junior (2008). O autor percebe que em diferentes contextos, seja o da militância, o científico, seja o do senso comum, os discursos sobre elas estão diretamente vinculados aos discursos sobre as transexuais. Os limites entre os termos acabaram borrados e convidam a outros repertórios, que também se associam aos de homossexuais, mulheres e *drag queens*. Essas delimitações fluídas aparecem na pesquisa de campo e também

¹⁵ As travestis reivindicam um feminino diferente daquele das mulheres e das transexuais que, em geral, o buscam pela via da “adequação” à mulher, com referência aos procedimentos médicos. A cirurgia de redesignação sexual é uma das reivindicações das transexuais, mas não é condicionante para a vinculação nessa categoria identitária. A discussão é contemplada no trabalho de Teixeira (2009). A autora pontua a importância na revisão da cirurgia e da autorização médica no processo transexualizador por conformarem limitações a essas formas de existências.

nos discursos auto referenciados por travestis e transexuais. Esse movimento, que implode uma identidade fixa, demonstra a recriação constante da posição das travestis e das matrizes identitárias no seu entorno.

As travestis ressoam em personagens das Bacantes de Eurípedes, de 450 a.C. (Vieira, 2003) e nos escritos clássicos via figuras andróginas como a do Deus Hermafrodito, filho de Hermes e Afrodite. Segundo Leite Junior (2008), a Androgenia recebeu novas representações na Idade Média e no Renascimento, mas desde a antiguidade grega até o período renascentista a ambiguidade sexual relacionava-se diretamente ao mundo espiritual e fantástico, a criaturas mágicas e inspiradoras. Identificou-se a valorização do uso discursivo da androgenia entre os representantes do poder, como a Rainha Inglesa Elizabeth, no século XVI, que usava retoricamente termos masculinos para se auto-identificar: tratava a si com a força de um rei ou como um marido, ainda que reconhecida como a rainha virgem (Laqueur, 2001).

Leite Junior demonstra que, no fim do século XVII, a mudança paradigmática possível com a Modernidade provoca efeitos no entendimento sobre as travestis reverberando até os dias atuais (2008, p. 15):

Com o advento da modernidade e toda a mudança política, econômica, social e epistemológica que esta trouxe, a existência mágica e sobrenatural é – quase completa e definitivamente – afastada da cultura “oficial” que, desde o século XVII, estrutura-se então como racionalista e científica. Desta maneira, a figura do hermafrodita perde seu lugar como representação de uma ordem superior, ao mesmo tempo perigosa e saudosista. Surge então o pseudo-hermafrodita, longe dos deuses, filho da modernidade, da medicina e da “ciência sexual”. Não mais um “prodígio” da natureza, mas um “desvio” desta.

As travestis, ao mesclarem sentidos impregnados pelas marcas históricas do seu tempo, foram discursivamente situadas no lugar de desvio patológico, pela influência

dos saberes legitimados e (re)produzidos.¹⁶ Ao mesmo tempo, demarcam um lugar questionador por transgredir a lógica do sexo naturalizado e também por desejar e reinventar um feminino predominantemente demarcado e aceito no corpo e modos de Mulher. Ao contrário de Elizabeth da Inglaterra, elas querem se “dizer” rainhas.

A definição sobre o gênero, construída entre as travestis, é constantemente revisitada, podendo ser capturada nas diferentes (re)definições propostas pelo movimento social de travestis e transexuais¹⁷, bem como nas construções teóricas em torno desse público. Nas construções teóricas são concebidas, por exemplo, formulações que tratam as travestis como ‘corpos fluídos em gêneros rígidos’. Essa discussão, iniciada por Benedetti (2005) e retomada por Pelucio (2007), é no sentido de que as travestis compartilham de uma perspectiva de gênero rígida e binária, ainda baseada em noções essencialistas e naturalizadas sobre suas identidades. A fluidez e ambiguidade estariam em seus corpos, que portam o masculino e o feminino como atributos. Para esses autores, é na figura estampada e performada em seus corpos e práticas que elas propõem outra lógica de gênero que não a matriz heteronormativa.

O termo “travesti” singulariza essas pessoas em nosso país. Em outros países, principalmente da Europa, o termo travesti é empregado de forma pejorativa, sendo que algumas pessoas se sentem ofendidas quando referenciadas assim¹⁸. O termo adotado, que parece ser consensual entre aquelas, é o de pessoas “trans”. No Brasil, o espaço de

¹⁶ Na Classificação Estatística Internacional de Doenças e Problemas Relacionados à Saúde - CID-10 (2010) as travestis são vinculadas ao diagnóstico de travestismo bivalente (F. 64.1) e ao de travestismo fetichista (F. 65.1).

¹⁷ O movimento abarca travestis e transexuais, ainda que com as diferenças internas. Podemos associar ao que Scott (1992) apresenta sobre o movimento das mulheres: Não há um grupo unívoco de mulheres, mas possibilidades situadas de união para tratar de objetivos comuns. Assim, também não se percebe um grupo unívoco no universo das travestis e transexuais. São lugares identitários bem ressaltados e conflituosos, ainda que possam se amparar em determinadas situações.

¹⁸ Durante a minha apresentação no I Primo Convegno Internazionale su Género, Migrazione, e Vulnerabilità: Università, Sindicato e Terzo Settore insemie per lo sviluppo delle politiche pubbliche, (Trans-Migranti) realizado em Milão no dia vinte oito de maio do ano de 2010, uma das participantes da platéia, uma brasileira que vive na Itália, interrompeu minha fala, de forma marcante, solicitando a correção do termo “travesti”. O trabalho de Piscitelli e Teixeira (2010) enfatiza a diferença e a disputa na nomenclatura utilizada na Europa e no Brasil ao se referir a transexuais, travestis e transgêneros.

disputa está na distinção entre os termos travesti e transexual. São reivindicações que demarcam lugares sociais, ou seja, o fato de as travestis e transexuais estabelecerem fronteiras discursivamente não significa apenas uma distinção no campo nominal. Nessas negociações, por exemplo, ser travesti está mais relacionado com a marginalidade e ser transexual com a patologia. Há uma luta política pela (re)significação destes termos. As campanhas da Articulação Nacional de Travestis e Transexuais (ANTRA) financiadas pelo Ministério da Saúde são exemplos desta busca por (re)significação¹⁹ em que o caminho escolhido foi o de ampliar as possibilidades de sentidos para o termo travesti e não negá-lo, a exemplo do convite realizado por Butler ao propor a (re)invenção do termo *queer*.²⁰

No entanto, as disputas internas pelos usos dos nomes demonstram um território indefinido, com fronteiras borradas no cotidiano de suas relações, ainda que as diferenciações sejam compartilhadas nos diferentes espaços (Leite Junior, 2008). Como pude observar durante a intervenção de duas pessoas no Encontro Nacional de Travestis e Transexuais na Luta contra a Aids (ENTLAIDS)²¹, para a transexual: “eu me espelho numa mulher” e para a travesti: “eu me espelho numa travesti, não me defino pelos padrões”.

O gênero construído e negociado entre as travestis é situado nesse tempo e parte dele se constitui pelo projeto das travestis de se (re)construírem na perspectiva do alcance de um ‘glamour’, que reconhece a beleza no espaço do feminino. Entretanto,

¹⁹ Como exemplo da campanha: *Sou travesti. Tenho direito de ser quem eu sou* de 2010 e a Campanha *Travesti e Respeito* de 2002. Para visualizar as campanhas ver o sítio: <http://www.aids.gov.br/pagina/campanhas>

²⁰ Para aprofundamento na discussão proposta por Judith Butler, sugiro a leitura do livro ‘Deshacer el Género’, (2006).

²¹ Décima sétima edição do Encontro, que aconteceu na cidade de Aracaju, entre os dias 16 e 19 de novembro de 2010 com o tema: A Conquista da Cidadania pelo fim da Transfobia. O primeiro Encontro Nacional de Travestis e Transexuais ocorreu em 1992, na cidade do Rio de Janeiro organizado pela Associação de Travestis (ASTRAL), hoje Associação Nacional de Travestis e Transexuais (ANTRA).

este feminino reivindicado não é um feminino qualquer. Conforme aponta Benedetti (2005, p. 96):

O feminino travesti não é o feminino das mulheres, é um feminino que não abdica de características masculinas, porque se constitui num constante fluir entre esses pólos, quase como se cada contexto ou situação propiciasse uma mistura específica dos ingredientes de gênero.

Em outras palavras, as travestis se encontram na fronteira, em negociação (Peres, 2005). E o discurso aparente sobre o tornar-se travesti parece ser suficiente para referendar o lugar do humano. As travestis, aparentemente, traduzem o projeto de vida na busca pela beleza e num encontro com o feminino, que segundo elas, dão sentidos as suas práticas consideradas “positivas”, como o relato de Princesa (Albuquerque & Jannelli, 1995, p.63): “Me exibo no feminino. Fernanda é um show”. Nessa lógica, as travestis compartilham a beleza e a busca pelo feminino, mas também encontram nas suas escolhas, o vínculo com a patologia e a exclusão. No entanto, é nesse espaço que também se produz o que Butler (2003) conceituou como abjeção. Abjeção, para a autora, se relaciona “a todo tipo de corpos cujas vidas, não são consideradas vidas, e cuja materialidade é entendida como “não importante” (Prins & Meijeri, 2002, p.161). É um conceito que Pelúcio (2007) associa às travestis, que após terem seus corpos modificados, passam a ocupar zonas inóspitas, ou seja, espaços que abarcam corpos que não estão dentro da lógica inteligível das normas de gênero: zonas inabitadas

Figueiredo (2008) descreve o desejo de uma travesti de ser invisível “assim como um sujeito comum”, para então, poder ser visível politicamente, como cidadã. Para essa travesti, a sociedade a enxerga de tal maneira que passa a identificá-la e caracterizá-la como incomum. A diferença, nesse caso, é que a construção social em torno das travestis envolve o preconceito, a lógica da exclusão e nos leva ao entendimento de que ser vista não necessariamente é ser reconhecida.

Os jogos de (in)visibilidade produzem, entre as travestis, repertórios pejorativos vinculados à desqualificação social, educacional, laboral e das práticas sexuais. O reconhecimento possível vincula-se a uma visão escandalosa, sexual, noturna e patológica.

A percepção hegemônica e o posicionamento histórico num lugar “daquele que nada tem a dizer” não é condição suficiente para posicioná-las como vítimas. As travestis, ainda que em meio a um discurso contraditório, valorizam a construção escolhida, revitalizam em suas práticas a expectativa de serem vistas, desejadas e reconhecidas. O desejo da travesti de se tornar invisível, relatado no trabalho de Figueiredo (2008), possibilita pensar que a reivindicação da mesma é por tornar-se igual, invisibilizar-se a partir da igualdade de direitos, ser incluída no léxico de pertencimento ao humano.

Nesse lugar (in)subordinado, as travestis buscam desde 1993 uma organização política no Brasil por meio de encontros nacionais e regionais. Em 2000, fundaram a Articulação Nacional de Travestis, Transexuais e Transgêneros (ANTRA) com o objetivo de demarcar um espaço de diálogo e defesa dos seus direitos, ainda que o foco fosse no enfrentamento da epidemia da Aids. O movimento social como espaço de formação política e produção de novos discursos sobre as travestis favorecem outras formas de representação. Por meio dele, as travestis conquistaram, juntamente com outros segmentos do movimento LGBT²², efetiva participação no planejamento e implantação de Políticas Públicas nos diferentes níveis de gestão²³. Especificamente, as travestis têm se articulado, através da realização de um encontro anual e nacional –

²² Lésbicas, Gays, Bissexuais, Travestis e Transexuais. Para aprofundamento no histórico de constituição e lutas do movimento sugiro a leitura de Regina Facchini no livro ‘Sopa de letrinhas: Movimento homossexual e a produção de identidades coletivas nos anos 90’ (2005).

²³ Como exemplo, o Programa ‘Brasil sem Homofobia: na luta pelo direito à dignidade e ao respeito à diferença’ de 2004. Programa reiterado no lançamento do Plano Nacional de Direitos Humanos LGBT, em 2009. Além do Plano de Enfrentamento do HIV/Aids entre o público de Lésbicas, Gays, Bissexuais, Travestis e Transexuais (LGBT), publicado em março de 2008 e a Política Nacional de Saúde Integral de LGBT, de 2008.

ENTLAIDS - e dos encontros regionais, para construir e analisar propostas que atendam suas demandas, bem como desenvolvem projetos como o Tulipa, em 2006, que visou empoderar lideranças pelo Brasil²⁴.

Embora a formação política seja um fator significativo no cenário das travestis, ainda são muitos os desafios que acompanham esse público no Brasil. Em termos de garantia de direitos, destaco alguns avanços como o reconhecimento do nome social²⁵ nos serviços do Sistema Único de Saúde (SUS), bem como nas instituições de ensino e trabalho de alguns estados e cidades brasileiras²⁶.

Os avanços no estabelecimento de pautas específicas, admitidas como Políticas de Governo, não asseguram o acesso a esses direitos. Outros desafios integram a pauta de reivindicações, como reconhecimento da identidade de gênero nos sistemas penitenciários, nas alas hospitalares, nas escolas e nas decisões judiciais.

Outro fator agravante é o silêncio e invisibilidade da categoria de travestis produzidos nos boletins epidemiológicos²⁷ e mesmo em estatísticas governamentais, como, por exemplo, nos dados penitenciários divulgados pelo Ministério da Justiça que

²⁴ Dia 29 de janeiro é comemorado nacionalmente o Dia da Visibilidade Trans. As travestis desenvolvem atividades para promover o reconhecimento político e social de seus pares. Em Uberlândia, as travestis, desde 2009, ano da fundação da ONG Triângulo Trans, realizam nesse dia intervenções educativas e informativas nos terminais de ônibus que concentram um movimento significativo de transeuntes.

²⁵ O nome social é o nome escolhido por uma pessoa para ser identificada socialmente, da maneira como se vê no mundo, sendo diferente do nome civil, registrado nos documentos pessoais. Foi pauta central do 16º Encontro Nacional de Travestis e Transexuais, no ano de 2009: “Muito prazer eu existo”.

²⁶ Portaria 676 de 2006, que garante o nome social no SUS, revogada e reiterada pela Portaria 1820/09, manteve o direito ao nome social na carta aos usuários do SUS. Além dos serviços de saúde, em nove estados (Santa Catarina, Paraná, São Paulo, Rio de Janeiro, Bahia, Paraíba, Pará, Goiás e Alagoas) portarias garantem o nome social nas escolas. Em Minas Gerais, a secretária estadual ainda não reconheceu, mas a cidade de São João Del Rei/MG, por meio da portaria 3902 de 2009, garante o nome social na administração pública e na iniciativa privada. A portaria 041/2009 garante às travestis e transexuais o registro pelo nome social nos serviços de atendimento das unidades da Secretaria do Estado do Desenvolvimento Humano na Paraíba. A Portaria 233/2010, publicada no Diário Oficial da União de 19 de maio de 2010, estabeleceu orientações para o uso do nome social por servidores públicos federais transexuais e travestis. Para visualizar as portarias e decretos ver: <http://www.abglt.org.br/port/nomesocial.php>

²⁷ Nesse enredo, as travestis integram a população de homens, o que dificulta mapear qual a parcela da população é de travestis.

informam que em Minas Gerais existem cerca de 3 % de mulheres e 97% de homens em regime fechado, sendo que as travestis e transexuais se dissolvem nesse último²⁸.

É nas reinvenções do gênero de travestis, em suas lógicas de visibilidade, e também pelo compromisso social com suas demandas que situo essa proposta de pesquisa. Os discursos acadêmicos que se direcionam a esse universo constituem também possibilidades para o reconhecimento e visibilidade das travestis.

2.1 Os discursos sobre travestis nas Ciências Humanas

Na compreensão dos discursos produzidos sobre travestis, a academia aparece com um marcador fundamental. Escolho dois campos das Ciências Humanas para contextualizar o que se tem produzido acerca das travestis: a Antropologia e a Psicologia. A Antropologia porque é a pioneira em dar visibilidade às travestis e por centralizar a produtividade acadêmica sobre esse universo, privilegiando o método etnográfico (Silva, 1993; Oliveira, 1994). Já a Psicologia é o lugar de onde parto como pesquisadora, sendo imprescindível situar o que se produz nesse campo atualmente, para demarcar possíveis críticas, contribuições e estabelecer diálogos.

Nesse percurso, a Antropologia abarca produções que privilegiam o cotidiano das travestis e as descrições sobre seus modos de vida, sua cultura e seus rituais. O tempo do dia é enfatizado, sendo entendido por meio das descrições de cada período, desde o momento de acordar até o preparo para o trabalho. É interessante situar que são valorizados os aspectos exóticos e peculiares do dia-a-dia. O tempo curto do cotidiano

²⁸ Informações divulgadas nos Dados Consolidados do Sistema Penitenciário no Brasil de 2008. Disponível em: <http://portal.mj.gov.br/data/Pages/MJD574E9CEITEMIDC37B2AE94C6840068B1624D28407509CPTBRNN.htm>

vai configurando o tempo longo da vida, que pode ser entendido como a constituição da travesti ao longo de suas histórias, suas lembranças e seus desejos.

A partir das descrições do tempo do dia e do tempo da vida feitas pelas etnografias, é possível perceber que o investimento no processo de tornar-se uma travesti é material e simbólico, perpassa pelo distanciamento da família, até a reinserção no universo trans, que predominantemente percorre os espaços de prostituição e o contato com outras travestis. No percurso, vivenciam aventuras e embates associados ao aprendizado da “montagem”, às modificações corporais, ao uso do hormônio, do silicone, da maquiagem, do vestuário, e dos “truques” para cada vez mais serem vistas, e também reconhecidas no feminino travesti (Benedetti, 2005).

O primeiro trabalho desenvolvido sobre as travestis no Brasil²⁹ foi realizado na Lapa, Rio de Janeiro, pelo antropólogo Hélio Silva (1993), e permitiu uma aproximação singular e respeitosa com esse universo, sendo o pioneiro a atuar em um campo ainda desconhecido. Relata as dificuldades encontradas na aproximação com as travestis, situando a tentativa de fazer entrevistas a uma formalidade que não deu certo, com “histórias destituídas de humor” (1993, p. 150). Recorreu ao campo e à noção de que era necessário ficar imerso, se fazendo comum, frequentando bares e espaços compartilhados. A partir disso, produziu um trabalho que explicita a linguagem das travestis e explora os detalhes do dia-a-dia: manhã, tarde, noite. O antropólogo aborda a montagem do corpo, os casamentos feitos e desfeitos, as dinâmicas que permeiam a vida das travestis marcadas pelo cenário da prostituição, no mesmo contexto que inspirou a ópera do Malandro de Chico Buarque, em que a figura de uma travesti é destacada na personagem ‘Geni’.

²⁹ Como exemplo de etnografias em outros países, sugiro o trabalho de Josefina Fernandez (2004), *Cuerpos desobedientes: Travestismo e Identidad de gênero*, desenvolvido com travestis da Argentina. Nesse tópico, destaco apenas os trabalhos realizados no Brasil.

Já o trabalho de Oliveira (1994) foi realizado com travestis da cidade de Salvador, no Pelourinho. Ela é uma antropóloga que estabelece contato com as travestis no início da década de 1980, e pontua que ser mulher foi um fator favorável à aproximação. Seu trabalho investiga o universo da prostituição, ainda que adotando uma perspectiva abolicionista, da construção do desejo de ser mulher e o preço pago por essa construção. A autora coloca em foco as práticas eróticas e as lógicas econômicas que permeiam a construção da identidade travesti para se dedicarem à prostituição. Pontua, ainda, que as travestis são o espelho do que a autora chama de ambiguidade latente da cultura brasileira, que ressoa no carnaval, no mercado do sexo, no moral *versus* profano, no teatro e no candomblé. No entanto, ela concluiu que essa analogia, de que as travestis refletem nossa cultura, não livra esse segmento da restrição de direitos, da exclusão e do rechaço social.

Em ambos os trabalhos, as travestis são identificadas gramaticalmente pelo artigo definido “o”, contextualizando, na época, a ausência de uma organização política que reivindicasse o artigo definido “a”, como ocorre atualmente e é reconhecido pela academia.

Outra produção relevante no campo da Antropologia foi feita entre os anos de 1997 e 1998, por Don Kulick (2008), um antropólogo sueco. Essa etnografia também foi desenvolvida em Salvador e teve a participação de uma militante importante do movimento social de travestis no Brasil, atualmente. No trabalho, Kulick ressalta uma nova abordagem por considerar que ter se apresentado como gay colaborou no processo de aproximação com as travestis. O trabalho traz aspectos importantes em torno da violência, montagem do corpo, e atenta para as relações que as travestis estabelecem com os clientes. O autor singulariza-se por mostrar a visão de um estrangeiro a respeito do Brasil, ressaltando a pobreza e a desigualdade: “Encarei esses atos (violência entre as

travestis e os clientes) dentro do contexto de uma sociedade que é em si, brutal e violenta com suas classes baixas” (2008, p. 32). Além disso, começa a atentar para os processos migratórios de travestis desde a década de 70 para a Europa, que se constituiu como marca nas histórias das travestis brasileiras.

É interessante notar que os autores apontam que naquele momento o acesso às travestis para participação em pesquisa era uma questão que demandava justificativas dos pesquisadores, esforços e mesmo estratégias para um primeiro contato, evidenciando o lugar “exótico” que esse público mantinha em relação à sociedade.

Nessa última década, o deslocamento da posição “exotismo” das travestis parece não ter mudado significativamente. Exceção a trabalhos como o de Benedetti (2005), realizado em 2000 no Rio Grande do Sul, que embora inicialmente retrate o receio do antropólogo ao descer nos “pontos de batalha”³⁰ para fazer contato com as participantes, ressignifica depois o medo como compartilhado pelas travestis em função da vulnerabilidade vivenciada por elas no trabalho com a prostituição. Esse estudo é marcante por evidenciar o espaço ambíguo que as travestis têm ocupado no Brasil, em que ao mesmo tempo estão presentes preconceito, exclusão e movimentos que buscam novas vozes sobre as travestis, com foco no respeito à diversidade, como apresentado na figura da Articulação Nacional de Travestis, Transexuais e Transgêneros. Benedetti (2005) inova por fazer e justificar o uso do artigo feminino ao se referir às travestis, reconhecendo a demanda do movimento social organizado de travestis e transexuais.

Assim como o trabalho de Pelúcio (2007) realizado com as travestis de São Paulo. A abordagem em relação ao público foi mediada pelas ações de saúde do projeto “Tudo de Bom!”. O foco do seu trabalho envolve as questões de saúde e a maneira como as travestis têm aderido aos modelos e práticas de prevenção ao HIV/Aids. A

³⁰ Nome dado aos espaços de trabalho das travestis como profissionais do sexo.

antropóloga evidencia que o espaço da rua, onde a maioria das travestis exerce a prostituição, é um lugar estratégico para pensar ações preventivas e, ao mesmo tempo, remete essas ações à disciplinarização das travestis. O trabalho de Pelúcio ocorre em paralelo a uma atenção maior das políticas públicas de saúde no Brasil às travestis, principalmente do Departamento de DST Aids, ainda que permaneça como um desafio pensar a adesão desse segmento às estratégias disponíveis.

Uma publicação recente que para a reflexão sobre as travestis mostrou-se fundamental é o de Teixeira (2008). Ela se dedicou a evidenciar os processos migratórios de travestis do Brasil, em especial, para a Itália. Nesse trabalho, Teixeira aponta que o pouco reconhecimento da prostituição como um trabalho aumenta a vulnerabilidade das travestis em outros países, enfatizando que a ida das travestis para a Itália se configura mais como um desejo migratório do que ao entendimento de pessoas vitimizadas pelo tráfico. De forma pioneira, a autora descreve como as redes de amizade e afeto são citadas como relevantes nas formas de organização das travestis para o processo migratório. Ela apresenta que a escolha da travesti por permanecer na Itália, ou retornar para o Brasil, é marcada por projetos de vida, mas também por influências afetivas, como, por exemplo, o namoro existente entre travestis.³¹

É importante reconhecer, ainda, que 97% das travestis vivenciam a prostituição como um trabalho, conforme os dados divulgados na I Consulta Nacional sobre DST/Aids, Direitos Humanos e Prostituição, em Brasília, no ano de 2008. Nesse contexto, como ressaltam Benedetti (2005), Pelúcio (2007) e Teixeira (2008) a prostituição e a ‘batalha’ são meios importantes de sociabilidades para as travestis, ainda que não se faça regra que toda travesti seja profissional do sexo. Considerando o número significativo, existe um impasse e um problema para as travestis, uma vez que

³¹ É válido ressaltar que o namoro entre as travestis é pouco enfatizado nas etnografias apresentadas, sendo um tema que mesmo entre as travestis, aparece abafado, pois parte delas questiona e desvaloriza esses relacionamentos.

elas têm reconhecida a profissão na Classificação Brasileira de Ocupações³², mas sem que a mesma seja regulamentada. Outro fator é o impasse do Código Penal Brasileiro³³ que mantém a proibição de formar cooperativas e empresas para o exercício da prostituição. Essas restrições colaboram para o aumento da vulnerabilidade desse segmento, por configurar uma escolha profissional não legitimada socialmente e indefinida legalmente. De fato, essa escolha, conforme demonstram as etnografias, se amplia para além de uma profissão, pois ser profissional do sexo passa a constituir um modo de vida, ainda que um modo de vida marginalizado.

De um modo geral, nos estudos no campo da Antropologia, o modo de vida das travestis é retratado em seus pormenores, demonstrando a construção do feminino travesti, os contornos da linguagem compartilhada (o Bajubá³⁴) e a prostituição como marcadores nessa categoria de gênero (Silva, 1993; Benedetti, 2005). É importante ressaltar que o foco desses estudos engloba o sexo e as práticas de prostituição, legitimando o espaço de trabalho com o sexo como um lugar de pertencimento e reconhecimento social entre elas (Pelúcio, 2007). Assim, de forma ampla, os estudos citados enfatizam o complexo rua-travesti-prostituição-aids.

Ao contrário da Antropologia, no campo da Psicologia, a discussão em torno do gênero e, em especial sobre as travestis, tem envolvido posturas psicopatológicas que pouco abordam políticas de saúde, direitos humanos ou descrições que problematizam e situam esse segmento frente à sociedade (Cardoso, 2005). Nesse contexto, as travestis são associadas ao diagnóstico baseado na psicopatologia geral, com referência à

³² Código: 5198-05, Profissional do sexo. Refere-se à Garota de programa, Garoto de programa, Meretriz, Messalina, Michê, Mulher da vida, Prostituta, Trabalhador do sexo. Disponível em: <http://www.mteco.gov.br/cbosite/pages/pesquisas/BuscaPorTituloResultado.jsf>

³³ Artigo 229 do Código Penal: “Manter, por conta própria ou de terceiro, estabelecimento em que ocorra exploração sexual, haja, ou não, intuito de lucro ou mediação direta do proprietário ou gerente: Pena - reclusão, de dois a cinco anos, e multa”.

³⁴ Bajubá ou “bate-bate” é a linguagem utilizada pelas travestis que mesclam palavras em português e também palavras oriundas do ioruba-nagô, língua de origem africana. É dinâmica e utilizada de forma restrita entre elas, só compartilhada e decifrada entre pessoas confiáveis e autorizadas.

categoria de fetichismo transvéstico, um transtorno sexual (Holmes, 1997). Vale destacar que o foco dado à psicopatologia nosográfica advém de uma lógica mantida nesse vértice pela própria Psicologia³⁵.

Na busca por produções e artigos na BVS-PSI (Biblioteca Virtual de Saúde – Psicologia), os descritores para encontrar trabalhos sobre as travestis também se associam a termos psicopatológicos como travestismo. Além desse viés, foi identificado um número reduzido de trabalhos nesse campo. Por exemplo, em levantamento bibliográfico realizado na base *Indexpsi*, foram encontrados apenas oito estudos com o descritor ‘travestismo’ e quatro com o termo ‘travestis’. Dentre os quatro, dois referenciam o trabalho do autor Garcia (2009), o terceiro refere um trabalho sobre travestismo masculino em Porto Rico, e o último referenciando as fantasias sexuais “dos” travestis. No *Scielo*, identifiquei doze trabalhos com o termo ‘travestis’. Do total, dez abarcam especificamente esse grupo. Dentre os dez trabalhos, somente um foi publicado em uma revista específica de Psicologia, a saber, o de Garcia (2009), sobre a construção do gênero de travestis de baixa renda, na Revista de Psicologia da Universidade de São Paulo.

Em termos de atuação profissional, a Psicologia tem respondido às demandas pelo respeito à diversidade sexual. No ano de 1999, o Conselho Federal de Psicologia (CFP) aprovou a Resolução nº1/1999 que dissocia a homossexualidade de uma patologia, condenando intervenções coercitivas ou corretivas em relação à orientação sexual. Porém, os termos travesti e transexual não são citados no documento. Atualmente, o CFP apresenta-se como apoiador da Associação de Lésbicas, Gays,

³⁵ Vale destacar que existem outras discussões no campo da psicopatologia fundamental que, em contrapartida à leitura nosográfica, possibilita aprofundar a visão de um sujeito que deseja e, por consequência, tem um sofrimento, independente da categoria de gênero ocupada, seja ela heterossexual ou homossexual. Essa leitura centra-se no campo da Psicanálise, que não é apresentada como um foco analítico desse estudo. Para tanto, remetemos ao trabalho de Márcia Áran (2006) que dialoga diretamente com a temática.

Bissexuais, Travestis e Transexuais (ABLGT), uma associação de destaque no movimento social em âmbito nacional.

O apoio do CFP, ainda que consideravelmente recente, tem respaldado ações profissionais no âmbito da diversidade sexual. Mas essa disposição não se reflete na produção acadêmica voltada para esse segmento. Apesar da pouca representatividade de produções sobre travestis, alguns trabalhos nesse campo e com perspectivas crítica e social têm ganhado visibilidade na Psicologia³⁶.

Em específico sobre as travestis, Peres (2005) é figura importante nesse movimento. O autor produziu um trabalho que se baseia em cartografias existenciais de travestis militantes. Ele conta por meio de histórias particulares as experiências de vida de um coletivo maior, marcado pelo enfrentamento e reivindicação de direitos. O psicólogo mostra que o universo das travestis, à primeira vista, glamouroso, vai constituindo-se complexo pelos modos de estigmatização: “carregados de preconceitos e intolerâncias, vividos nas mais diversas relações que as travestis estabeleciam com as pessoas, com o mundo e consigo mesmas” (Peres, 2005, p.192).

Observo ainda trabalhos como o de Garcia (2007), que desenvolveu sua tese de doutorado no campo da Psicologia Social. Sua pesquisa teve como método a observação

³⁶ Destaco alguns deles, como por exemplo, Karla Galvão Adrião em Pernambuco que se dedica aos estudos de gênero associados ao feminismo; Maria Juracy Toneli em Santa Catarina que se dedica ao aprimoramento da pesquisa em psicologia social e sexualidade; Benedito Medrado e Jorge Lyra, em Pernambuco, que investigam a constituição da identidade de gênero masculina; Henrique Caetano Nardi no Rio Grande do Sul que dialoga diretamente com Foucault; Marco Aurélio Máximo Prado em Minas Gerais que faz uma associação entre a Psicologia Política e a Sexualidade; Paula Sandrine Machado também no Rio Grande do Sul dedicada às questões de gênero na intersexualidade; Claudia Mayorga, em Minas Gerais, com foco nos estudos sobre gênero, política e feminismo; Willian Peres em São Paulo que contribui diretamente com reflexões em relação às travestis; Ana Paula Uziel, no Rio de Janeiro que tem se dedicado a interface entre homossexualidade e as relações familiares; Márcia Arán também no Rio de Janeiro, que promoveu um extenso diálogo sobre a transexualidade e a feminilidade realizando uma (re)leitura da Psicanálise, embasada nos teóricos de Foucault, Deleuze e outros pós-estruturalistas, desnaturalizando o debate sobre a patologização e também coordenando um dos únicos serviços credenciados pelo Ministério da Saúde para a realização do processo transexualizador, e orientando pesquisas nesse campo como a de Daniela Murta; e Tatiana Lionço que coordenou o primeiro grupo de trabalho com a temática LGBT da Secretaria Estratégica de Gestão Participativa do Ministério da Saúde em 2004, produzindo teorizações que impactaram o campo de acesso a direitos em saúde LGBT, especialmente a Política Nacional de Saúde LGBT.

participante e, numa perspectiva crítica em relação ao conceito de identidade social, analisou as diversas influências identitárias socialmente vinculadas ao feminino e ao masculino no universo das travestis. Ele construiu as categorias: “puta”, “mulher submissa”, “mulher super-sedutora”, no campo feminino, e as de “viado”, “malandro”, “bandido”, no universo masculino. O autor contribui para as discussões de gênero em torno das travestis, mostrando a variabilidade, ambiguidade e tensões entre masculino e feminino compartilhadas por esse público.

Outro trabalho recente foi o desenvolvido por Bonfim (2009) que buscou analisar os aspectos religiosos associados ao universo trans (travestis e transexuais), analisando a construção da identidade de gênero, o cotidiano e a religiosidade, associados ao enfrentamento do preconceito. Ele concluiu que a religiosidade é mais compartilhada por aquelas que se adaptam ou desejam corresponder aos padrões heterossexuais, evidenciando um exercício da espiritualidade que se sobrepõe à frequência a cultos e a grupos específicos. Remete em especial, ao reconhecimento das próprias travestis de uma associação entre elas e entidades demoníacas, mantida pela religião.³⁷

Vale remeter as contribuições de Zambrano (2006) que discute as novas parentalidades compostas por homossexuais, travestis e transexuais. Ainda que a pesquisadora pertença a outro campo do conhecimento (é médica e antropóloga), é uma referência importante para os estudos de família nas áreas Psi. Seu trabalho destaca a necessidade de atenção às novas demandas familiares que vão ao encontro da desconstrução de “verdades” sobre o que seria ideal em termos de arranjos familiares nas áreas da Psicologia, do Direito e mesmo da Antropologia, para assim legitimar essas novas formações, diferente das nucleares (um pai, uma mãe e filhos). Considera que

³⁷ Na literatura, as travestis aparecem mais adeptas aos cultos das religiões afro-brasileiras, como a umbanda e o candomblé (Kulick, 2008), ainda que no estudo de Bonfim, a ênfase seja dada a prática da espiritualidade, sem se referir a uma religião em específico

para as travestis existe uma identificação com a maternidade (papel de mãe) nas relações parentais, mas ao mesmo tempo, Zambrano (2006) reconhece quase como uma impossibilidade para elas, pelos efeitos que a baixa escolaridade e o tipo de profissão (profissional do sexo) provocam nos critérios de adoção e guarda. Há, assim, uma resistência das instituições oficiais em autorizar a adoção e guarda por travestis, o que reflete na raridade dos pedidos de adoção por esse segmento e no estigma expresso ao longo do processo.

Um estudo recentemente desenvolvido com as travestis profissionais do sexo da cidade de Uberlândia dedicou-se ao levantamento e ao mapeamento da dependência química entre elas (Rocha, 2010). Nesse trabalho, identificou-se um índice de consumo 'elevado' associado à incompatibilidade entre o discurso psiquiátrico e os discursos das travestis em relação às drogas. As travestis consideram-se 'usuárias' ainda que se enquadrem nos critérios diagnósticos para a 'síndrome da dependência química'. As drogas constroem possibilidades de interações entre elas e também com os clientes, ou seja, conformam formas de sociabilidade. Essa divergência e a inserção das drogas como parte do cotidiano indicam a necessidade de uma revisão das formas de acompanhamento das travestis, demandando dos profissionais de saúde novas estratégias para o tema da dependência química entre as travestis.

De forma geral, na Psicologia, apesar do histórico vinculado ao discurso patologizante, e a associação ao termo travestismo, reconheço uma busca, ainda incipiente, em problematizar e reconhecer político-prática-teoricamente esse universo. Faço aqui um paralelo com a observação de Arán (2010), que contribuiu de forma decisiva para a Psicologia, ao afirmar que a noção de sofrimento psíquico e corporal deve ser reconhecida como critério de acesso à saúde e à cidadania, sem que necessariamente este sofrimento tenha que ser traduzido pelos critérios específicos nos

diagnósticos que tratam dos transtornos de identidade do gênero. Assim como a autora, compartilho que, para a psicologia, importa pensar como cada indivíduo na sua singularidade vive [e sofre] a diferença, para além das definições prescritivas da heteronormatividade (Áran, 2010).

Considerando a trajetória e os discursos produzidos sobre as travestis, em especial por esses campos do conhecimento, identifico uma relação entre as produções e as mudanças sociais e políticas que passaram a demandar novos olhares, termos e cuidados em relação a esse público e que tem ganhado visibilidade para além da margem que historicamente compartilha.

É possível demarcar que os repertórios disponíveis sobre as travestis nos campos de saber destacados, envolvem dois aspectos principais: o primeiro, com o valor do pioneirismo e do enveredar por outros contextos, deu visibilidade ao dia-a-dia e as descrições do cotidiano marcadas pela prostituição e pela montagem do corpo das travestis profissionais do sexo; no segundo, há um movimento historicamente recente que busca situar sócio-historicamente a Psicologia para pensar contribuições teóricas mais engajadas com as formas de vida das travestis.

No entanto, ambos os campos apresentam lacunas que se dão pelo próprio processo de construção do conhecimento e dos recortes realizados. Destaco que os discursos que enfatizam as relações de amizade, cotidianas, entre as travestis ganham pouco destaque como marcas distintivas nessas produções, o que situa a presente proposta de pesquisa como uma possibilidade de identificar outros repertórios em uso pelas travestis, ampliando o discurso acadêmico e as possibilidades de dizer quem são as travestis em um recorte, não pela via ontológica.

3. Relações de amizade em discurso

3.1 Relações de amizades: o entorno teórico

A busca por descrever e analisar os sentidos sobre as relações de amizade entre as travestis é situada na convivência com elas, que, conforme ressaltado, promoveu novos jeitos de querer dizer sobre as travestis. Parto do reconhecimento inegável do espaço da prostituição como demarcador constituinte desse universo; no entanto, outros espaços e situações conformam suas realidades como o da vizinhança, da casa, das festas de aniversário, do sorvete da tarde que aparecem dissolvidos nos estudos acadêmicos.

É importante ressaltar que a “relação”³⁸ não é o foco conceitual dessa pesquisa, uma vez que epistemologicamente, no viés construcionista, o objeto da pesquisa se constitui sobre os *modos de dizer sobre as relações* construídos pelas pessoas por meio da linguagem. Essa premissa coaduna-se à epistemologia construcionista, conforme:

Vivemos em um mundo de *ontologias relacionais*, isto é, um mundo no qual nossas definições sobre o que as coisas são emergem em contextos de relação, por meio de nossa participação em práticas discursivas (Guanaes, 2006, p.25).

As inteligibilidades entre as pessoas somente são possíveis a partir da mediação com o outro via interação e discurso. É desse lugar, fundamentado nas produções a partir do encontro negociado e mediado por práticas discursivas, que situo “as relações de amizade entre as travestis”. Ou seja, a busca é por entender como as travestis

³⁸ Os sentidos que permeiam o entendimento sobre os conceitos sobre as relações presentes na academia passam por diferentes marcadores a depender do campo disciplinar analisado. Esses sentidos e conceitos dialogam e focam determinados aspectos a partir do interesse do pesquisador. Temos um leque de possibilidades que passam pelo sentido de redes até a noção de sociabilidade iniciada por Simmel (2006), e que recebe outros desdobramentos nas ciências humanas, pela sua inserção, por exemplo, em trabalhos etnográficos (Maccalum, 1998).

nomeiam essas relações e que tipos de relações são construídas a partir desses sentidos de amizade, e não de um entendimento a priori do que seja essa amizade.

Assim, a atenção em termos das relações de amizade, será destinada para as negociações, descrições dos encontros, parcerias, interações mediadas pelo discurso que constituem a realidade nos diferentes contextos compartilhados por elas. Associado ao entendimento construcionista sobre o que é nomeado como relação, proponho, neste capítulo, apresentar os sentidos acerca da amizade nos diferentes tempos históricos que singularizam o recorte analítico desse estudo, inspiradas, especialmente, pelas contribuições de Foucault (1981, 2010) e Ortega (1999, 2000, 2002).

O termo amizade é comumente compartilhado e está socialmente disponível. Ser amigo e ter amigo são maneiras corriqueiras de comunicar uma relação. No entanto, teoricamente, ao remontar seus diferentes sentidos, o campo filosófico aparece como principal referência. Conforme Baldini (2010), a amizade é tema contemplado por diferentes filósofos como Platão, Aristóteles, Montaigne, os quais apresentam discursos singulares sobre a amizade, segundo o momento histórico que vivenciaram.³⁹

Atualmente, o teórico Francisco Ortega aparece como destaque em relação às questões de amizade, desenvolvendo uma trilogia sobre a temática (Ortega, 1999; 2000; 2002). O autor segue a deixa de Foucault (1983, p. 9): “deveríamos agora, depois de estudar a história da sexualidade, tentar compreender a história da amizade, ou das amizades”. Foucault (2010), na interface das considerações acerca da sexualidade, problematiza que a amizade é uma possibilidade de reinvenção estética das relações institucionalizadas em nosso tempo, reconhecendo que o que existe no campo das relações está “longe de preencher todos os espaços possíveis” (Foucault, 1981, p.39).

³⁹ Baldini (2000) cita os ensaios de Platão sobre a amizade, no *Lisis*, no *Banquete* e no *Fedro*, além de Aristóteles que a abarca em dois livros, oitavo e nono da *Ética Nicomaquéia* e depois Cícero e Sêneca. Filósofos que na Antiguidade dedicaram-se à busca por descrever o amigo ideal, bem como qual seria o papel e a função da amizade na sociedade.

Ao aceitar o convite foucaultiano, Ortega (1999; 2002) apresenta uma visão histórica que remonta à maneira como a amizade foi modificando suas funções na sociedade e desaparecendo do espaço público, deslocando-se cada vez mais para o âmbito privado e doméstico. Para o autor, a amizade sofre um declínio de problematizações na sociedade moderna por ser integrada cada vez mais à família nuclear, com vistas à incorporação do amor ao matrimônio, à medicalização da homossexualidade bem como à passagem de um dispositivo de parceria para o da sexualidade e do erotismo.

Para chegar a tal posicionamento, o autor apresenta as mudanças históricas da amizade e sua multiplicidade de sentidos por via de uma genealogia da amizade. Brevemente, traçarei esse percurso para situar a amizade em seu potencial relacional, marcada pela leitura crítica, pois, deslocada do tempo e do contexto, a amizade vira um conceito ontológico pouco promissor à postura sócio-histórica.

O marco inicial data da Grécia de Homero com a origem da ideia de amizade associado ao termo *phílos*⁴⁰. Nesse momento, o sentido era carregado de elementos ligados ao parentesco, mantendo funções de coesão social e proteção, importantes para assegurar a existência da sociedade. Com a passagem do mundo do clã para o mundo da *polis*, houve uma crescente formação intelectual e o enriquecimento das relações, em especial para os homens da *polis*. Ocorre aí uma evolução semântica do termo *philia*, ligada à descoberta da liberdade que precederia a amizade, ou seja, as relações de parentesco se enfraquecem nas relações de amizade, agora conformadas pela afeição pessoal e livre escolha do vínculo (Ortega, 2002). No entanto, a relação de *philia*, ainda que com suas alterações libertárias, permanece vinculada às funções institucionalizadas

⁴⁰ O conceito grego de *philia* aparece com Heródoto no século V a.C., associado a termos como o verbo *philein*, e com o substantivo *philotès*, todos ligados a sentidos variados em que as relações interpessoais se associam. Já Homero, usa no duplo sentido possessivo e afetivo: no sentido de posse, em referência a pessoas e animais, e, no sentido afetivo, indica relações de parentesco e proximidade. (Ortega, 2002).

e às estruturas arcaicas que conformam as relações hierarquizadas entre amigos, por exemplo, entre homens jovens e adultos.

Platão foi um dos pioneiros a buscar a compreensão da amizade cunhando o conceito de *teleia philia* (Amizade verdadeira). O elemento principal da amizade em Platão era o amor (Eros). A partir dele, seria possível uma relação no *Eros Philia*, com a busca idealizada do belo, do bom e do verdadeiro, em que as pessoas, no encontro, caminham para a virtude e a beleza. Todo o entendimento sobre a amizade em Platão remete a uma busca por tornar moralmente aceito o ‘amor entre rapazes’, e flexibilizar as noções arcaicas que acompanham os sentidos do erotismo grego, marcado pela fragilidade dos vínculos maritais, do amor conjugal e, ao mesmo tempo, da ‘antinomia dos rapazes’⁴¹. Platão buscou sublimar o Eros Homossexual, por meio de um jogo retórico, que mantém o potencial educativo e o ideal ético-político das relações entre homens e rapazes, ao mesmo tempo em que abafa as relações sexuais moralmente condenáveis.

Aristóteles, por outro lado, dissocia o Amor (Eros) da amizade. Destrona a passividade e idealização platônica, e busca a amizade em uma atividade filosófica. Incute a ideia de reciprocidade que pressupõe a escolha de estabelecer uma relação com o outro. A escolha envolveria uma disposição do caráter que, por sua vez, imprime uma dimensão ética, sendo que para Aristóteles, nos afeioamos por uma pessoa pelo que elas nos despertam. O filósofo traz, assim, a dimensão sociológica⁴² da *philia* e não uma ideia transcendental da mesma. A amizade passa a ser explicada por sua ‘dimensão empírica, considerando a sociabilidade humana como um fato original’ (Ortega, 2002,

⁴¹ A antinomia consiste no dilema de que os rapazes, ao se tornarem objeto de prazer, não poderiam se tornar cidadãos da polis, uma vez que apenas mulheres e escravos tinham a função de objetos de prazer. Essa vinculação provocava um dilema e limitava moralmente as relações entre os rapazes frente os costumes.

⁴² A visão de Cícero, no Império Romano, também incorpora à aristotélica, porém, introduzindo a supremacia do Estado. Defende os deveres do Estado como superior aos deveres frente aos amigos (Ortega, 2002).

p. 39). Na Antiguidade, as relações de amizade funcionavam como o fermento da harmonia e da boa comunidade, por possibilitar o exercício ético e político vivido na escolha de caráter e no exercício da vida na *polis*. A noção de sociabilidade, ressaltada por Aristóteles, permanecerá constante na história da amizade.

No entanto, na Idade Média, o retorno ao *amor-sublimado* na roupagem do *amor caridoso e cristão*, em Santo Agostinho, aparece determinante. No viés do amor cristão, a transformação fundamental está no fato de que a amizade existe porque o amor de Deus é quem une todos os homens (Ortega, 2002). Tem-se uma sublimação do amor entre os homens, para dar lugar ao amor entre o homem e Deus. Nesse momento, a questão problematizada por Foucault (1981), ‘o que faz os homens juntos?’, começa a aparecer como uma ameaça, pela intolerância que se inicia frente à parceria e conversas mundanas. A homossexualidade começa progressivamente a ser diferenciada da amizade⁴³.

Para a Renascença, a moralidade cristã esboçada nos moldes da relação divina, colabora com o desenvolvimento da ideia de irmandade que, no pensamento de Montaigne (1972), indica um processo de fraternização e familiarização, com expressões recorrentes do amigo na figura do irmão⁴⁴.

Na Modernidade, Ortega (2000; 2002) ressalta um processo contínuo de empobrecimento das relações de amizade, fortalecendo ainda mais a ideologia familiarista e sua privatização. Conforme ele aponta, o primeiro fator do processo associou-se à formação do Estado moderno e dos dispositivos do biopoder que imprimiram o gerenciamento e a interferência nos corpos. O segundo foi atribuído ao

⁴³ Foucault (2010) apresenta que a primeira etapa histórica da condenação da homossexualidade é referente às leis contra os sodomitas na Alta Idade Média, seguida da prática policial na França do século XVII, até a introdução da homossexualidade no campo médico, na segunda metade do século XIX.

⁴⁴ Vale ressaltar que para todas as escolas da Antiguidade, e também em Montaigne, as mulheres não seriam capazes da amizade, um aspecto problemático que se configura desde aquela época, tendo em vista a posição social da mulher.

desenvolvimento da alfabetização e da acessibilidade à leitura com a imprensa que permitiu práticas de reflexões solitárias e a criação de diferentes gêneros literários que fomentavam a introspecção, a saber: cartas, diários, memórias e confissões. Também as novas formas de religião possibilitaram que cultos, outrora partilhados, tornassem a prática espiritual privada, como a meditação. Por fim, com relevância no debate, o surgimento da família burguesa apareceu determinante para o processo de privatização, despolitização e intimização das relações.⁴⁵ A vida pública e o mundo compartilhado, que tinham função de visibilidade na Antiguidade, tornam-se moralmente inferior nesse momento (Ortega, 2002).

Prost (2006), ao problematizar a história da vida privada, apresenta-a como um constructo de um tempo, reinventado em diferentes momentos históricos e que atribui de forma recíproca sentidos à vida pública. Dessa forma, instituições que antes fomentavam o público, podem vir a se tornar privadas e vice-versa. A família aparece numa dessas oscilações, forjando-se privada, oculta e protetora ao longo da modernidade, por meio das lógicas burguesas e a construção da intimidade. Esse movimento influenciou o enrijecimento das relações de amizade, vinculadas às lógicas de família.

É destaque ainda, nesse processo, à invenção da infância e da adolescência na reconfiguração dos laços familiares que culminou em uma nova formatação no cuidado dos filhos, na relação mãe-criança, no processo educacional, nas brincadeiras infantis e nos modelos relacionais construídos basicamente na intimidade da casa (Áries, 1973).

⁴⁵ A família como instituição existia sem ser coroada como privada ou reservada à intimidade. Anteriormente à ascensão burguesa, as relações sociais e a vida pública eram tão marcantes que se mesclavam ao ambiente familiar, prevalecendo à ideia da 'casa aberta', com cômodos comuns onde momentos íntimos não ganhavam destaque (Áries, 1973).

Vale ressaltar, por outro lado, que, apesar de após a metade do século XX, discursos sobre a crise da matriz familiar tradicional aparecerem recorrentes⁴⁶, ainda é marcante a influência do familiarismo nas relações via retórica das políticas econômicas e governamentais⁴⁷, bem como em sua força ideológica reconhecida, por exemplo, na busca do matrimônio homossexual⁴⁸ como um direito civil compartilhado, visto por alguns teóricos como o triunfo da ordem familiar e do ajustamento ao modelo institucionalizado de relações (Ortega, 1999).

A partir dos diferentes sentidos e desdobramentos que entrelaçam o antigo e o atual, é possível reconhecer o embate entre o potencial que outrora às relações de amizade obtiveram no âmbito público/político, em especial na Antiguidade, e a leitura de um embotamento dessas relações no âmbito privado marcado pela familiarização das relações na Modernidade.

Foucault (2010) ressalta a forma como a sociedade e as instituições tenderam a empobrecer os tipos de relações disponíveis, já que, em contrapartida, aumentar os repertórios de relações mobilizaria algo trabalhoso e difícil de administrar. Não de maneira nostálgica, destaca que a vivência da amizade à maneira como fizeram os gregos abre a possibilidade de uma inquietação e reinvenção, em especial nas relações entre homossexuais.

Destaca, pois, que a preocupação, ao final, não deveria ser a de descobrir a verdade sobre o próprio sexo por meio de perguntas como “Qual o segredo do meu

⁴⁶ Discursos que tem colaborado inclusive, para o reconhecimento das parentalidades consideradas, até recentemente, impensáveis, no âmbito legal e político (Zambrano, 2006).

⁴⁷ Por exemplo, no Brasil, políticas públicas têm atentado de forma marcante às famílias em situação de vulnerabilidade, como exemplo, o Programa Bolsa Família, lançado em outubro de 2003, visando o desenvolvimento das capacidades produtivas e intelectuais das famílias beneficiadas, e sua emancipação econômica em médio e longo prazo, através de programas complementares e de transferência de renda. Ver: <http://bolsafamilia.datasus.gov.br/w3c/bfa.asp>.

⁴⁸ No Brasil, a união estável entre homossexuais foi reconhecida em maio de 2011 pelo Supremo Tribunal Federal, e garante direitos civis como herança, comunhão parcial de bens, pensão alimentícia e previdenciária, licença médica, inclusão do companheiro como dependente em planos de saúde, entre outros benefícios. Esse é um campo de debate, tendo em vista a crítica à idealização da vida familiar. Para maior aprofundamento: Barret, M. & McIntosh, M. (1991). *The anti-social family*. Londres: Verso.

desejo?”, “Quem sou eu realmente?”, mas usar daí, a sexualidade para criar uma multiplicidade de relações (Foucault, 1981). Por meio da mudança no desenvolvimento das perguntas, haveria a possibilidade de considerar: “Quantas relações poderiam existir se fossemos capazes de encontrar suas próprias leis não nas instituições, mas em outros portadores?” (Foucault, 2010, p. 120).

Esse apontamento ressoa no campo de análise para esse estudo, que pretende, a partir de um grupo de ‘portadores’, identificar formas de dizer sobre as relações de amizade num universo pouco atentado, onde os códigos para se comunicar são reinventados a todo momento. As travestis não vivenciam o convencional, o que promove um constante movimento de questionar e legitimar as estruturas de família, educação, trabalho e gênero. Elas, assim parafraseando Foucault (1981, p.38), precisam: “inventar de A a Z, uma relação ainda sem forma que é a amizade”, justamente por ela abarcar sentidos revistos e negociados ao longo da história. Nessa invenção, delimitada pelo encontro, as falas sobre amizade podem ser atravessadas e tocar os diferentes momentos históricos, no sentido cristão, amoroso, sublimado, familiar, legitimando-os ou mesmo questionando-os.

Com base nas contribuições de Foucault (2010; 1981), juntamente a Ortega (1999, 2000, 2002), permanece o convite em revisitar as relações sociais, marcadas pelos discursos legitimados nesse tempo. E promover uma interlocução teórica que, baseada na marca política e histórica, pode colaborar com a identificação do potencial das relações numa esfera microssocial, marcada pela interação mais imediata, e suas reverberações no macrossocial, vinculadas às relações de poder e mudanças sociais mais amplas.

Para essa pesquisa, portanto, o foco será os discursos sobre as relações de amizade em que as análises micro e macro podem se encontrar traduzindo a polifonia no

recorte da vida travesti. Tendo em vista as problemáticas que envolvem a amizade, pretendo nesse momento apresentar, de forma geral, as relações entre as travestis, à maneira como são enfatizadas nas produções teóricas sobre esse segmento, entendendo essas relações como co-construtoras do próprio gênero travesti. A relação de amizade em si não aparece como um demarcador explícito nesses trabalhos, sendo uma lacuna que poderá ser amenizada a partir das elaborações iniciadas nesse estudo e outros posteriores.

3.1 Relações entre as travestis: um babado⁴⁹?

Como comentou o poeta Fernando Pessoa, na voz de Álvaro de Campos: “Somos o intervalo entre o nosso desejo e aquilo que o desejo dos outros fizeram de nós” (Pessoa, 1944). Em uma linguagem poética, a palavra intervalo aparece esclarecedora e introduz o caminho para esse tópico. É desse intervalo que não está no eu nem no outro, para além das categorias ontológicas, mas no entre, que situo as travestis e suas construções relacionais acerca da amizade.

As travestis mantem vínculos que se desdobram e colaboram para um coletivo compartilhado de jeitos, falas e gestos⁵⁰ (Oliveira, 2006). Muitos, também, são os espaços que entrelaçam esses vínculos, seja o da rua, das esquinas, da casa/pensionato, dos bares, do salão de beleza improvisado. A compreensão da construção da travesti passa diretamente pelas relações e espaços compartilhados entre elas.

⁴⁹ Dentro do universo êmico das travestis (princípio êmico refere-se a regras, a conceitos, a crenças e a significados dos povos em seu próprio grupo, no contexto etnográfico), o termo ‘babado’ pode ser entendido como algo muito bom que também está associado a algo inusitado (geralmente bom). Está vinculado à linguagem compartilhada entre as travestis, o Bajubá.

⁵⁰ Leandro Oliveira (2006) ainda que não trabalhe especificamente o universo das travesti, aborda o conceito de gestos, associados às categorias como “bicha”, “homem”, “travesti”, “bicha-boy”, “gay”. O autor demonstra os modos de avaliação dos gestos e a relevância dos mesmos no processo de construção e percepção de si e do outro. Realiza o campo em uma boate freqüentada por público masculino não-heterossexual de camadas populares (travestis, gays, praticantes do *cross-dressing* e seus parceiros sexuais).

As relações entre elas não se restringem de maneira simples, mas estão imersas na formação de amizade, nas parcerias, nos ensinamentos daquela que está há tempos na rua para a que chega, nos desentendimentos, nos “barracos”, no “truque”⁵¹ e no próprio aprendizado da linguagem, o Bajubá. Dada essa diversidade e complexidade de relações, destaco alguns desses modos de encontro, buscando apreender como se configuram as relações de amizade entre as travestis.

1. Os primeiros momentos e o nome feminino

Conforme Benedetti (2005), no momento que inicia a transformação do corpo, em que, no geral, elas saem da casa de seus familiares⁵², é fundamental o encontro e as trocas com outras travestis no processo de modificação corporal, social e cultural. No entanto, os relatos etnográficos mostram que, desde a infância, ocorrem os primeiros contatos e informações entre as mesmas, seja pela televisão ou mesmo na vizinhança.

Aprender a ser travesti depende de outra travesti. É o aprendizado de uma costura em que cada ponto recebe um nó. Um nó ensinado e mediado pela outra. Essa característica aparece principalmente quando a referência são as pesquisas que tiveram como cenário os espaços de prostituição. É por meio da convivência e do “observar” a outra que as travestis aprendem a *montagem*, o jeito mais bonito de se maquiar, a roupa mais apropriada para a noite, o jeito de abordar o cliente, onde conseguir drogas e mesmo o nome no feminino⁵³ (Benedetti, 2005).

Na escolha do nome, algumas interações são destacadas como a da madrinha e daquela que se sente acolhida como filha. Nesse caso, a travesti que chega é apresentada

⁵¹ Termos do Bajubá, barraco é o escândalo; e no truque é a forma de enganar e tornar seus atributos femininos mais convincentes. (Benedetti, 2005; Pelucio, 2007).

⁵² A saída de casa é interpretada por elas de diversas formas, fuga, vontade de sair e seguir a própria história ou mesmo como expulsão pela família.

⁵³ Ainda que na experiência de campo em Uberlândia, muitas travestis já planejam o nome antes mesmo de modificarem o corpo e ao se inserirem no universo travesti já se apresentam no nome feminino.

à “vida” por outra mais experiente que passa a ser a madrinha. Tem-se a construção de um parentesco combinado em que o sobrenome dessa travesti é adaptado ao nome daquela que passa a ser a filha. Essa relação é, em geral, duradoura e respeitosa e ganha destaque nas etnografias (Benedetti, 2005; Pelúcio, 2007).

2. A modificação do corpo: quem está lá?

O processo de modificação corporal é outro ponto sensível nessas relações. Sobressai entre elas a vivência compartilhada quando vão se submeter à bombação⁵⁴. Tive a oportunidade de acompanhar a expectativa em relação ao processo de “bombar o corpo”, e como era decisiva a fala e a legitimação das outras sobre o procedimento. É um momento em que a formação de um feminino fica evidente, o que aumenta a credibilidade da travesti que se submete ao método pelas outras.

Ainda que a maquiagem, o esmalte e os hormônios se constituam em artefatos marcantes na construção do feminino, também mediados pelas travestis informantes, o silicone parece explicitar instantaneamente o gênero no corpo travesti (Benedetti, 2005). É pelo resultado do corpo das outras travestis que percebem o sucesso das intervenções e as legitimam. A relação entre as travestis, nesse momento, é também mediada pelos “corpos” que discursam a necessidade de ter coragem para passar pelo procedimento, em si doloroso, mas premiado: “A dor da beleza”.

A presença da bombadeira é muito aguardada. Em geral, é outra travesti a pessoa responsável pelo processo de aplicação do silicone industrial. A bombadeira ganha fama pelos bons resultados obtidos no “boca-a-boca”, que pode configurar contatos e trânsitos mesmo entre diferentes Estados para realização do serviço. Quando a

⁵⁴ Momento em que as travestis se submetem ao processo de injetar silicone líquido/industrial em partes do corpo, como nádegas, coxas, peito (ultimamente no peito, é mais comum o uso da prótese). Geralmente, é realizado por outra travesti, chamada de *bombadeira*. Sugiro o documentário “*Bombadeira: A dor da beleza*” de Luiz Carlos de Alencar (2007).

bombadeira vem de outro Estado, costuma-se fazer o trabalho em várias travestis. Elas guardam o dinheiro e aguardam o momento que é reconhecido como uma única saída: não se poderia retroceder. Ali a travesti se marca e se insere.

3. *As relações nos espaços da casa e da batalha*⁵⁵

Um aspecto bastante ressaltado nas produções etnográficas são as relações mantidas e desenvolvidas nos espaços compartilhados pelas travestis. Considerando que são trabalhos produzidos nos espaços de prostituição, muitas destas relações se resumem, predominantemente, ao espaço casa/pensão⁵⁶ - rua/esquina. Os desdobramentos apresentados nesses espaços contribuem para pensar a prática da prostituição, seja na vivência da esquina como palco de exibição da montagem, seja para tratar das práticas econômicas e sociais do mercado do sexo entre elas.

Por vezes, conforme aponta Pelúcio (2007), se destacam nessas relações as redes de proteção para a sobrevivência na noite, compostas por cafetinas, traficantes, e donos de estabelecimentos comerciais. Os enfoques são voltados para o perigo, as normas de convivência, o contexto comercial, e as precárias condições às quais as travestis estão sujeitas. Por outro lado, é na rua que elas também reconhecem que são desejadas, exibindo o seu próprio “show”. Os corpos performam a escolha pelo feminino, mesclados pelas “surpresas” masculinas no levante breve da saia, ou na voz mais rouca depois de muita *colocação* (uso excessivo de drogas).

A casa⁵⁷ é apresentada como o complemento da rua, uma preparação para a noite. É nela que as travestis se “escondem e são escondidas” se mantendo invisíveis

⁵⁵ O termo *Batalha* é êmico nesse universo e referencia o trabalho das travestis nos espaços de prostituição.

⁵⁶ Conforme apresentam as etnografias (Silva, 1993; Kulick, 2008; Benedetti, 2005, Pelúcio, 2007), as travestis, em geral, compartilham a casa com outras travestis

⁵⁷ Segundo as etnografias (Pelucio, 2007; Benedetti, 2005; Kullick, 2008), as travestis predominantemente vivem em casas nomeadas como pensão, onde vivem em geral com outras travestis.

aos olhos dos outros durante o dia, mas pouco se diz desta como o espaço onde acontece a montagem e as trocas com as outras travestis. Conforme Pelúcio (2007), a rua e a casa não necessariamente são espaços opostos no processo de fazer-se travesti, eles se complementam. Vale retomar, ainda que com ressalvas, a descrição de Oliveira (2004, p. 125) problematizando a rentabilidade do trabalho das travestis e as condições de moradia: “a travesti pode ser um artigo de luxo, porém sua vida, sem dúvida, não é luxuosa”.

O espaço de prostituição e também o espaço da casa são reconhecidos como os locais de pertencimento das travestis, em que muitas relações se dão. No entanto, são poucos os momentos em que esses espaços tão potenciais e reconhecidamente significativos são descritos com foco nas relações ali estabelecidas, restringindo-se a uma análise descritiva da disposição dos objetos, dos corpos, bem como das precariedades compartilhadas. Nesse mesmo movimento, é comum os relatos de escândalo entre elas e com outras pessoas, comportamentos tratados como estratégias responsivas de lidar com a situação de marginalidade (Pelúcio, 2007).

4. O sonho europeu

Uma etapa que parece ser decisiva na constituição de ser travesti é a imigração para a Europa. Pelúcio (2007) destaca que, através da imigração, as travestis têm ampliadas as chances de sucesso financeiro que possibilitaria se aproximar cada vez mais do ideal de beleza e vida que desejam. Já Teixeira (2008) ressalta que esse movimento constitui a subjetividade de ser travesti, pois tornar-se ‘europeia’ é mais do que a concretização de uma viagem de sonhos que pode garantir ou não sua ascensão social, é o acesso a uma posição de pertencimento que promove hierarquia e empodera

Conforme levantamento realizado com 65 travestis que frequentam os serviços de saúde em Uberlândia, cerca de 75% residem em casas com outras travestis; 15% moram com a família; 4% residem com o companheiro e 2% sozinhas (Rocha, 2010).

diante do grupo. A autora enfatiza nesse processo uma rede de relações que interferem no sucesso ou fracasso do projeto de imigração.

Nesse trânsito, as travestis ocupam posições diferentes, existindo uma interdependência entre elas. Algumas mantem relações de confiança com as que permanecem na cidade de origem e novos vínculos são construídos com outras travestis na cidade de destino. Por vezes, o projeto migratório é recoberto de mistério. As travestis evitam falar com as outras travestis sobre os planos de viagem alegando que assim evitam o “olho gordo”. No entanto, entre as que ficam, algumas são consideradas confiáveis, dignas de compartilhar os planos da viagem e também administrar, no Brasil, o dinheiro e os presentes que são endereçados a familiares, a outras travestis, ou apenas que devem ser guardados para o futuro. Aquelas que residem (ainda que provisoriamente) no local de destino apresentam o lugar, facilitam a aprendizagem do idioma, mas também podem dificultar a adaptação da novata. São processos que envolvem mudanças permanentes e o sucesso do projeto migratório depende muito das relações possíveis de serem (re)construídas nesses caminhos.

5. Vidas em discursos

Entendendo que as práticas discursivas constroem realidades, os discursos produzidos sobre travestis possuem efeitos reais, ou seja, constroem a existência possível e compartilhada para a travesti. Parto, com base nas etnografias (Silva, 1993; Benedetti, 2005, Kulick, 2008), de uma gramática compartilhada sobre as travestis em que o “barraco” é marcante, a rua marginalizada e a prostituição o destaque. São essas as práticas discursivas que comumente conformam e visibilizam as travestis.

O relato sobre a travesti Lucrecia, metaforicamente chamada de o “peixe fora d’água” por Silva (1993), quando reivindicou espaços distantes da Lapa, exemplificaria

o lugar possível para as travestis, o da tranquilidade somente no gueto. Elas aprendem com a experiência cotidiana que ao romper com a matriz heteronormativa produzem uma ruptura na inteligibilidade, por serem empurradas para um espaço que Butler (1993) reconhece como “zona não habitável”. No entanto, elas também produzem um outro discurso, quando reivindicam nas relações de parceria, amizade, nos desentendimentos, nas fronteiras fora e dentro da casa-rua, o reconhecimento de uma vida possível.

Nessa direção, há a possibilidade de se enveredar pelas relações que parecem despercebidas nos textos: um cotidiano que demanda a ida a padaria, ao serviço de saúde, a espaços de lazer; as escolhas de companhias para esses momentos, o retorno à escola, a parceria num momento de adoecimento e abandono. Repertórios que podem posicionar as travestis nas multiplicidades de práticas, histórias e espaços compartilhados e disponíveis socialmente, ou seja, na reconfiguração do que pode ser nomeado de humano para elas.

4. Trânsitos metodológicos

Pesquisar sobre gênero e construcionismo começa em um tempo recente para mim. Transitei da prática profissional à pesquisa, dois lugares distintos, que possibilitaram um olhar mais refinado e respeitoso sobre pessoas que rompem com as práticas heteronormativas. É, portanto, uma viagem recente. Um caminho que somente começa, mas que vem ligado ao meu desejo como pesquisadora de fomentar na Psicologia uma leitura mais flexível e reflexiva sobre gênero, com toda multiplicidade que os diversos encontros e construções possibilitam. Nesse processo, o construcionismo social aparece como uma ferramenta teórico-metodológica que norteou a dissertação.

O Construcionismo social pode remeter a um conjunto de ideias e críticas que buscam um não lugar no meio científico, o que soa um tanto fugaz ao leitor que inicia seu percurso. Essa esquivada, com o tempo, passa a ser entendida como uma tentativa de evitar um aprisionamento, ou seja, o construcionismo pretende propositalmente não se localizar como uma teoria, na busca por se afastar de um pensamento fechado e prescritivo, associando-se mais a um instrumento crítico e conversacional em constante visitação.

Pode ser considerado como um olhar que subverte paradigmas da ciência racionalista, naturalista e empirista, recebendo influências de: Weber e Mannheim, com a crítica social da gênese do pensamento científico; também da Escola de Frankfurt, nas figuras de Adorno e Marcuse, os quais constroem uma crítica ideológica, questionando a noção de neutralidade; e, por fim, da crítica retórico-literária, que repensa a ontologia essencialista, enfatizando o processo descritivo e os efeitos persuasivos da linguagem (Gergen, 1997).

Considerando o berço diverso no qual foi gestado, o Construcionismo reverberou em muitos campos do conhecimento, como na Comunicação Social, na História, na Psicologia, na Antropologia e nas Ciências Sociais. É importante considerar que, por mais que encontre uma diversidade de influências, o Construcionismo pode ser compreendido por meio de critérios gerais, os quais o situam no campo das ciências humanas. Kenneth Gergen (1997; 1996), um dos pioneiros a sistematizar as ideias construcionistas, em especial no campo da Psicologia, define os seguintes tópicos como centrais para uma perspectiva como essa, ainda que pontue a constante reflexividade desses critérios e proposições:

a) Ênfase nas descrições sobre a realidade, revendo o realismo e situando o foco na linguagem. Destaque no compartilhar de discursos sobre a realidade e não de uma representação separada dos modos de dizê-la: mais que refletir a realidade, a linguagem cria sentidos sobre ela (Gergen, 1996). Ou seja, a linguagem tem efeitos e produz ação.

b) As descrições e os significados somente são possíveis na *relação*. Há uma centralidade da interação entre pessoas e relacionamentos que produzem sentidos tendo em vista o contexto histórico e social.

c) Os sentidos das palavras são produtos do seu uso social, das formas pelas quais são utilizadas nas interações existentes.

d) As descrições, para serem disseminadas e estabelecidas, dependem dos processos sociais da comunicação, da negociação existente, e não de sua validade objetiva. Há o foco na multiplicidade de sentidos, revista na interação.

e) Abertura para avaliações das descrições produzidas entre comunidades. Para Gergen, certas descrições avaliadas e validadas em um contexto, devem ser revistas, para possibilitar novas formas de diálogos entre diferentes comunidades e contextos.

Esses pressupostos gerais conformam o que seria uma postura construcionista. Contudo, no campo da Psicologia, principalmente, o construcionismo abarca uma diversidade de teorias, teóricos e propostas, tornando-o um movimento científico complexo. Houve, com isso, a tentativa de dimensionar tal diversidade, a qual, segundo Danziger (citado por Rasesa & Japur, 2007), apresentaria duas vertentes principais: o *Dark* e o *Light Constructionism*. A primeira remete às discussões na esfera macro, que envolve, por exemplo, interações sociais em tempo longo associadas às estruturas sociais, históricas e às relações de poder. Já a segunda, foca no micro, ou seja, em relações de tempo curto, como na análise das conversas e das interações dialógicas situadas. Mesmo com o reconhecimento desses dois enfoques, é reconhecido um desafio para o Construcionismo em promover a interlocução entre micro-macro (Rasesa & Japur, 2007). Esse desafio representa um campo aberto à reflexividade dessa perspectiva e acompanha o processo analítico dessa dissertação. Ainda que não seja possível demarcar uma fronteira nítida entre o que seria micro e macro no processo de produção de sentidos, essa dissertação busca realizar o recorte analisando o processo de construção de sentidos no tempo situado da entrevista, podendo dialogar com as implicações sociais mais amplas sobre esse universo.

4.1 Objetivo

O objetivo deste estudo foi descrever os sentidos da amizade entre as travestis. Especificamente, busquei: a) analisar a construção das relações de amizade entre as travestis; b) identificar critérios utilizados para a avaliação dessas relações; c) compreender as variações dessas relações nos diferentes espaços ocupados por elas; d) analisar a função dessas descrições sobre as relações de amizade no contexto de entrevista.

4.2 Contexto

Embora a cidade de Uberlândia não tenha contabilizado oficialmente o número de travestis residentes, o Triângulo Mineiro é reconhecido como pólo importante de confluência dessa população. A BEMFAM⁵⁸, em 2006, recortou a região como um dos espaços significativos para pesquisa com a prostituição e a Aids (Teixeira, 2008).⁵⁹

Em 2006, foi constituído o ‘Programa Em Cima do Salto’ da Universidade Federal de Uberlândia, voltado para a promoção de saúde, educação e cidadania de travestis e transexuais, ao qual me vinculei primeiramente como estagiária, e atualmente atuo como psicóloga e coordenadora técnica. As travestis participam dos serviços desenvolvidos pelo Programa, que abarcam oficinas, ambulatório de Psicologia e Clínica Médica, visitas domiciliares e trabalho de campo com distribuição de insumos nos espaços de vida e trabalho das travestis. Cerca de 40 travestis são atendidas semanalmente pelos projetos do Programa e constroem em conjunto as demandas e o planejamento das atividades.

A partir de um estudo realizado na cidade de Uberlândia, amparado pelas ações do Programa, foi possível identificar algumas características das travestis, em termos quantitativos, que colaboram para uma visão geral dos modos de vida dessas pessoas, ainda que não seja o interesse restringir a complexidade desse público a esses dados. Sessenta e cinco travestis participaram da pesquisa (Rocha, 2010), e se declaram numa idade média de vinte e quatro anos, 94% se identificaram solteiras, 4% casadas e 2% namorando. Em quesitos relativos à etnia, 47% declaram ser brancas, 40%

⁵⁸ Bem Estar Familiar no Brasil, é uma organização não-governamental, de ação social e sem fins lucrativos, com atuações no campo do planejamento familiar, e assistência social. Ver sítio digital: <http://www.grupobemfam.org.br/>

⁵⁹ Conforme apresentado anteriormente, as travestis permanecem invisibilizadas nas estatísticas populacionais, sendo inseridas na categoria de homens.

pardas/morenas e 12,5% negras. Em termos de condições de moradia, cerca de 75% comunicaram residir em casas com outras travestis, 15% com a família, 4% com o companheiro e 2% sozinhas. Para o objetivo dessa pesquisa, reconheço que o fato das travestis residirem predominantemente com outras travestis, é potencialmente relevante para a análise dos modos de dizer sobre as relações de amizade entre elas. Em Uberlândia existem duas casas (cada qual gerenciada por uma travesti), reconhecidas como as principais pensões de travestis da cidade, que predominantemente recebem as travestis. Localizam-se em dois bairros distintos e periféricos.

4.3 Participantes

Participaram deste estudo 10 travestis da cidade de Uberlândia, usuárias dos serviços que integram o ‘Programa Em Cima do Salto’. Esse critério é dado pela minha acessibilidade ao público de travestis, bem como pelo aceite ao convite de participar do diálogo sobre o tema. Todas as participantes se declararam como profissionais do sexo, ainda que esse não fosse um critério de inclusão para a participação na pesquisa.

Como critérios para inclusão no estudo foram observados: 1) estar na faixa etária acima de 18 anos; e 2) concordar e assinar o termo de Consentimento Livre e Esclarecido (ver apêndice A). Como critério de exclusão do estudo, estava: 1) travestis que apresentassem grave problema mental ou físico no período da construção do *corpus*.

Por questões éticas, os nomes das participantes foram alterados e suas identidades foram resguardadas. Passaram a serem referenciadas por nomes de pessoas que remetem a flores.

As travestis que participaram das entrevistas compunham comigo um histórico de vida e de trabalho que não se resumiam naquele momento específico. Já havíamos

compartilhado algum momento de conversa, de eventos nas casas, de participação nas oficinas, de adoecimento e de saúde. Dispuseram-se a participar da pesquisa e afirmavam que eu estava a escrever um livro⁶⁰ sobre amizade entre as “bichas”⁶¹. Achavam curioso o fato de ser sobre aquela temática, ainda que ao longo da conversa-entrevista, muitos outros assuntos apareciam transversais à proposta inicial. Falar sobre as relações de afeto entre as travestis soou como algo novo, um convite para voltar-se para elas mesmas, de mãos dadas comigo.

4.4. Construção do *corpus*

O *corpus* foi constituído pela transcrição de dez entrevistas semi-estruturadas. As entrevistas foram áudio-gravadas, perfazendo um total de 15 horas e 30 minutos de gravação, sendo transcritas na íntegra por mim (ver roteiro da entrevista no Apêndice B). Os temas investigados foram: a) identificação das participantes; b) relacionamentos interpessoais estabelecidos entre elas e c) critérios para o estabelecimento das relações, em especial as de amizade.

Além da transcrição das entrevistas semi-estruturadas, foi utilizado o caderno de campo, que serviu como ferramenta para as reflexões ao longo do processo de construção dos dados, funcionando como fonte apoiadora da pesquisa. O caderno de campo ampara e convida à imersão no cotidiano das travestis, registrando as vivências e o processo de elaboração das mesmas, forjados em momentos que legitimaram o meu reconhecimento como profissional, pesquisadora e porque não, como amiga das

⁶⁰ A ideia que as travestis têm da escrita de um livro sobre elas no momento da pesquisa parece recorrente, como o exposto por Benedetti (2005) e Pelucio (2007), bem como, a maneira de se referenciarem como bichas.

⁶¹ Vale ressaltar que o uso que as travestis fazem dos termos ‘viado’ e ‘bicha’ são situacionais e autorizados com diferentes sentidos, produzindo efeitos distintos, no entanto, esse uso é interdito ao outro. Os mesmos termos podem acionar significados associados à ofensa e ao desprestígio quando enunciado por qualquer pessoa não reconhecida como travesti, até mesmo integrantes do movimento LGBT.

travestis. Foi por meio desse reconhecimento que foi possível ser informada sobre as questões e especificidades desse universo⁶².

Justifico a escolha pela entrevista como fonte primária na construção do corpus pelo foco voltado para a análise do discurso e também pela possibilidade de construir um espaço de reflexão sobre as relações cotidianas, por ser um momento recortado e protegido de conversa sobre o dia-a-dia, bem como pela possibilidade de ouvir a versão das participantes e recontá-las, tendo em vista a relação que é estabelecida no encontro. Referencio um entendimento situado das relações entre as travestis, com sentidos negociados na interação entrevistador e entrevistado.

4.5. Análise do *corpus*

O *corpus* da pesquisa, construído por meio das entrevistas semi-estruturadas, será analisado pela perspectiva construcionista social de análise do discurso (Potter & Wetherell, 1987; Spink, 2004). Nesse caso, o caminho da análise é composto por:

- 1) transcrição das entrevistas realizadas, entendendo esse processo como significativo na reflexão e produção de sentidos, por estabelecer as primeiras impressões que favorecem a análise do corpus;
- 2) leitura curiosa e atenta do material construído e do caderno de campo;
- 3) identificação de repertórios interpretativos usados durante a entrevista. Os repertórios interpretativos são ‘blocos lingüísticos’ utilizados pelas pessoas para construir suas versões dos fenômenos que participam (Burr, 1995; Potter e Wheterell, 1987). A

⁶² Toco aqui o sentido de ‘informado’ sugerido por Goffman (1988) quando pontua sobre os conjuntos de pessoas que, no encontro com o estigma, reconhecem-se de forma compartilhada e, predominantemente, respeitosa. O primeiro conjunto diz respeito às pessoas que compartilham o estigma. E o outro, comporta aqueles chamados de informados (que hoje, no senso comum, poderíamos chamar de “simpatizantes”), que não necessariamente vivenciam o estigma, mas que são tocados por ele. Uma demarcação categórica que no cotidiano aparece com fronteiras borradas, uma vez que no convívio com as travestis, o compartilhar dos espaços públicos denuncia o olhar curioso e crítico do outro, sendo que a pessoa informada pode vir a se tornar estigmatizada e vice-versa.

identificação dos repertórios favorece a possibilidade de categorização, dando maior visibilidade ao processo de produção de sentido.

4) identificação com a utilização dos repertórios ao longo dos momentos da entrevista, considerando os efeitos na interação. Um dos aspectos ressaltados por Potter e Wheterell (1987) é a variabilidade dos discursos a depender das funções na interação. Um mesmo repertório, nesse sentido, pode ser usado de diferentes maneiras a depender do jogo interativo.

Os repertórios são marcados por termos, metáforas, sinais, figuras de linguagem e imagens utilizados ao longo da conversação. Eles não estão locados num nível individual, mas são compartilhados e estão disponíveis como um recurso social. As pessoas os utilizam para justificar alguma versão particular de um evento, para validar ou questionar os próprios comportamentos, e para manter sua credibilidade na interação (Potter e Wheterell, 1987).

A construção dos repertórios remete a uma descrição de blocos de sentidos vinculada a uma análise discursiva no tempo curto, ou seja, na interação situada, nesse caso, no momento da entrevista. Contudo, pode fomentar análises na esfera macro, uma vez que os repertórios têm fundamentos históricos e sociais, não nascem individualmente no sujeito, são produzidos e compartilhados; portanto, eles legitimam e (re)produzem, no caso dessa pesquisa, os modos de existências das travestis.

Os repertórios interpretativos configuram uma metodologia de análise empírica, que focaliza o conteúdo presente no processo de produção de sentidos, não um conteúdo estático, mas que pode ser usado de várias formas a depender do contexto interativo. Ou seja, o repertório é diretamente entendido a partir da maneira como é usado na interação.

Os termos ‘discursos’ e ‘repertórios’ em muitos casos são tidos como sinônimos, mas, conforme aponta Edley (2001), apesar das semelhanças, existem demarcações que os distinguem. O termo discurso é comumente usado em estudos numa perspectiva de análise do discurso de linha francesa, referindo-se a entidades institucionais, como o discurso médico, jurídico e científico. O foco é voltado para as relações de poder, afastando-se de visões subjetivadas do humano. Por outro lado, os repertórios interpretativos, situados na linha inglesa de análise do discurso, são usados, mais comumente, em pesquisas que querem enfatizar o agenciamento e o caráter flexível da linguagem. Comparado aos discursos, os repertórios são vistos como menos monolíticos. Nesse sentido, é um recurso que busca abranger um contexto mais fragmentado e mais específico de análise, oferecendo a possibilidade de muitos arranjos e diferentes oportunidades retóricas para o falante e para o analista do *corpus*.

5. Repertórios sobre as relações de amizade entre as travestis

Na escolha metodológica, o foco será a produção de sentidos sobre as relações de amizade entre as travestis, presente nas entrevistas. Situo a entrevista como base para o objetivo da pesquisa, mas considero que existe uma amplitude de repertórios que possibilita a emergência desses sentidos situados sobre as travestis. Ou seja, nesse universo reconheço a articulação com um léxico disponível sobre as travestis e na interação tem-se uma polifonia em que falas podem ser afirmadas (culpa, vitimização, marginalização, imoralidade, causalidade), questionadas (empoderamento, identidade de gênero, acesso a direitos, estabelecimento de vínculos, pertencimento) ou numa complexa miscelânea, produzir sentidos que oscilam e abarcam, ambigualmente, os dois aspectos. Reconheço, embasada nos trabalhos sobre as travestis e a sexualidade numa perspectiva crítica e histórica (Teixeira, 2008; Butler, 1993), que prevalece uma constante negociação, em que os sentidos podem ser aceitos, reconhecidos ou não autorizados por elas e entre elas.

Opto por uma análise que recorta os momentos da entrevista em que as travestis falam sobre as relações que conformam uma amizade, não apenas aquela tida como positiva, caridosa e familiar, nos moldes cristãos e modernos, como apresentado no capítulo três, mas aquela possível, produzida potencialmente dentro do contexto de vida das travestis, mediada pela relação comigo no papel de ser informada por elas, na entrevista e no cotidiano desse universo. Os temas envolvem a constituição de novos sentidos de vinculação, contextos da casa, da rua, conflitos, enfatizando alguns aspectos como as decepções, a desconfiança e também o sentimento de pertencimento. Ao mesmo tempo, para além dos temas, busco a compreensão dos diferentes usos e efeitos na interação entre os repertórios identificados.

Diante da construção, é importante ressaltar o desafio encontrado em decorrência das travestis e suas falas provocarem uma constante dificuldade de nomeação, seja por questionar as categorias sexo e gênero, seja por convidar a novas possibilidades em torno das relações humanas.

Ressalto, ainda, que os repertórios não devem ser lidos de forma estática, mas como disponíveis e usados por elas a depender da interação. Ou seja, não são situados no sentido de uma linguagem como representação, mas da linguagem em uso, sendo que um mesmo tema, como amizade, pode ser descrito e usado de várias formas. Antes de tudo, os repertórios podem colaborar com novas formas de pensar os relacionamentos que as travestis traduzem, possibilitando traçar um paralelo entre o que é produzido por elas e as relações modernas problematizadas por Foucault (1981) e Ortega (1999, 2000). A própria nomeação 'amizade' surge desse potencial atribuído por Foucault, de usar o termo para pensar as relações que ainda não engendram a rigidez e um modelo institucionalizado das relações.

Os repertórios de amizade aparecem em diferentes momentos na entrevista e, em geral, estão ligados às perguntas que exploram como se dão a construção das relações entre elas, os critérios dessas relações e também para referenciar as pessoas importantes na história de vida. Essas perguntas específicas, associadas ao inusitado do diálogo, fomentaram o uso dos repertórios.

O contato e a aproximação respeitosa com as travestis foram transversais à construção do corpus e ecoou no entendimento desses vínculos, os quais, ainda que singulares e difíceis de nomear, surpreendem pelas semelhanças quando comparados àqueles vividos por qualquer sujeito inserido em contextos sociais e grupais, nesse tempo histórico. Novamente nas nuances entre o questionar e o legitimar.

Para tanto, os resultados configuram cinco repertórios identificados nas entrevistas. Entre os repertórios descritos estão: *Amizade-Babado*, *Amizade-Batalha*, *Amizade-Família*, *Amizade-Segredo* e *Amizade-Uó*.

Após a apresentação dos repertórios, desenvolvo dois tópicos que situo como complementares à análise de sua construção. O primeiro: ‘Repertórios em movimento’ demonstra a interatividade entre os repertórios identificados, evidenciando a flexibilidade dos sentidos das relações de amizade entre as travestis, a partir de trechos da entrevista, ressaltando a linguagem em uso.

O segundo, ‘Os repertórios e as implicações teóricas e práticas na vida das travestis’, apresento considerações acerca das implicações desses repertórios para os modos de vida das travestis, reconhecendo as potencialidades e as novas formas possíveis de dizer sobre elas, articulando com o que já foi produzido anteriormente.

5.1 Os repertórios para falar de amizade

5.1.1. *Amizade-Babado*

Esse repertório é marcado por imagens e sentidos ligados ao agradável, ao raro, à sinceridade, à confiança, ao significativo, à lealdade, à proteção, ao ‘bater o olho’, ao acompanhar, à liberdade. Ele é usado para dar sentido aos momentos em que a travesti discorre sobre uma relação válida na própria história, associada ao falar sobre as lógicas e critérios para a amizade. Relaciona-se, ainda, às falas que promovem vinculações e motivam o contato com as outras. O termo ‘babado’ é usado entre as travestis pelo *bajubá* e se refere, em geral, a algo muito bom ou a uma novidade (tipicamente, boa também). Aqui, o repertório remete ao sentido positivo do termo, de uma amizade que é dita em suas funções de reconhecer o vínculo construtivo entre elas. Ele aparece na entrevista quando as travestis dizem das pessoas marcantes, das histórias significativas,

dos meios de pertencer e proteger esse universo, da importância da travesti que acompanha o adoecimento, do critério dado ao início do processo de fazerem-se travestis como um momento propício para constituição da amizade.

Esse repertório foi utilizado nas entrevistas, em especial, nos momentos de descrever as pessoas mais marcantes no cotidiano e em especial, da história de vida da travesti, em que as travestis explicitam um reconhecimento de superação e incentivo para mudanças:

H: Não assim, a história assim maior foi essa... Que eu tava passando fome, necessidades entendeu... E a única, a Z. (outra travesti) foi a única assim que foi, que chegou lá em casa, assim, e falou assim... aqui ó S. e tirou comida da boca dela, tirou comida da boca dela e levou pra mim comer... que eu tava com fome, entendeu? Foi uma das mais marcantes pra mim entendeu? Além disso tudo, ela foi, foi lá pra casa entendeu, eu saia na casa dos vizinhos tudo pedindo comida, entendeu? Que meu pai me abandonou praticamente. Abandonou eu e os meus irmão praticamente, entendeu? Foi uma das únicas pessoas assim, igual eu tô te falando que teve do meu lado assim, o tempo todo, foi a Z.

R: Entendi.

H: Entendeu?

R: E foi uma, um momento em que cê acha que...

H: É, me deu ânimos, porque aí foi onde que nós duas se junto e falou assim não... Então. Ela também já tava com uns problema com os familiares dela. Então ela falou assim “não, então vamos junta nos duas e vamo viajar...” Foi onde que nós viajo, entendeu? Caimo no mundão... (Hortência)

Essas falas descrevem um tempo delimitado, em especial, o momento em que a travesti começa o processo de transformar-se. “Cair no mundo”, “Jogar tudo pro alto” são expressões que demarcam o início da vida como travesti, o momento em que elas saem da casa da família, em especial. Aquela referenciada como a que acompanha, que compartilha a fome e as dificuldades, também é a que inicia junto o processo de se tornar uma travesti:

R: ...Como que foram construídos esses principais relacionamentos que cê tem hoje...

M: Eu conheci duas gays... eu conheci duas gays, a gente era bem novinha...

R: Duas gays?

M: Dois gays.

R: Dois gays...

M: Eu também era gayzinho na época, nós fomos pro Rio juntas, nós ficamos lá, fomos morar juntas. Aí, fui morar no Rio com essas duas bicha, aí nós ficamos... tivemos uma amizade maravilhosa...

R: Elas eram de (nome da cidade)?

M: Eram de (nome da cidade), somos de (nome da cidade). B. e J.

R: Foi lá que tudo começou...

M: Que tudo começou pra nós três... Nós tivemos uma vida pra contá. Fomos pra Europa juntas. Elas foram primeiro depois eu fui. E daí ficou gravado na história como a gente era companheira, como a gente era amigas... (Margarida)

No trecho, a interação a partir dos termos “gay” e “bicha”, bem como das negociações dos usos dos artigos masculinos para o feminino e vice-versa, marca o processo da construção da travesti compartilhado pelas três. O sentido é de um aprendizado compartilhado, um processo que envolve nomeações e sentidos que caminham para a predominância do feminino, passando pelo masculino. A travesti lança mão do repertório da Amizade-babado para valorizar aquelas que permanecem juntas no processo de transformação.⁶³

A parceria significada nesse repertório traduz uma construção de si a partir da outra. Aparece um sentido sobre si que forja a potencialidade da relação, em que a travesti se descreve como alguém que foi ajudada, que é do bem, que se diverte, que supera dificuldades por intermédio da outra. Uma construção positiva e que potencialmente tem o poder de mudar o curso da vida, ou seja, por meio desse repertório se reconhece a vulnerabilidade vivenciada, mas ele funciona para dizer que a amizade exerce a influência da busca por uma vida melhor.

P: É, não tava nem aí... Tipo meio mendiga... Bebendo...bebendo...ficava lá jogada... o povo passava...olhava.

R: Mas como é que você fazia pra trabalhar?

P: Eu trabalhava de terça a sábado. Então sábado, geralmente eu aprontava isso. (risos)

R: Você ficava igual...

⁶³ Nas etnografias, é ressaltada a influência e parceria com as travestis mais experientes nesse processo. Isso não fica marcado nesse repertório, que abarca aquelas que começam juntas o processo de construção do ser travesti (Benedetti, 2005).

P: Perdida... aí não. Depois que eu comecei⁶⁴ aí não... Que eu comecei a me valorizar mais. Montar realmente... Tipo assim, ter produções melhores... Que a P. exigia: “não, tu não vai pro bar comigo desse jeito não”. Eu melhorava... Melhorava... Melhorava...Melhorava. (Perpetua)

No processo de produção de sentidos, a travesti consegue delimitar um marco em sua história: o momento em que se monta de “verdade”, e esse momento é marcado pela presença de outra travesti. A escolha do nome aparece nesse repertório, mediando a busca de uma vinculação por meio da linguagem, com usos que enfatizam a escolha dos nomes no feminino com as mesmas iniciais, por exemplo, o nome de duas amigas terem a letra ‘P’ como inicial.

O repertório da Amizade-Babado é usado ao dizerem dos sentidos de proteção, ou seja, travestis que se protegem umas das outras e de outro ameaçador, fora do universo. O sentido de reconhecimento da importância da outra travesti traduz um uso que referencia o próprio risco de vida e violência em potencial, conformando uma rede de sentidos em que ser parceira nos momentos de perigo e ameaça é compartilhado e importante:

J: Quando eu arrumo uma confusão assim, algum caso de briga, ou na morte, aquilo acolá, aí todas tão em cima. Não aceita, sabe? Mas também elas não são de ficar em cima, sabe? Mas elas também não aceita as pessoas de fora fazer pouco da gente, né? Nem eu aceito com elas e nem elas comigo. Aí nesse aí a gente tem uma coincidência muito grande, sabe? Da ajuda...nossa uma ajuda... um problema, uma confusão, uma briga, todas tão em cima, vai dá o pau pra quebrar e vai... (Jasmin)

Esse repertório conforma o sentido de uma grupalidade entre as travestis: “nem eu aceito com elas e nem elas comigo”. Elas produzem, por meio desse repertório, um sentido político diante da ameaça do outro que não é comum, ou mesmo diante de uma situação de perigo em que a morte é uma ameaça. Esses sentidos aparecem, comumente,

⁶⁴ Perpetua se referia ao processo de começar a vida como travesti.

no processo de construção identitária⁶⁵, e ressoam num significado de afirmação e até de rebeldia: “vai dar o pau pra quebrar”, funcionando como um jeito de falar que mobiliza laços de solidariedade umas com as outras, reafirmando um sentido de proteção frente à situação de vulnerabilidade.

A união entre as travestis é significada quando uma delas é ameaçada por alguém fora do universo. Mas o delimitador maior e mais valoroso para o uso do repertório da ‘amizade babado’ é quando se trata de um problema com alguém do próprio meio. A amizade aparece confiável quando é relatado que uma travesti se arrisca por outra, entre “iguais”:

(Travesti relatava a acusação que sofreu sobre o roubo de um celular)

J: Aí o menino falou assim... éh loirão, o celular que tu me vendeu, não presta não. Oh, pega ai pra ti. Ai jogou... falou... ‘oh celular’. Foi onde... Onde elas viram. Aí falou S: “nossa Jasmin... Perdão, desculpa”: “Não bicha... isso é pra vocês vê que eu não tenho precisão. Eu sou p., eu sou pobre, mas nunca precisei do suor de ninguém querida, tá?” Aí a F. falou assim: “eu falei pra vocês, que a Jasmin podia ser o que fosse, mas essa coragem ela não tinha. Eu conheço gente, eu conheço pessoas, pessoas que são.... pessoas que são da minha amizade, do meu redor, eu conheço pessoas que prestam. Porque que não prestar, basta só eu. Só basta eu...”. (Jasmin)

No relato de Jasmin, a amizade é significada pela via de uma defesa feita pela travesti F. em contrapartida a S. que teria acusado Jasmin de roubar um celular. O argumento para proteger a amiga é fortalecido no movimento de desvalorização de si, ou mesmo exposição, para valorização da outra: “Porque que não prestar, basta só eu”. Formata um uso que desvaloriza e desqualifica a si, para afirmar/valorizar que existem travestis ‘boas’ e que são, por isso, amigas.

O repertório também é usado associado ao termo ‘afinidade’, ou ainda, ao movimento de só ‘bater o olho’, ou seja, não se tem uma explicação a respeito do

⁶⁵ Goffman (1988) aponta essa identificação de afirmação entre aqueles que sofrem um estigma em comum. Voltar-se para o próprio grupo na leitura do autor é ser leal e autêntico.

porquê uma se tornou amiga da outra, o que é significado como algo estranho e que provoca ciúme:

A: Aí sabe, ela bateu o olho assim, e a... Como eu nela, entendeu? Tanto que na época, tinha na casa tinha pessoas de anos que morava na casa e tudo, tem umas que ficavam até com raiva, entendeu? De não ter aquela liberdade que tinha entre eu e ela. Entendeu? (Açucena)

D: Aí ela ficou olhando, me deu uma agarrada na minha mão, aí eu, meu Deus eu fiquei assim, sabe? Meu Deus... ela (se referindo a outra travesti) parecia que tava vendo um astro, uma rainha não sei... E aquilo eu não sei, acho que foi o primeiro momento de uma amizade, sabe? Foi tão agradável, tão assim meiga, sincera, que assim, não sei... Me conquistou... Assim afeto de amizade. (Dália)

C: A B. foi uma coisa assim, bem estranho. Assim que eu cheguei aqui, uma semana depois a gente já tava conversando, já andava só uma com a outra, depois nós não desgrudou.

R: É?

C: Acho que foi de tanto todo mundo falá, que aí nós grudou tanto e ela... e quando eu cheguei aqui ela já tinha as outras amizade. Então parece que aqui as outras amizade foi criando tanto ciúme, foi virando tanta picuinha, tanto conversinha, que foi fazendo a gente, a nossa amizade fica mais forte ainda. (Camélia)

Outro uso que se associa às falas de carinho, cuidado, lealdade é o da relação referenciada nos momentos de adoecimento e vulnerabilidade. O fato de muitas travestis morrerem, predominantemente, antes dos trinta anos, por “bala”, arma de fogo, ou “tia”, que na linguagem das travestis, referencia o Hiv/Aids⁶⁶, são recorrentes no uso desse repertório, no sentido de construção de uma empatia entre as que compartilham um momento de necessidade, em especial que envolva a saúde. A travesti que realiza a visita num momento de adoecimento é significada como uma figura alvo de gratidão eterna:

R: E de carinho? Tem alguma expressão de carinho? De afeto?

F: Ai. Aqui dentro? Ai às vezes. Eu gosto muito da M. Que a M. foi me ver no hospital. Sabe? Sou grata por isso.

R: Humhum

F: Ela ia lá me visitar. Quando eu tava sozinha. Sabe?

R: Humhum

F: Lembrou de mim... Né?

⁶⁶ Morrer antes dos trinta é frase comum na convivência com as travestis, consideração também apresentada nas etnografias (Silva,1993, Benedetti, 2005;).

R: Humhum
 F: É muito bom. A gente tá em um lugar... Chega uma pessoa, né?
 R: Humhum. (Florinda)

Ao longo da entrevista, a travesti que faz a visita não é descrita como mantendo um vínculo estreito de amizade, como confiável, mas o marco do adoecimento em si, configura uma referência a ser dita com respeito e consideração pela outra.

A expressão do repertório Amizade-Babado, também pode se associar ao uso do humor, por meio de brincadeiras no sentido crítico, mas que por ser entre travestis que mantêm um afeto positivo e respeitoso, ganham a autorização pela via do riso e da jocosidade:

F: Aí eu já procuro brincar com aquela que já me respeita. Como eu respeito. Aquela que eu sei que não é...
 R: Como é que você brinca?
 F: Como é que eu brinco?
 R: É.
 F: Ai. Brinco com elas, é no modo de falar. Elas começa a brincar comigo, né?
 R: Tipo falando o quê? Dá um exemplo da brincadeira?
 F: Me chamam de vovó Piedade. Que a vovó Piedade bebe meio litro de conhaque na novela. né? (risos)
 R: Ahhh . Vovó Piedade. (risos)
 F: Aí eu xingo elas também. Tudo brincadeira. Entendeu? A gente ri...
 R: Você xinga elas de quê?
 F: Ai. Às vezes de bicha monstro... (Florinda)

Vale demarcar que o uso desse repertório é comum na descrição da história da travesti sem remeter a um espaço específico para sua concretização, ou seja, demarca o início do processo de se reconhecer travesti e referencia um espaço de grupalidade/proteção/gratidão em uma situação de risco e adoecimento. No entanto, quando a casa e a rua são incluídas objetivamente como espaços de convivência, a amizade ganha outros usos e contornos.

5.1.2. Amizade-Batalha

A Amizade-Batalha é um repertório identificado por imagens e sentidos associados à rua, ao companheirismo, ao coleguismo, ao truque, à competição, à negociação, à fofoca, à prostituição e também à casa. No espaço da rua, em especial, o sentido da Amizade-batalha tem função de descrever as relações entre as travestis no continuum entre a casa e o espaço de trabalho na rua. O termo *Batalha* é êmico nesse universo e faz referência ao trabalho das travestis, à ida à Batalha, em especial, na prostituição.

Nesse repertório, as travestis dizem de si mesmas, como vinculadas diretamente à prostituição. Sentidos que confundem a transformação como travesti com a transformação como prostituta.⁶⁷ Essas descrições vão possibilitar os sentidos das relações de Amizade-Batalha: ser travesti e ser profissional do sexo delineiam a possibilidade de dizer dessas relações.

O primeiro uso desse repertório é identificado na descrição de quando uma travesti chama a outra para trabalhar junto em um programa. Essa escolha não é feita, necessariamente, entre as travestis com mais afinidade, confiança, ou ditas leais. A Amizade-Batalha é usada ao situar a criação de critérios que começam na convivência em casa para forjar a combinação relacional no trabalho. Para se referir ao contexto da rua, o sentido que prevalece é o da afinidade profissional e não da ‘Amizade-babado’:

R: Que cê consegue confiá? Me conta um pouco dessa...

M: Não... Não... que eu posso confiá não... Eu tenho assim, a B. como mais íntima de eu chamar ela pros lugares, dá gente dormir junta, dá gente fazê uma suruba...

R: Rola isso né, também?

M: Rola... Rola... Porque tem travesti que me pega... tem cliente que me pega, aí fala: “ai eu quero vê você comendo uma amiga sua”... Aí muita das vezes ele escolhe, cê fala “não meu amô... Que eu já conheço a bicha lá de casa... como ela é... Ou ela é porca, ou ela é fresca, ou ela é cheia de tititi”, ou ela vai brigá com o cliente, então antes que aconteça isso... Apesar que a B. me deu o maior vexame ná última vez que a gente saiu... Chamei ela pra fazê

⁶⁷ O que ressoa, por exemplo, na primeira versão da Classificação Brasileira de Ocupações de 1977, em que o termo “travesti”, era situado como explicativo para a ocupação como Profissional do Sexo (5198), ao lado de garota de programa, meretriz, michê e prostituta.

uma suruba, ela deu um escândalo com o cliente... Ma é normal, eu já conheço, eu já conhecia... Já vi que isso poderia acontecer. Mas a B. é uma que eu tenho mais afinidade... Ela e a C. (Margarida)

Outro sentido promovido pelo uso desse repertório é aquele que referencia o sentido de uma amizade por meio de uma negociação para a boa convivência, seja na rua ou na casa. Existe nesse caso, um jogo, uma batalha velada. Batalha não no sentido de rupturas, mas de um conflito que é reconhecido, mas que é negado para buscar uma boa convivência. Nesse caso, a travesti não descreve um relato amistoso e verdadeiro com base na história de vida e nas falas de proteção e defesa, mas de uma amizade situacional, quase que no “truque”⁶⁸, para melhorar o cotidiano das mesmas:

(A travesti pedia um favor, para outra que passava na porta, eu perguntei sobre o pedido)

M: Não, eu to brincando, eu não falo com ela...a gente é uma cobra. Eu falei com ela: minha filha, já que eu te odeio né, e você me odeia... a gente vai ter que se unir uma a outra ...então a gente manda beijinho, a gente dá tchau... pra gente viver num... Eu fiz isso pra gente viver... porque a gente brigava todo dia . Todo dia eu acordava tinha que brigar com ela. Aí acordava, aí era uma confusão, aí pra não ficar essa confusão eu falei: vamo se unir amiga? “Ai amiga!” aí a gente bate mão... (imita o bater das mãos).

R: (risos)

M: Ixi, uma falsidade... (Margarida)

O engodo é descrito como uma forma de sobrevivência. O exercício de enganar - ensaiado no corpo das travestis, na montagem, na mudança de voz - encontra ecos nessa descrição situada sobre a relação. Nessa relação, a falsidade não ganha um sentido encerrado no negativo ou na noção “fulana é falsa”. É uma falsidade relativa, por acompanhar uma confissão da falsidade, em que o falso é mediado pelo verdadeiro e vice-versa. Forjam, por meio do uso desse repertório, uma performance em que se tem a denúncia do engodo e da batalha para ambas as partes.

Esse repertório é usado, ainda, para referenciar amizades que não podem ser sinceras a depender do contexto de vida. O que significa que os sentidos variam no

⁶⁸ Termo do Bajubá que se refere ao engodo, usar artifícios para enganar (Pelúcio, 2007)

momento da entrevista segundo o espaço onde a amizade relatada é construída e mantida. As relações que poderiam ser potencialmente positivas, quando associados ao elemento casa, onde vivem muitas travestis que trabalham com a prostituição, são descritas como ameaçadas de alguma forma:

J: Eu gosto muito delas. Muito mesmo. Mas só que, nem isso... se fosse eu, ela e a F. fora daqui, poderia até considerar uma amizade muito forte, mas como, tanto aqui dentro, eu tenho assim pra mim... colegas... amigas de serviço, conhecidas, sabia? As outras. Elas duas não, elas duas, eu tenho como amigas. Mas se fosse fora daqui eu acho que a amizade ia ser bem mais forte.

R: Por quê?

J: Porque aqui, por mais que eu tenho elas como amizade, mas sempre tem uma que vem. Mas se ela gosta de mim, gosta de outra pessoa também, outra bicha... A outra bicha não gosta de mim. Já começa falar mal de mim pra ela. Aí já vai dando aquela conversinha. Sabe? Porque, onde tem viado, Rita, é difícil sabia? Ainda mais um monte de vários estados, de vários países, como é aqui... (Jasmin)

Vincula-se no relato, termos que a travesti constrói sobre outras travestis como “viado”, “bicha”. Na interação, isso ganha status de uma intimidade e é compartilhado. Esses termos afirmam o sentido da “colegagem” em que as falas contextualizam as relações na casa pela diversidade do grupo das travestis e também no trabalho com a prostituição, como uma impossibilidade de aprofundar os vínculos.

O uso do repertório é associado à justificativa da dificuldade de construir uma amizade sincera convivendo com tantas travestis em diferentes espaços e na complexidade de temas associados a dinheiro, drogas, roupa e competição:

R: Você acha que é possível ter amizade? É Possível?

A: Não. Tem muito coleguismo. Amizade não.

R: É e por quê? A?

A: Queira ou não queira, entre elas, a disputa é muito acirrada, Rita, uma querendo ser melhor que a outra, uma querendo vestir melhor que a outra, uma ganha mais que a outra, então é um ambiente assim, que não dá pra ter amizade. Queira ou não queira é um tipo de um comércio. Ali o dinheiro fala mais alto.

R: Entendi.

A: Então não tem afeto.

R: E quando tem? Você está me contando que tem, alguns momentos tem afeto...

A: Tem não, minha filha.

R: Até nestas que você confia?

A: Não, aí não, é diferente, entendeu? Rita... Mas eu falo assim. Você me perguntou em termos geral? Não foi? (Açucena)

A negociação em torno das descrições sobre a amizade nesse repertório engendra o estabelecido de um critério entre o que pode ser descrito no geral e o que é raro. O repertório da ‘Amizade Babado’ é utilizado para se referir a um grupo restrito, composto por uma, duas ou, no máximo, três travestis. Quando avaliado em termos gerais, ou seja, quando se pergunta se é possível ter afeto no meio travesti, a amizade é (re)significada e associada ao termo coleguismo tal como construído pelo repertório da “Amizade-Batalha”.

Esse repertório também aparece quando as travestis referenciam os dilemas da rua e da necessidade de tornar velados esses dilemas. Associa diretamente as relações das travestis a uma característica do grupo: “quem tem telhado de vidro não joga pedra no vizinho”. Ou seja, nesse repertório, as travestis comunicam relações compostas por pessoas que, de forma geral, não são ‘santas’, incluindo elas mesmas, e essa descrição cria um sentido de tolerância diante do universo e entre elas:

R: X nove é o que, P?

P: Ai, fofoqueiro. Tipo assim. Uma coisa que eu não gosto. A gente tá na rua Rita, tipo assim, eu tenho teto de vidro...eu tenho um teto de vidro igual qualquer uma.

R: Claro...

P: Eu não roubo, eu num faço nada de errado. A não ser... eu to nessa colocação⁶⁹. A partir do momento...se alguém comentar e a (dona da pensão) escutar, não vai ser novidade pra (dona da pensão), vai ser uma coisa pra me pegar. Mas eu não quero esse constrangimento.

R: Hum

P: Entende. Pra que eu vou falar de uma? Sendo que a outra também pode falar de mim. (Perpetua)

Nesse repertório, a dona da pensão, figura muitas vezes ambígua⁷⁰, é significada mais próxima ao sentido da ‘cafetina’, ou seja, o uso desse repertório traz a dona da pensão no sentido mais limitador, por ser dita por meio do estabelecimento de controle

⁶⁹ Colocação é um termo êmico usado para referir ao uso excessivo de drogas.

⁷⁰ As cafetinas aparecem na literatura no duplo lugar de quem explora, controla e, ao mesmo tempo, de quem assegura a ordem e o bem estar no universo da prostituição (Pelucio, 2007; Peres, 2005).

dessas relações, em especial naquelas em que se identifica o uso de drogas, briga, infração das normas da casa, como chegar no outro dia drogada, bem como por punições tidas como mais violentas e exageradas, pela agressão verbal. Função que é reconhecida como necessária, mas que, ao mesmo tempo, traz o limite da relação entre elas e a dona da pensão.

Portanto, é um repertório que abarca o sentido da estranheza diante de uma punição, advindo de alguém que não é legitimado para esse fim. Apresenta, assim, um uso que se associa à descrição dessa nova forma de relação com a dona da casa e o que é considerado legítimo. No trecho a seguir, a travesti contava de um momento que marcou essa relação, em um dia em que chegou sob o efeito das drogas e a dona da pensão flagrou:

R: E aí?

C: Foi, brigou pencas.[...]

R: E porque que isso te marcou, Camélia?

C: Uai, porque sei lá, é uma coisa estranha, você levar uma surra dum pai, dum mãe, né?

R: Humhum...

C: Da... de alguém de fora é diferente...

R: Hamham... e o que que isso te diz na hora que isso aconteceu?

C: Ai, num sei, dá aquela coisa de vergonha, né? Ai, igual na hora do almoço, você já fica com vergonha de olhar pra cara das outras. É estranho...

R: Que todas veem?

C: É.

R: É, num é...

C: É bem estranho. (Camélia)

Através desse repertório, as travestis falam de um reconhecimento dos próprios limites relacionais, nos contextos da casa e da rua. O que abre espaços para dizer de relações que são possíveis ao mediar a negociação entre o que a outra faz, o que eu faço e qual o limite de comunicar isso ao grupo. Ou seja, no repertório ‘Amizade-Batalha’ existe uma cumplicidade que não se dá pela idealização de um afeto, nem no sentido de pertencimento ao grupo, mas pela necessidade do contexto que abarca, ao mesmo tempo, sentidos de competição, fofocas, trabalho e dilemas afetivos. Para tanto,

a função desse repertório é dizer dos conflitos, mas buscando sentidos adaptativos aos mesmos. Ao usarem esse repertório, as travestis acabam implicando-se inventivamente para encontrar saídas relacionais entre elas.

5.1.3. Amizade-Família

O repertório da ‘Amizade-Família’ é marcado por um vocabulário organizado em torno de palavras como mãe, pai, cafetina, união, irmã, irmão, casa, cama, conselhos, a casa-pensão, marcado pelo pronome possessivo meu, minha (minha casa). Esse repertório é utilizado em momentos das entrevistas em que as travestis falam de suas relações associadas à formação de uma “grande família”, incluindo o vocabulário da irmandade nessas relações. Abarca sentidos que associam os laços estabelecidos à casa familiar, à maternidade, e ao amor fraterno. Nesse repertório, a produção de sentidos situa um espaço centrado na casa-pensão⁷¹:

[...] assim ,aqui eu me sinto à vontade, nesse ponto... Olha que delícia, tipo assim, vamo lá, Ritinha, senta na área da piscina... Não é meu... Mas vamo falar assim, vamo colocá... Eu não sou dona da casa, mas sou filha da dona... (Margarida)

R: E como é que é essas diferenças?

I: O quê?

R: De morar aqui? De morar com a família? De morar lá onde você morou?

I: Aqui a gente tem... né? Porque a gente pode... porque aqui a gente é do jeito que a gente é, né? A gente fica à vontade. Entendeu? A gente anda pelada. Tira os peito pra fora, fica só de calcinha. Casa da mãe não. Por mais que seja a casa da mãe, mas tem a mãe, tem que ter respeito, tem o irmão. Eu acho que aqui é o lugar... bem mais assim, pra nós morar (Iris).

Esse repertório, no processo da entrevista, situa sentidos de familiaridade em relação ao espaço da casa, em relação às outras travestis, bem como a atribuição de um sentido de lar para essas pessoas. A significação do lar envolve estar bem à vontade, que pode ser acolhedor e abarcar a intimidade. Nesse repertório, existe um uso que

⁷¹ A casa em questão pode agrupar cerca de trinta travestis em um mesmo período, sendo que ocupam quartos coletivos ou individuais, a depender do tempo de permanência na casa.

diferencia os espaços da família de origem e o novo espaço em que as travestis justificam poder ser o que são, o que promove um sentido positivo ao movimento de deixar a casa da família, pelo reconhecimento de que nesse novo 'lar' é possível ser o que se escolheu.

Em especial, na Amizade-Família, identificam-se jeitos de dizer sobre a figura polêmica da dona da pensão. Essa relação, muitas vezes ambígua, ganha aqui contornos de uma ação necessária, educativa, estabelecida por meio de uma idealização dessa figura, que aparece bem sucedida, no sentido de um exemplo a seguir.

p: Aí tem aquele prédio de apartamentos. Não é? Tem uma escadinha. Em frente uma banca de revista. Né? Aí eu to na escadinha, tinha botado o negócio, o pó... Aí ela chegou pra falar comigo.

R: Lá no (nome de um lugar da rua)?

P: Lá no (nome de um lugar da rua). Lá tá legal agora. Aí..., olho pro lado só vejo o carro da (dona da pensão) virar. Ai meu Deus (risos)

R:Foi lá tirar... Que que você fez?

P: Não tava na mão...eu só coisei. Balancei.

R: Balançou... (risos)

P: Aí já levantei, e já botei no meu short, né? Levantei.

R: Pra não perder tudo, né, danadinha. (risos)

P: O que tava na mão joguei fora...Ai eu fui lá falar com ela. Ela não viu.

R: Aí o que ela falou?

P: Por um pouco. Por um triz. "Que que tava fazendo ali sentada?" Tava arrumando a minha sandália.(risos)

R: Nossa, Perpetua.

P: Ai...(risos)

R: Quê que a (dona da pensão) representa?

P: Aiiii...tipo assim...uma mãe, um pai, uma família que, como se diz? Pega muito no pé do filho.

R: É?

P: Pro bem.

R: Você sente assim?

P: Eu me sinto. Acho que todas também. (Perpetua)

É importante ressaltar que o repertório Amizade-Família vem de um contexto local, demarcado por esse grupo entrevistado. A moradia/pensão é significada como um dos contextos mais adequados em termos de segurança e qualidade de vida, sendo reconhecido que em outros locais os sentidos sobre a casa e a dona da pensão não são os mesmos, estando associados à cafetinagem. É válido, pois, situar esse repertório no

contexto de sua criação. As travestis nesse repertório diferenciam a casa atual de outros locais.

Ro: Assim, sempre na nossa região a gente já ouvia falar, (a dona da pensão) é muito famosa! Muito conhecida mesmo, uma das melhores casa, que aqui ela apóia muitas coisas. Cursinho, que ela apóia, não usar droga que é o principal. Você crescer como pessoa. Né?

R: Hummm

Ro: Ter uma situação boa, ter uma estadia boa. É confortável. Aí foi uma dessa, essas referencias que eu tive dela. Aí a F. bem curiosa, que já viajava pro Marabá, Pará, Mato Grosso, São Paulo. Tudo.

R: Hamham

Ro: Sempre já foi mais doidinha. Aí ela caiu aqui. Aí ela falou “Rosa aqui é muito de boa, se tu andar certinho, pagar as continhas, tu mora aqui horrores. Ela é como se fosse uma mãe pra ti”. E eu ‘Cafetina, meu Deus, nem!’. Que eu vi uma reportagem, documentário não tem esses, documentário de jornaizinhos que passa, que a cafetina extorque, é maltrata, faz a pressão psicológica em cima. ‘Meu Deus do céu!’. Aí a F. falou, “ganha, só recebe, dependendo da vida, você só recebe, colhe o que planta”. (Rosa)

O uso desse repertório justifica, por exemplo, o porquê de muitas travestis estarem nesse mesmo espaço há mais de quatro anos⁷². A figura da dona da pensão, nesse repertório, é aproximada a de mãe⁷³, de referência de vida, daquela que assegura tanto a casa, quanto o trabalho na rua. Também é construída por esse repertório como aquela que dá conselho, que dá segurança em assuntos da vida pessoal:

I: Sete meses e aí as coisa foi mudando. Entendeu? Aí o que eu fui perceber mesmo o que que os homens realmente queria com a gente.

R: O que que foi mudando?

I: Foi mudando...ele queria que eu desse dinheiro a ele. Eu não dava, porque eu nunca dou. Eu segui muitos conselhos da (dona da pensão).

R: Humhum

I: A (dona da pensão). falou que não era...eu comentei com ela, que ele tinha começado me pedir...ela falou não dá. O dinheiro é pra você. Você trabalha. Entendeu? Aí começou, eu fui catando... ele foi me pedindo...pedindo cada vez mais. (Iris)

R: Do que é... o que que é bom morar aqui?

J: O bom de morar aqui é a segurança que a gente tem na rua... sabia? Por causa da (dona da pensão). (Jasmin)

⁷² O que não é comum. Segundo as etnografias, as travestis dificilmente permanecem anos numa mesma cidade ou na mesma casa/pensão. (Benedetti, 2005).

⁷³ Assim como apontam as etnografias (Benedetti, 2005; Pelúcio, 2007), o uso do sobrenome é marca nesse processo de construção de novos vínculos, sendo o sobrenome da travesti-mãe, predominante nesse momento de entrada no universo.

Para além dessa significação em torno da dona da pensão, que esboça um sentido atribuído à maternidade, ao limite e à educação tendo em vista um desenvolvimento pessoal, esse repertório é utilizado para se referir à relação entre elas. O repertório da Amizade-Família constrói um sentido de uma grande família, em que as outras, não só a dona da pensão, são significadas como pessoas ligadas num sentido de irmandade. Uma irmandade que se distancia e ao mesmo tempo se aproxima da ideia de família tradicional.

I: É tudo por aí.

R: O que que é engraçado as caras delas?

I: Ah... porque a gente...eu acho que a gente na verdade é assim...a gente...é meio que irmã uma da outra. Sabe? Eu acho. Eu penso assim.

R: Humhum

I: Tem irmãos que se dão bem. Tem irmão que não se dão bem.

R: Humhum

I: Né verdade? Você pensa assim?

R: Humhum

I: Não sei se você pensa assim. Eu penso assim, porque...a gente convive todo dia junta, ri junta. Às vezes acontece de chorar junta. Entendeu?

R: Humhum

I: E eu acho que é isso aí. (Iris)

O repertório também é usado quando se criam os critérios de situar o que muda da família de origem da travesti para esse novo sentido ‘inventado’ pelas travestis e que, ao mesmo tempo, legitima a ideia de uma união familiar, inclusive em momentos que tradicionalmente são compartilhados com a família, como o Natal e as festas de aniversário:

C: Eu creio assim, que se transforma em família, que é igual o Natal. O Natal eu passei com todo mundo junto. Acaba transformando, virando família. Se vê que um dia uma não trabalhou, ganhou dinheiro, a outra ganhou, aí chegou na hora do lanche, ah, faz a linha. Sempre assim, vai virando uma família. Querendo ou não vira. Inda mais aqui. As que tá mais tempo M., a G., S., H...

R: Essas que tão mais velha cê acha que o quê?

C: É mais união de família ainda. Cê vê que elas sempre tão junta, sempre tão conversando, nunca tá brigada... (Camélia)

Dizer da nova relação de amizade-família vem associado a dizer da família que foi deixada para trás. Nesse sentido, o repertório é utilizado pelas travestis para assumirem o papel de responsabilização conjunta na manutenção do vínculo com os

parentes que foram deixados nas cidades natais. Esse papel, na conversa, coloca a travesti como alguém que cuida da outra, substituindo e respondendo ao vínculo familiar distanciado.

D: Falo pra. A.... Saber quem é quem, quem não é quem. Quem ela pode contar, com quem não pode contar. Inclusive a família dela inteira, toda cobra de mim.

R: Você é responsável por ela...

D: Tipo assim, não que eu esteja, a família dela não liga pra ela, mas liga no meu celular. (Dália)

No repertório da Amizade-Família a responsabilização no papel da mãe ou irmã é legitimada quando não há limites, nem ‘brincas’ na relação; quando esse demarcador aparece, vem acompanhado de sentidos de obrigação ou de dever:

J: Eu sempre fui dono do meu nariz. Eu sempre me sustentei, eu sempre tomei minhas decisão. Eu sempre me chamei atenção de mim mesmo. Não que eu sou uma cabeça mais que todo mundo. Todo mundo erra como eu falei. Né? Mas eu não consigo ninguém mandar em mim. Aí eu tô conseguindo agora, porque eu to morando aqui, e tenho, né? (Jasmin)

Dessa forma, o repertório identificado em torno da Amizade-Família traz em si um novo jeito de comunicar as relações entre as travestis no espaço da casa, em especial, por incutir também a ideia de uma grande família de travestis, na qual os papéis de ordem e limites são construídos em torno da legitimidade do encontro. Os problemas aparecem, principalmente, quando as travestis negociam os sentidos do que é permitido e do que não é permitido na casa. Um dilema que é significado e construído por uma incongruência: ao mesmo tempo, se dizem pessoas crescidas e têm que seguir ordens da casa, como, por exemplo, a de não usar drogas, com o risco da intervenção de quem não é nem mãe, nem pai.

F (Nome da dona da casa) fala... Você bebeu. Você bebeu a garrafa. Eu falo... Bebi. Porque se eu não falar que eu bebi...

R: Humhum

F: Você acha que eu vou viver minha vida assim. Eu com (fala idade).

R: Humhum

F: Tendo rédeas pra sobreviver.
 R: Humhum. O motivo de...qual que é o motivo principal de você tá indo embora?
 F: Que eu cansei. Eu não preciso. Entendeu?
 R: Humhum... E o quê que você planeja pra você?
 F: Eu. Planejo ficar com a minha mãe. (Florinda)

Esse repertório envolve, pois, um processo de legitimar o novo espaço e a nova família, reconhecendo as possibilidades de irmandade que são construídas nessa invenção do espaço da casa que ressoa no espaço da rua, um uso que permite o estabelecimento de conviver com a diferença. Ao mesmo tempo, é usado em interface com a Amizade-Batalha quando as travestis não dizem reconhecer a função limitadora e organizadora assumidas por outras travestis na casa, nesse momento o repertório tende a produzir sentidos de rupturas e a significar a busca por novos espaços e cidades.

5.1.4. Amizade-Segredo

O repertório identificado como Amizade-Segredo remete aos sentidos sobre as relações de amizade que se desdobram em relações amorosas e sexuais entre travestis. As falas explicitam algo velado, que não se resume à prática profissional da suruba. Ele é composto por imagens e palavras como: afeto, ciúme, sexo, paixão, solidão, silêncio, agressão, distanciamento. É um repertório que requer um esforço para ser dito, portanto não é um repertório usado com naturalidade ou dito para qualquer interlocutor:

R: Hum, hum, e já teve uma situação de vocês duas que te marcou?
 A: Já, nos já brigamos demais. (gargalhadas)
 R: Me conta um caso assim que você lembra.
 A: iii foi essa cicatriz que eu tenho no rosto, aqui, e olha isso foi briga minha e dela.
 R: Ela te deu um soco?
 A: Foi, eu dei um tapa na cara dela.
 R: Deu um tapa na cara dela?
 A: Tipo assim, a gente tinha um caso, entendeu?
 R: É, vocês namoraram?
 A: Um caso... Sei lá se era fuleragem ou que que era, sei lá... Isso passa... isso foi por causa de ciúme, entendeu?
 R: Entendi. Mas isso pode acontecer...
 A: É normal...
 R: vocês convivem...

A: Eu já falei pra você, eu não arrumo ninguém, eu sou muito possessiva, entendeu?

R: Hum. hum. Mas você tem ela...

A: Não, hoje eu não gosto de ninguém...

R: É mas vocês já namoraram? Vocês duas

A: Não...

R: Foi?

A: (Gargalhada, fica sem graça)

R: Aí você ficou com outro rapaz?

A: Não, era tempo de rua, de programa, ela tinha ciúme, eu tinha ciúme, você saía com homem entendeu? Aquela palhaçada...

R: E aí, conta direito essa historia, Açucena?(risos) Essa cicatriz sua aí, ela é forte...

A: É (risos)

R: Aí você saiu com alguém?

A: Não, eu sei que nós tinha brigado, lá embaixo, eu fui num bar ela estava bebendo, eu fui jogar a bebida dela fora, ela achou ruim, eu cheguei e dei um tapa na cara dela, ela foi e deu um soco, aí tinha um anel, o anel pegou aqui e cortou.

R: E aí? Aí como é que fez as pazes?

A: Não.... No outro dia. Assim entendeu? Eu não sei ter maldade, Rita. Eu não guardo, entendeu? Mágoa. (Açucena)

O repertório da Amizade-Segredo tem o sentido permeado pelo “caso” e o “ficar”, entre as travestis é marcado pela evitação. Um interjogo de negação e afirmação para dizer da possível relação estabelecida. O namoro não é confirmado explicitamente, pelo menos, não nomeado como tal, mas se revela na interação, na busca por estabelecimento de sentidos entre a entrevistadora e a travesti. Vem explicitado, no caso, pela via da “fuleragem”, um sentido que negativiza a vivência.

Engloba ainda descrições que remetem ao ciúme, com nuances de descrição de brigas, vinculadas à negociação de um afeto positivo, demarcado pela paixão. Não há ruptura na relação, mas um arranjo relacional significativo entre as travestis, que pode ser dito via um movimento de condenação da própria descrição, cheia de cuidado e ressalvas.

Para se referirem às outras que mantêm relações de namoro entre si, a descrição do repertório já aparece mais direta, buscando descrever de forma a não se localizar como uma travesti que mantém esse tipo de relação:

R: E entre... mesmo pra além da suruba... Tem amor... às vezes pode surgir amor?
M: Não, não...
R: Cê já ouviu falar?
M: Já... Mas eu acho que no meu caso não... Nem o da L.... Acho que...
R: Mas assim, cê já viu?
M: Mas existe... Lógico que existe... A F. por exemplo... a F. não pode chegá uma bicha nova, que ela quer transá com a bicha...
R: Hum
M: Então acho que isso...vai de cada uma. Mas... (Margarida)

Os sentidos da ‘Amizade-Segredo’ são permeados por uma negociação que perpassa pelo valor de um sentido compartilhado de que travesti gosta de homem, mantendo uma ‘relação heterossexual’ com seus parceiros. Esse repertório pode ser visto como uma denúncia que demarca a incoerência ou algo ruim a ser praticado e que (re)dimensiona os sentidos do que seria aceito nas práticas relacionais entre elas.

Esse repertório é usado, ao mesmo tempo, para explicar o porquê dessas relações serem construídas, apesar de não serem ‘aceitas’. Passa, assim, a compor os sentidos de afeto e as explicações em torno de como se dá o processo de apaixonar-se por outra travesti:

R: E você já se apaixonou?
p: Ai. Não.(risos)
R: Não?
P: (fez som de não)
R: E você já viu?
P: Já. A H., por exemplo.
R: A H. e quem?
P: A H. e aquela amiga do norte.
R: Sei.
P: Elas namoram, com a C. do norte também.
R: Ah...
P: Ela já teve aqui. Já vi as duas. O sentimento das duas. Não é que é verdade?
R: É verdadeiro?
P: É verdadeiro. Aham(risos)
R: E como é que faz ver elas... ele...é ela com a outra...com...
P: A outra...
R: Outro cliente?
P: Ah...sei lá. Estranho. Por isso...ai...sei não. Que elas sente não. Acho que as duas levam pelo lado profissional. Se conheceram assim, né?
R: Ahh..tá.
P: Conheceram assim...então. vão se aceitar...
R: Mas você acha que seria possível isso? O que faz passar de amizade pro amor?
P: Ai...eu...a solidão.
R: Acha?

P: Sim. A solidão. Falta de amor por alguém. Muito sozinha... Ai...quando de repente aparece aquela pessoa que...preenche esse vazio que você sente. Acaba sentindo amor mesmo.(risos)
 R: E você já viu aqui na casa?
 P: Ah só elas mesmo.
 R: De amiga. Mas tem...
 P: Mas tem. É normal.
 R:Humhum
 P: Tem muitos casos. (Perpetua)

Ainda que na ressalva, “Não é que é verdade?”, o uso do repertório denuncia o afeto. Os usos do repertório da Amizade-Segredo se justificam pelo sentido em torno de uma vivencia solitária, que encontra ressonâncias nas falas sobre os homens e as relações possíveis de serem estabelecidas com esses parceiros tidos como ‘ideais’. A desilusão amorosa e os sentidos de descrença frente aos relacionamentos românticos com homens recaem como um fator que dificulta a possibilidade de encontrar a paixão que seria aquela reconhecida e valorizada entre elas:

I: Tem desejo, Rita. Assim por dentro... uma coisa...vê a gente eles imaginam logo a fornicção. Sabe? É. Mas só que é só isso.
 R: Acha?
 I: Acho. Certeza, assim... porque não pensa que um...um deles vai interessar assim, em você, vai andar de mão dada na rua, se...se você não tiver nada pra oferecer pra ele. Entendeu? Porque o que eles quer com a gente é o sexo, e desfrutar da gente, a gente também desfruta deles. Porque a gente acaba desfrutando de uma maneira ou de outra, mas gostar da gente eles não gostam. Eles não gostam nem das mulheres deles. Porque eles larga, eles larga e vai procurar prostituta. Vai procurar travesti. Procura até outro homem mesmo. A mulher não tá nem sabendo. Entendeu?
 R: E o que aconteceu com esse amor? Por quê?
 I: Esse amor... Nesse amor, eu fui descobrir foi...graças a Deus. Demorou um ano pra passar, mas passou.
 R: Hum
 I: Eu fui descobrir que isso, sexo e dinheiro, é a única coisa que eles querem da gente. Daí esse sim foi, esse sim, foi que eu falei assim... ”Não, eu não quero homem pra mim” (Iris)

A Amizade-Segredo é usada como que pela impossibilidade de manter um vínculo com homens⁷⁴, inclusive com os clientes. Restringe-se a possibilidade de amar aqueles que predominantemente teriam o vínculo desejado e compartilhado no universo

⁷⁴ Destaco o trabalho de Piscitelli e Teixeira (2010), que ao recortar a relação das travestis com os ‘maridos italianos’ argumentam que a transitoriedade marca toda a experiência delas e se sustentam não tanto pelo trabalho como profissional do sexo, nem pelo aspecto temporário do projeto migratório das travestis, mas, sobretudo, na percepção da fragilidade das relações afetivas que não se adequam à norma heterossexual. Argumento que ressoa nesse repertório usado ao longo da entrevista.

(travesti-homem/hetero). Além do uso desse repertório, as travestis ainda associam que a prostituição não combina com amor, evocando uma dupla justificativa para não viverem uma paixão: serem travestis e serem putas. O repertório engloba um significado pejorativo do amor e que ressalta a escolha por não vivê-lo:

R: Você acha que pra você ser travesti, você precisa ser profissional do sexo?
 P: Eu não. Mas eu gosto de ser profissional do sexo.(risos)
 R: Ah... Isso é uma opção?
 P: Hamham
 R: Humhum.
 P: Uma opção que acabou gostan... que eu gosto dela. Eu gosto...
 R: E o amor não cabe nisso?
 P: Não. Não cabe. (risos)
 R: Mas por enquanto? Ou...
 P: Ai ...por enquanto. Tipo assim...Ai... o amor é uma flor roxa que nasce no coração dos tolos.
 R: Como é que é?
 P: O amor é uma flor roxa que nasce no coração dos tolos... (risos)
 R: O amor é uma flor...
 P: Roxa
 R: Roxa
 P: que nasce no coração dos tolos. (risos)
 R: É. E o que significa isso?
 P: Só os tolos são apaixonados.(Perpetua)

O sentido de que viver um amor aos moldes aceitos entre elas é desgastante e não concretizável, traz um uso para esse repertório associado à ideia de ‘solidão’, e por meio da justificativa dessa solidão, aparece o sentido da possibilidade de existir o romance, entre uma travesti e outra. No entanto, esse romance não é valorizado, ainda que seja uma possibilidade significada como plausível, se considerar que o meio de convivência e troca entre as travestis é o que predomina em seus cotidianos.

R: E entre as travestis, cê ta falando dessas coisas né de amizade, pode ter namoro também...?
 H: Tem namoro. Claro que tem relação de namoro... Mas assim, hoje em dia não é tão normal não. Mas antigamente era mais normal de ter namoro. Porque as travestis se tinham isoladas, então era assim como se diz, as mesmas pessoas quase os mesmos sentimentos... Então aí rolava de ter um sentimento entre uma e outra.
 R: É assim como qualquer...
 H: Hoje em dia não, o povo é mais liberal, já tem várias pessoas né que já é liberal, vários homens que já gostam, quer namorar então... (Hortência)

R: Aí namora?
 I: Comigo não. Se uma apaixonar pela outra?... Ai namora né? Porque... namorar é gostoso, né?

R: Humhum
I: Por mais que seja doído... (Iris)

Portanto, para o repertório ser dito, é preciso negar essa possibilidade para si e reconhecer para as outras, ainda que no parâmetro da dor e da desconfiança. O desgaste para falar da relação de amor entre as travestis situa, por outro lado, os significados que atribuem a si mesmas. Se não se significam, nesse momento, como pessoas que podem amar, prostitutas que poderiam ter afeto, como é plausível duas impossibilidades juntas e apaixonadas? Esse repertório traz a relação dos sentidos sobre si fomentando o uso dos sentidos das relações. Uma relação dita, mas compartilhada de maneira limitada pelas travestis amantes, eróticas e também solitárias.

5.1.5. Amizade-uó

O repertório Amizade-uó é composto por sentidos que traduzem os conflitos em torno das relações entre as travestis, e consigo próprias, ao longo da entrevista. São encontrados sentidos e imagens como: agressão, fuxico, sujo, máfia, briga, machucar, confusão, anormalidade, dinheiro, drogas, pecado, passar fome, doença. Esse repertório é composto por sentidos que mostram as dificuldades na relação, os momentos de solidão e a busca por uma nova forma de vida, descrita, por exemplo, por meio do rompimento dos vínculos. O termo ‘uó’ foi escolhido por ser êmico na linguagem bajubá e ser usado pelas travestis para referir a algo ruim e problemático.

Esse repertório aparece em momentos da entrevista em que as travestis falam de suas decepções umas com as outras, quando dão sentido às limitações dessa convivência tanto no espaço da casa, quanto no da rua.

F: Que a gente vive numa...sei lá. É...é muito complicado pra mim falar isso. E é difícil. Mais...a gente vive num meio hipócrita. Num meio, sabe? Muito.....sujo. A palavra correta é essa. Entendeu? Que por mais que você faça ali uma coisa certa. Você sempre é ruim.
R:Humhum

F: Entendeu?

R: Entendi. Mas como? Você falou sujo, né? Sujo como?

F: Ai Ritinha. Tudo que vem de maldade do próximo, pra mim, que é falsidade, a fofoca, é intriga, é enxerto.

R: Enxerto é o que?

F: Entendeu? Enxerto é fofoca pra outras já fazer. De grudar, de bater. E ela do outro lado, ela ficar rindo, gloriosa por que fez a outra... tipo combate. Bater. Entendeu? (Florinda)

H: Sempre tem uma desavença no mundo travesti, sempre tem uma desavença. (Hortência)

É referenciado, também, por meio de sentidos em que as travestis apresentam a si mesmas e as outras. Ou seja, o sentido negativo das relações é acompanhado do significado da '(im)possibilidade de existir' de forma digna, e reconhecida, forjando um conjunto de sentidos ligados ao pecado, à anormalidade, depreciando o gênero travesti. A prostituição é retomada nesse repertório referenciada como uma prática errônea que colabora ainda mais para o negativismo dessas relações e delas mesmas. No trecho a seguir, a travesti dizia sobre os nomes que as referenciam no ambiente de trabalho:

Ro: “Ehh traveco, êê João, que horas é o futebol?” meu Deus! Se gostosa é mil vezes, João é duas mil vezes. Ou seja mais banaliza do que . Mas aí tem esse movimento gay que a gente faz, a parada, que ajuda apaziguar um pouco.

Ri: Entendi.

Ro: A gente tenta tapar o sol com a peneira.

Ri: Você acha que é tapar o sol...

Ro: Eu acho que daqui. É um processo gradativo, daqui um tempo quem sabe possa amenizar um pouco o preconceito.... Mas nunca vai exterminar ele. Ele nunca vai ser extinto.

Ri: É, Rosa?

Ro: Eu acho que não, porque isso já vem de cultura, e logo mais porque você, a gente cresce com religião, é lógico, é desenvolvido com religião. E Deus já fala lá na bíblia, tal, tal, tal, isso já, você já é criado para aquilo, com aquela ideia: ‘Os afeminados, não herdarão o reino do céu.’”

Ri: Como é que é?

Ro: Os afeminados não herdarão o reino do céu;

Ri: Os afeminados não herdarão o reino do céu. (Rosa)

No processo de produção de sentidos, o repertório abrange o tema do preconceito, mesclado pelas saídas encontradas, por exemplo, no tema do movimento social. No entanto, predomina o sentido pejorativo sobre elas, e a descrença diante de algo maior, por meio de um uso que legitima a religião, o pecado e o não pertencimento

‘ao reino dos céus’ Além do pecado, a anormalidade é outro sentido comumente usado para referir umas as outras nesse repertório:

A: Aqui... este lugar é muito louco, sei lá. (risos)

R: É?

A: Como eu falo pra você. Não é aquela coisa normal, é anormal (risos).

R: (risos) E é anormal como?

A: Sei lá... foge das características, e tanta coisa que você vê, é tanta coisa que você escuta tanto costume, às vezes assim maluco, entendeu?

R: Me dá um exemplo assim, Açucena...

A: Uns palavreados muito escroto. Entendeu? Um pessoal assim, sem disciplina, sem principio, sem nada, entendeu? Elas está, está comendo, está falando, fala de homem que comeu que não sei mais o quê. Então é assim uma coisa anormal. Entendeu?

R: Anormal?

A: Anormal, entendeu? Aquela coisa maluca...

R: Anormal porque esta falando dessas coisas?

A: É eu acho assim, hora da refeição é sagrado. A criação minha foi assim, entendeu? Mas briga, xinga, falta estapear na hora que está comendo. (Açucena)

O sentido crítico sobre as travestis é marca desse repertório. No entanto, é um uso que muda seus efeitos e intensidades, quando se fala do “meio” travesti em geral e quando a pessoa se incluiu nesse meio. O jogo não se concluiu em termos de abstenção frente ao problema, mas do receio de se tornar como as outras: “Eu não quero ficar igual”. Um repertório que demarca um não lugar, uma lacuna: Eu sou algo do meio, mas não quero ser do meio.

F: Em outros lugar, elas dão a faca pra cada uma....Quero ver quem fura quem. Quem vai morrer primeiro.

R: E porque que chega a esse ponto, Florinda?

F: Porque elas são desse jeito. Não tô te falando que é babado travesti.

R: Desse jeito como?

F: Péssimas, amarguradas, sem coração.

R: Você é assim?

F: Eu não sou assim não.

R: Então...

F: Eu não tenho nada a ver com elas. Por isso que eu te digo. Eu não quero ficar igual... (Florinda)

Outro uso marcante do repertório é quando o tema do dinheiro aparece como marcador para despotencializar as relações. Aqui o provérbio popular: ‘Tens o que vale: nada tens, nada vale’ é reforçado, e legitimado nas falas por meio do sentido de que elas só seriam respeitadas e se respeitariam se ficassem ricas:

I: Como? Meu bem... se você for... se você tiver dinheiro, tem respeito das pessoas, entendeu? Das bichas...(Iris)

M:...Você tem um dinheiro você não morre cedo... Aí cê fala que isso, imagina... Mas é. Infelizmente (tosse) hoje em dia o dinheiro se compra tudo... Só não compra a salvação de Deus... que até espaço lá em cima tá vendendo... com dinheiro compra saúde... (Margarida)

No processo de significação da Amizade-uó, o sentido da ambição também é bastante utilizado. As travestis, por meio desse repertório, se entendem como mais ‘mafiosas’ nas relações. No espaço da casa, por exemplo, o repertório aparece para diferenciar a pensão das travestis de uma república de mulheres, pelo sentido das travestis transgredirem além do que uma convivência feminina permite.

R: O que muda?

P:A discussão. Acho que muda... Pouca máfia.

R: Um pouco...?

P: A maldade.

R: Você acha que a máfia?...

P: É.

R: Que que é que mudaria, máfia?

P: Aieee. Isso que mudaria entre a comparação de travesti com as mulheres. As travesti são mais mafiosas. São mais....

R: São mais...

P: Como se diz...mafiosa...maiiiiis...ai, tá fugindo a palavra.hahaha...mais ambiciosa, maldosa. (Perpetua)

O sentido da ambição e da maldade mobiliza um estado de alerta constante entre elas no uso desse repertório. Ele aparece em momentos da entrevista em que as travestis encontram um limite moral, por reconhecerem o que seria bom e o que seria o ruim na convivência. No trecho a seguir, a predominância de dar droga em detrimento da comida, imprime o uso da amizade-uó, moralmente denunciado:

C: Tem muita gente...Tem bicha, que ela não nega droga na rua mas nega comida em casa.

R: É?

C: Encontra na rua cheirando, te oferece e tudo. Mas se tiver lanchando você pedir alguma coisa. Fica louca...(Camélia)

A violência, também, aparece nesse momento significada nas vias de fato, por meio da facada, tiro e da violência concreta nesse universo. O repertório aparece

legitimando uma ‘terra de ninguém’, sem lei, onde as travestis usam a Amizade-uó para significar as marcas do corpo, as sequelas no processo de sobrevivência. Uma guerrilha, velada socialmente, mas explícita nas marcas do corpo.

J: Na rua. Olha isso aqui. Isso aqui foi facada que eu levei. Oh...

R: Facão enfioi ai?

J: Não. A travesti passou a faca dela aqui em mim. O marido dela me segurando assim...oh. A tal de ... do (Estado do pais).

R: E aí?

J: Aí quando ela passou assim eu peguei e levantei a minha perna. E pegou aqui... e essa bolachinha caiu pra fora. Nesse dia apanhei muito. Apanhei... (Jasmin)

Os usos desses repertórios imprimem o reconhecimento de relações que se estabelecem, mas que de forma pejorativa, se deslegitimam. O trecho a seguir demonstra a complexidade de sentidos que permeiam o uso que a travesti faz desse repertório, disponível socialmente, e que imprime de forma precária a tradução de si como algo errado, pecaminoso, com a reprodução de noções de uma ‘raça’ que não deveria existir no mundo:

F: Eu tenho isso dentro de mim. Eu não vou morrer travesti. Me prostituindo não.

R: Se prostituindo não. Mas travesti você vai morrer?

F: Não. Acredito que não.

R: Vai deixar de ser travesti?

F: Eu tenho certeza que sim.

R: Como?

F: No dia que o Senhor... Eu sinto .. que Deus me tocar.

R: Aí como é que você vai fazer?

F: Deus tem solução pra tudo. Rita.

R: Mas você acha que o que você é, é o que?

F: Que que eu sou?

R: É. Pra você querer se transformar depois, no dia que Deus te tocar...

F: Mulher! Eu sou travesti mulher! Porque eu sempre tive esse lado feminino. Entendeu? Mas eu aprendi que a gente nasce, não é pra ser assim...

R: É?

F: Porque é uma vida muito sofrida. Isso não é o certo. Não tolero ainda...

R: Mas você vive. né?

F: Mas vivo, né? Porque é muito difícil. Entendeu? Porque até agora não criei força pra poder aceitar...

R: Hum

F: Uma solução pra minha vida, né? É muito complicado pra mim, nossa.

R: Me...me...só... você acha que você deixaria de ser travesti? Nessa vida? Você conseguiria?

F: Ritinha. É muito difícil. Entendeu? Mas às vezes eu me pego...

R: É?

F: Eu acredito muito que Deus tem poder pra tudo.

R: Tem?
F: Entendeu?
R: Humhum
F: Apesar que eu faço muitas coisas erradas. Apesar que eu peço todos os dias. Peço até pelo pensamento, entendeu? Mas Deus tem que ter... tem misericórdia, né?
R: Mas você acha que você faz é errado? Florinda?
F: Demais
R: Por quê?
F: Porque eu acho.
R: É?
F: É. Eu acho complicado. Acho erradíssimo.
R: Por que que é errado? Me dá um exemplo?
F: Eu vou te falar. Eu tenho...tenho uma opinião minha, né? Eu...eu tô vivendo ela. E to falando mal dela. Entendeu?
R: (risos). Não.
F: É complicado, entendeu? Você que é psicóloga... Não vai... Você não vai entender... Vai falar... essa bicha é louca. Mas não é. (risos)
R: Não preocupa. Não.
F: Eu sei. Mas eu acho o seguinte. Porque não é certo. Não é lícito. Dois homem tá junto.
R: Não é certo dois homem tá junto?
F: Não é.
R: Que que é certo?
F: O certo é o homem viver na trilha reta.
R: Mas você é um homem?
F: Eu sou um homem. Mas um homem no caminho errado.
R: No caminho errado.
F: Ser escrava do pecado.
R: E o que que é o caminho certo?
F: O caminho certo é o homem...
R: Você? O seu caminho certo?
F: Eu o meu caminho certo. Olha eu falo assim. É difícil, né? Eu como...eu por ser homem. Eu era pra ter...vontade de ter mulher. Ter tesão por mulher. Entendeu? Ter filhos. Casar.
R: Humhum
F: Viver uma vida normal. Tranquila.
R: Humhum
F: Mas, é isso. Por outro lado eu não tenho nada disso. Eu...isso....
R: Você não tem nada...?
F: Nada. Não tenho vontade de mulher. Nada.
R: Humhum
F: Entendeu?
R: Mas isso que você tá me contando. É...você por ter feito esta escolha. Naquela...naquele momento você pensava como você pensa hoje?
F: Hoje? Não. não pensava.
R: Como é que você pensava?
F: Porque eu era mais nova. Eu tava tudo no embalo. Entendeu Rita? Tudo era festa. Era farra. É como elas dizem. É close. Mas com o passar dos tempo. É é...eu fui vendo que né nada disso.
R: Mas é possível deixar de ser uma coisa que você se tornou?
F: Se é possível? Claro. É sim.
R: Mas como é que você vai fazer? Você vai tirar o peito?
F: Ah eu vou tirar, mas não é assim, né? De primeira instância. De primeira instância eu vou tirar... daí vai ser um processo muito lento.
R: Mas como é que você vai tirar seu cabelo? Vai deixar de ser a Florinda?
F: Mas é isso que eu penso. Né Ritinha? Que um dia eu não quero...não quero terminar assim. Entendeu?
R: Não?
F: Não quero.

R: Como? Então me conta como é que você terminaria? Como é que você imagina assim você?
 F: Eu? Uma pessoa normal. Um homem normal. Sem peito, sem cabelo grande. Vestido normal. Com short, camiseta.
 R: Cadê a Florinda?
 F: Aí... morreu, né?
 R: Você quer matar ela?
 F: Pretendo.
 R: Pretende?
 F: Pretendo sim. Agora eu não sei quando. Nem como.
 R: E você pretende? Por quê?
 F: Porque eu não quero acabar... eu não quero terminar assim.
 R: Humhum. E assim. Esse assim é o que? Como é que você está hoje?
 F: Sofrimento demais.
 R: Tá sofrendo muito?
 F: Todas sofrem...
 R: E sofre por quê? Me dá um exemplo desse sofrimento que você passa?
 F: Começando pelas pessoas que a gente mora, convive. A raça. Como se diz. (Florinda)

O trecho é extenso, mas evidencia uma tentativa de compreensão de um ‘assassinato’ de si mesmo. O diálogo denuncia o pesar, uma negociação e construção do desejo de ser outra coisa e atribuir a Deus essa mudança em forma de salvação. Além da significação de um sofrimento de impotência diante do que se é, há, ao mesmo tempo, uma negação da pessoa que se tornou. Como seria possível tal aniquilamento? O movimento dialógico intrigou-me no momento da entrevista, o que refletiu na predominância dos meus questionamentos em torno desse assassinato e o reconhecimento de um gênero subversivo fadado à morte.

Esse jeito de contar da própria existência cerceia o repertório Amizade-Uó, que imprime um sentido de uma raça, que não é ‘inteligível’ por elas mesmas e, com isso, ressoa predominantemente um dizer pejorativo e negativo sobre as travestis, em que o sofrimento é determinante.

Esse dizer extremo de aniquilamento oscila e desdobra em significados que conformam outros tipos de negociação consigo mesmo, pelo discurso da misericórdia do cristianismo, e no uso da própria palavra de Deus para se resguardar.

R: Humhum. Mas igual quando você falou pra mim, que lia a bíblia lá e falava, nossa.

Ro: Eu sentia fazendo coisa pecaminosa.
 R: Você acha que hoje você é mais tranquila?
 Ro: Sou, hoje eu sou mais tranquila pras coisas, e sei também.
 R: Às vezes você fica frustrada?
 Ro: Não porque Deus também fala, vinde a mim como estais...
 R: Vinde a mim como tu estais...
 Ro: Então tem muito, e na minha vó crente, minha vó me ensina um monte de coisinhas.
 R: Quem?
 Ro Minha vó é evangélica...
 R: Hum hum...
 Ro: Ela me ensina muitas coisinhas. Tem o lado bom e o lado ruim também, né? É assim não deixa de ser, né um monte de vertentes, né? Mas pecado todos nós temos, né? Então eu não vou ficar me culpando, me torturando, porque eu sou a... eu não sou a única travesti. (Rosa)

No relato, a justificativa: “eu não sou a única travesti” provoca um efeito confortante no uso do repertório, pelo sentido de que não se peca sozinha. Um uso que situa o entendimento pecaminoso do grupo, mas que alivia por poder dividir a ‘carga’ com as outras, ainda que no sentido pecaminoso.

Esse conjunto de sentidos constitui um repertório que tem uma função discursiva de auto-boicote das relações, sendo os sentidos de rupturas recorrentes, por vergonha ou mesmo por não legitimarem uma relação. A vergonha pelo que se tornou dá o sentido de impossibilidade de se manter os vínculos, sendo predominantes os verbos no passado.

R: Não tinha uma pessoa?
 F: Tinha.
 R: Uma amiga?
 F: Tinha
 R: Quem?
 F: Ah uma co... cabelereira. Aliás eu tinha várias. Eu tinha duas. Eu tinha três...Porque eu ficava com vergonha... Me afastava... Que elas sempre quiseram meu bem. Me ajudar. Entendeu? (Florinda)

O repertório Amizade-uó, pode indicar uma contradição por ser nomeado como amizade. Porém, a ‘Amizade’ como termo idealizado no vínculo positivo, não se coaduna com a leitura que as travestis usam nesse momento. O que ressaltam é um jeito de nomear as relações desdobrado na convivência entre elas por meio de um vínculo trágico, contextualizado nas lógicas heteronormativas desse tempo. Não se dizer

possível é demarcador suficiente para a abjeção, para a anulação, para dar contornos a relações, mas em sua precariedade. Assim, a amizade-uó envolve usos que legitimam os sentidos religiosos, pecaminosos, anormais de dizer sobre as travestis e suas relações. Ao mesmo tempo em que traz a nuance de compartilhamento de um fardo entre elas e a busca por um entre lugar: ser travesti, mas não ser a travesti que os outros (sociedade, religião, psiquiatria) traduzem e que por consequência elas legitimam.

5.2. Repertórios em movimento

Seguindo a apresentação dos repertórios, selecionei alguns dos trechos da entrevista para dar visibilidade à forma como os repertórios dialogam entre si, enfatizando que são repertórios disponíveis socialmente, não localizados na pessoa travesti, e que distanciam-se, pois, da ideia de uma linguagem como representação, ou da existência de uma consensualidade ou uniformidade discursiva.

Numa mesma fala, podemos encontrar repertórios da Amizade: Babado, Batalha, Família, Segredo e Uó. Essa mobilidade que reflete a construção discursiva em seu aspecto micro e mais flexível por via da interação possibilita uma leitura que não determina e não elege nenhum dos repertórios sobre as relações de amizade, dando foco na negociação e multiplicidades de sentidos. Eles aparecem legitimando as relações, seus potenciais, a confiança, e, por outro lado, são usados para dizer de forma pejorativa desses vínculos.

Considerando essas características dos repertórios, apresento por meio da sistematização de tabelas, alguns trechos nos quais é possível reconhecer diferentes repertórios em uso. No primeiro a ser apresentado, a travesti fala das relações em sua complexidade. No momento anterior a ele, a travesti dizia da dificuldade em acreditar e confiar em outra travesti, utilizando o repertório Amizade-uó, mas ao ser questionada

sobre o desejo de ir para a Europa, um momento decisivo na vida de muitas travestis, sua fala é ressignificada e o repertório da ‘Amizade Babado’ associado ao da ‘Amizade Família’ aparece, situando o aspecto positivo e profícuo da relação. Em meio a eles, a ‘Amizade Uó’ aparece como contraponto e, posteriormente, o sentido de compartilhar uma vulnerabilidade passa a ser um demarcador da união, finalizado com o repertório Amizade-Babado. Esse e outros trechos mesclam os repertórios e demarcam uma multiplicidade de usos no momento da entrevista, conforme o quadro a seguir:

Figura 1: Repertórios em uso situado 1

Repertórios	Trechos
<i>Babado</i>	<p>Rita: Por quê? (Perguntava porque ela não quer ir para a Europa)</p> <p>J: Num gosto. Eu faço aqui porque assim, num meio de vida não mais fácil, o meio de vida que eu me encaixo melhor e pelo... como... a minha, a minha, tipo assim, a minha raça, que nem o povo fala, né, é muito vulnerável, aí eu gosto de sempre de estar perto. Aqui a união faz a força. Tá perto das travestis, porque sou travesti. Vo pra rua porque as travesti tá na rua. [...].</p>
<i>Uó</i>	<p>R: Agora olha que interessante que você falou, né, pela sua raça, né?</p> <p>J: É, porque o pessoal fala assim, né?</p> <p>R: Que por mais que você fala que, que você falou pra mim que é difícil e tudo, tem isso, né?</p> <p>J: É, tem.</p> <p>R: Mas como é que essa relação... re... Meio, né? Você entendeu minha pergunta?</p>
<i>Batalha</i>	<p>J: Ah, é assim. Mas assim, a pergunta é meio estranha e a resposta... Porque é assim... ligar todos ligam, no escuro, sabe? Fica com raiva, aquilo acolá, aquilo acolá, mas vai e pega uma travesti só, daqui só, e leva, e leva ela pra... pra São Paulo por exemplo, numa das zona que tem, ela sozinha. Por mais que lá tenha travesti, mas ela não vai se sentir bem, sabia por quê? Por causa das colegagens delas aqui, do costume, das convivências que ela tem com as daqui. Com o tempo que você vai ficando, conversando, conhecendo, é lógico que você vai ter a vida como você tem aqui, né? Mas todo o começo assim, que</p>

	você viaja assim, sozinha, sem conhecer ninguém é muito ruim. Como todo começo...
<i>Família</i>	R: Tem um lado que é ruim... J: Tem um lado que é muito bom, sabe o que é? É porque é o amor fraternal....
<i>Babado</i>	... As travesti a gente briga, aquilo acolá, mas na hora de fala assim... Aí é uma briga...
<i>Uó</i>	... mas a gente tá passando fome, 'num do comida', tá com fome 'num do cana', ta doente num do remédio...
<i>Babado</i>	... mas é uma briga, aquilo acolá, todas tão em cima. (Jasmin)

Nesse outro trecho, é possível reconhecer que ao longo da conversa os repertórios aparecem carregados dos sentidos apresentados, delimitando que as nomeações das relações sobre esse universo são variáveis e funcionam de forma a não produzir uma descrição unívoca predominante.

Figura 2: Repertórios em uso situado 2

Repertórios	Trechos
<i>Segredo</i>	R: Você era namorada da P? (conversávamos sobre as relações que estavam se estabelecendo quando a travesti foi morar na casa com outras travestis) C: Não. Antes deu vim pra cá... Depois que eu vim pra cá, de ninguém. R: Ah, entendi. C: antes deu vim pra cá...
<i>Babado</i>	C: ... J. também é uma bicha que eu gosto muito. R: É? C: Adoro fica implicano ela na esquina. R: É, por quê? (risos) C: E fica a noite inteira implicano uma a outra. R: E aqui na casa? Porque na rua parece que vocês ficam... e aqui, uma situação aqui na casa em que você acha que essas questões de amizade também são...?
<i>Batalha</i>	C: É igual eu te falei, na hora que vê que ela tá com fome. Não trabalhou... Que passou mal, usou droga.

	<p>R: Hamham</p> <p>C: Foi aquela noite baladeira</p> <p>R: Hamham</p> <p>C: E tá com lanche. Tá comendo e come, deita lá: ‘Vem come!’... mas...</p>
<i>Uó</i>	<p>C: Tem muita gente... tem bicha, que ela não nega droga na rua mas nega comida em casa. (Camélia).</p>

A partir dessa sistematização é possível reconhecer que uma travesti usa vários repertórios em sequência, disponíveis socialmente e não localizados na pessoa em específico. A depender da pergunta e do contexto da interação, as travestis podem lançar mão do repertório que as visibilizam positivamente ou o contrário.

Segundo a perspectiva da análise do discurso, as pessoas utilizam dos repertórios disponíveis para dar sentidos à interação, sentidos que por sua vez, carregam funções sociais. Com isso, as pessoas utilizam diferentes artifícios para falar de um aspecto particular do seu universo, dependendo da mudança do propósito da interação. O resultado dessas mudanças de sentidos e intenções refletem variações nas falas as quais podem ser compreendidas como contraditórias, ou mesmo opostas, inconsistentes ou incoerentes (Potter e Wetherell, 1995, 1996) .

Como ocorre no primeiro trecho apresentado, a travesti nomeia a pergunta e sua resposta como ‘estranha’, e busca tornar coerente um universo que é dito, em determinados momentos, como ‘difícil’ e, ao mesmo tempo, como compartilhado positivamente por uma ‘raça’ travesti. No segundo trecho, a descrição sequencial mostra que o demarcador casa-rua imprime usos diferenciados para as relações e demandam das travestis jeitos diferentes de reconhecer a cumplicidade e o dar ou não ‘comida’ quando a outra precisa.

Portanto, esse destaque analítico convida ao questionamento de uma perspectiva linguística que pressupõe uma fala clara, lógica e objetiva sobre as relações. Não é possível, pois uniformizar as relações a apenas um dos repertórios identificados. É a miscelânea de seu uso que possibilita diferentes jeitos de se dizer sobre as relações entre travestis e, por consequência, as diferentes implicações que carregam.

5.3. Os repertórios e as implicações teóricas e práticas na vida das travestis

Nesse momento da análise, proponho uma interlocução entre os repertórios encontrados e a literatura da área, remontando alguns dos diálogos possíveis e a implicação de pensá-los nesse universo.

Os repertórios interpretativos identificados, em sua maioria, relacionam duas temáticas discursivas: a primeira marcada pelos sentidos sobre as relações entre elas, e a segunda, pelos sentidos sobre si. Um se sustenta no outro e vice e versa. Dessa forma, a partir dos jogos que fazem entre esses dois ‘temas’, as travestis legitimam suas relações de forma positiva ou as difamam. Quando as travestis pontuam positivamente sobre si, num recorte temporal específico, em especial no momento do ‘início’ do processo, e em espaços da casa, dos passeios, da transformação, é possível comunicar relações que favorecem os modos de vida, como a motivação para mudança, o pertencimento no grupo: ‘a raça das travestis’, o momento do adoecimento/apoio encontrado, o uso do humor. Por outro lado, quando os repertórios são usados para assegurar o estigma, os marcadores de anormalidade, pecado e desvio, os vínculos passam a ser relatados de forma questionável e o universo que compartilham começa a ser significado como desastroso e (im)possível.

No primeiro repertório apresentado, Amizade-Babado, são destacados os critérios de amizade e as formas de convivência nos momentos de coletividade, nos efeitos positivos desses vínculos, seja como resposta às perguntas sobre os pontos positivos dessa vida, ou mesmo usando para resgatar as pessoas marcantes. Esse uso se associa ao que as etnografias (Silva, 1993; Benedetti, 2005) apontam como o início do processo de montagem, em que as travestis se inspiram umas nas outras, tanto para construir o feminino, quanto para se fazerem travestis, nos gestos, nas falas, no corpo. No entanto, existe a restrição de um critério baseado no número de travestis para o uso do repertório: é dito para referenciar poucas amizades, que por sua vez, se transformam em laços de cumplicidade. O critério da vulnerabilidade passa a ser um marcador importante de união, sendo uma estratégia que justifica os momentos de parceria e por sua vez de proteção.

No segundo, Amizade-Batalha, os vínculos ainda são mantidos, e a prostituição aparece como um demarcador: ser prostituta é quase sinônimo de ser travesti. Esse uso remete a importância da prostituição, como espaço de sociabilidade e espaço de formação da travestilidade (Pelucio, 2007, Kulick, 2008), no entanto, foi possível reconhecer o uso de um sentido adaptativo e criativo, que não idealiza o afeto entre elas, mas que por outro lado reconhece os limites e os 'deslizes' do grupo, com o movimento de manutenção de vínculos sem expor a outra, com o risco de se expor. Uma 'colegagem' mediada pelo contexto, no truque, na manha, na reinvenção do gênero que desdobra na reinvenção das relações.

No terceiro, Amizade-Família, as travestis usam de um sentido de pertencimento, de uma defesa de compartilhar a vida junto a outras travestis, nem que por algum momento da vida. Um sentido de irmandade ressoa na Amizade aos moldes modernos que tendem a comunicar os vínculos pelo viés da fraternidade (Ortega, 2002).

Aqui o uso sustenta e legitima a noção de família na significação de uma maternagem, nos encontros e festas de final de ano e de aniversário. Ao mesmo tempo, rompe com ela, por ser possível conviver com a transgressão de um gênero, sem o estranhamento do modo de vida escolhido que abarca, por exemplo, andarem nuas pela casa, montar no feminino, sair a qualquer hora para fazer programa. Portanto, configura uma família-travesti, num espaço em que o modo familiar tradicional é situado fora (mas não significa que é superado, constituindo dois modos válidos de ser família). São as ‘amigas-irmãs’, ou a ‘cafetina-mãe’ que entoam os parabéns, a ceia de Natal, e os vínculos são descritos e reconhecidos como potencialmente seguros, nesses espaços.

A Amizade-Segredo, por outro lado, remete a sentidos em que a contradição de ser travesti e amar uma travesti encontra um léxico limitado, que não pode ser dito explicitamente. Aqui aparece um novo jeito de traduzir as travestis, nos seus relacionamentos amorosos. Conforme pontuou Foucault (1982;2010), permitir relações sexuais é uma coisa, mais importante que isso é o reconhecimento dos próprios indivíduos desse tipo de relação: ‘que eles reconheçam e as realizem para inventar novos modos de vida’. Reconhecendo a necessidade de outros tipos de relações que não as institucionalizadas, Foucault faz um convite reflexivo que toca essa questão da Amizade-Segredo. As travestis, ao usarem esse repertório, demonstram um reconhecimento indireto e quando ocorre se dá pelo uso da terceira pessoa. A marca da impossibilidade de se relacionar com outra travesti reflete um lugar solitário, descrente do amor entre elas e os homens, e entre elas mesmas.

A Amizade-uó, por sua vez, referenda esse não reconhecimento das relações, por compor usos pejorativos das travestis ao dizerem das relações e de si mesmas. A anormalidade, a invisibilidade, o desejo por ser diferente daquilo que se tornou, ou ainda o receio de se tornar ‘aquilo’, implica em sentidos de uma negação de ser travesti

e de se relacionar construtivamente. Uma vida que com esse uso deixa de ser legítima, o que, por consequência, forja relações (im)possíveis de amizade, que não podem ser admitidas (Foucault, 2010). Aqui elas referendam o destino das 'bichas' de morrer antes dos trinta anos, o que imprime a compreensão do destino fatal por assassinatos, por ausência de uma adesão ao cuidado em saúde, ou mesmo no questionamento da efetividade do movimento social para a mudança de suas realidades (Benedetti, 2005; Pelúcio, 2007).

De forma transversal, alguns contextos aparecem como marcadores predominantes, compondo os repertórios, entre eles os espaços da rua e da casa, bem como o da vizinhança. A escola e outros espaços sociais, por outro lado, não aparecem como uma marca em nenhum dos repertórios usados pelas travestis, o que pode remeter que ainda não são léxicos construtores ou influentes nas relações entre elas.

Dizer dessas relações remete também ao recorte da figura da dona da pensão, que passa a exigir outro léxico que não o da cafetina-tradicional. Existem diferentes usos que ora a aproximam da figura da cafetina (amizade-batalha), e ora convida aos sentidos maternal e positivo (amizade-família). Ou seja, não se fala da realidade, da pessoa concreta, mas constituem-se modos de dizer que possibilitam diferentes lugares sociais e nas relações interpessoais entre elas. É pois, uma figura que repreende, que controla, que aconselha, que se preocupa, como apontado também nas etnografias (Benedetti, 2005; Pelucio, 2007).

Nesse contexto, surge um questionamento central. Considerando que são os discursos hegemônicos de família, namoro, amizade que sustentam um certo tipo de descrição de quem somos nessa sociedade e nesse tempo histórico, como se daria isso para as travestis? As travestis, ao realizarem a mudança no gênero, acabam for afetar as estruturas de reconhecimento de si, e as relações na família, namoro, amizade, são

ameaçadas. Nesse processo, referendar um jeito de vivenciar a sexualidade destoante, implica em novas formas de estabelecer esse reconhecimento, não necessariamente pela via de um apagamento da história pregressa, mas como ‘lacuna relacional’ que é ressignificada.

Nessa lacuna, as travestis convocam umas as outras no processo de (re)conhecimento, atenuando a abjeção (Butler, 1999) e, ao mesmo tempo, a legitimando, pois essa convocação não se mostra suficiente para assegurar a existência como travesti. Assim, na multiplicidade, o universo se mantém num circuito marcado pela briga, pela conciliação, pela morte e pelo renascimento. Vocabulários diversos, de aproximações e rupturas, que tem por base uma opção de gênero, cuja teia relacional escolho nomear como ‘amizade’, mas que pode encontrar outros léxicos, por ser uma lacuna ampla e diversa que não será preenchida apenas com esse recorte. Para o momento, as travestis se reconhecem por convocarem umas as outras como amiga-colega, amiga-parceira, amiga-redentora, amiga-irmã, amiga-mãe, amiga-falsa, amiga-namorada, amiga-morte, amiga-louca, amiga-colocada, amiga-pecadora, amiga-monstro, amiga-eumesma, etc..

A constante que acompanhou essa análise foi a dificuldade em nomear, em não restringir a multiplicidade apresentada. Os nomes que foram sendo associados às amizades sugerem uma invenção situada, algo que não pode ser dimensionado e nem encarcerado.

Os repertórios convidam a pensar as várias formas e transformações da amizade, desde sua ligação com os gregos (na busca por legitimar relações homoeróticas), até seu encerramento na família (Ortega 1999; 2002). Da mesma forma, elas convidam a repensar as nuances da compreensão do próprio gênero travesti, como um desvio. (Leite Jr, 2008). Ainda que o desvio possa ser subvertido, em sentidos que ressaltam a

potencialidade do glamour, do feminino, de estratégias de saída, como no uso do humor, da busca por se protegerem, da parceria no adoecimento, da afinidade cultivada quando se reconhece o afeto no ‘bater o olho’. A inspiração mítica de outrora perde espaço para a monstruosidade que nesse tempo histórico marcou as travestis. Entre os movimentos disruptivos, seria preferível, para legitimá-las, dizê-las como ninfas e deusas mitológicas, femininas e glamourosas.

A ênfase na deixa de Foucault (1988), de ter na amizade como um modo de relação entre os homossexuais, foi marca de inspiração para esses repertórios pelas formas inventivas que as travestis traduzem ainda que marcadas por um processo ambíguo de reconhecimento e de não reconhecimento. Esse movimento marca a negociação de suas existências, através do gênero, da heteronormatividade, e da abjeção, aqui traduzida nos usos dos repertórios.

A depender das formas como as travestis são narradas “por elas mesmas”, mediadas pela interação, os repertórios ganham um estatuto de realidade que atua diretamente na construção de suas relações e dos seus modos de vida. Eles significam a realidade, construindo-a. Porém, elas contam de determinadas maneiras, porque os repertórios estão disponíveis e são utilizados criativamente na interação.

As relações entre elas se singularizam no reconhecimento de um estranho, que passa a ser considerado um desvio, em alguns momentos. Mas as relações, por meio do uso dos repertórios, não perdem sua legitimidade afetiva e relacional, pela potencialidade de arranjos e vínculos que são comunicadas pela interação. No entanto, os relacionamentos entre elas poderiam ser potencializados, em contrapartida, se fosse possível uma legitimação em outros contextos sociais, enriquecidos por outros marcadores, ultrapassando a esfera da rua-casa, vizinhança.

6. Considerações finais

Ao longo do encontro com as travestis, o movimento de estar com elas permitiu a construção de um ouvir e recontar as histórias compartilhadas pelas travestis, e que trago em um recorte. Os impasses, os desafios, as brechas, enfim, as complexidades vivenciadas no processo de pesquisa dão impressão de algo interminável, que timidamente finalizo, com fôlego para futuros desdobramentos desse tema, que apenas se iniciam.

6.1. Refletindo sobre o percurso

Ao final, chamo a atenção para a possibilidade de reconhecer os jeitos das travestis traduzirem a si mesmas por meio das relações. Na tessitura desse corpus, a metodologia informada pelo construcionismo permite relativizar os resultados, no sentido de que não estão prontos e acabados, e que não exprimem a ‘realidade’ das travestis. São usos discursivos que colaboram para compreensão das formas possíveis de dizer sobre elas nesse momento histórico.

Um momento que transita entre o reconhecimento e a negação da existência de um gênero que rompe com a heteronormatividade e se refaz em uma invenção a cada momento. Um reconhecimento que oscila entre: boas e más, entre putas e amantes, entre irmãs e inimigas. Na flexibilidade dos termos, para além da bondade e da maldade, as travestis no âmbito do humano são singularizadas nesse tempo, pelo estranho e pelo desvio. Um estranho que pode estar presente em todos nós, mas que para elas, na estampa do corpo, dos gestos, da escolha, perde a inteligibilidade. O estranho compartilhado nos ditos “normais” não resulta que direitos sejam aviltados e mesmo subjugados como quando comparado ao estranho presente nas travestis. Mas, ao mesmo tempo, disruptivamente, as travestis constroem formas reinventadas como as

apresentadas, de manter vínculos, de se apoiarem, de possibilitar uma abertura a outra, de referendar o humor entre aquelas que confiam.

O desenvolvimento da análise em torno dos repertórios demarca a impossibilidade de limitar um uso único e singular para dar sentido às relações, mas que considera que os sentidos estão disponíveis ao longo da conversa de forma a funcionar para dizer das travestis de determinadas maneiras a depender do contexto.

Essa noção é fundamental para pensarmos, por exemplo, que as travestis, ao se dizerem monstros, não reconhecem a possibilidade de aderirem ao cuidado em saúde, ao crescimento pessoal, a alteridade, a busca pelo fortalecimento de uma rede política de garantia aos direitos e, por conseguinte, pela mobilização de mudanças para seu contexto de vida, ou seja, a um processo de empoderamento.

No entanto, se o foco discursivo passa a convidar à legitimidade de outros repertórios que não esse que as coloca como pecadoras e monstros, outros jeitos de se portar frente ao mundo e entre elas podem aparecer e serem fortalecidos.

6.2. Pesquisadora, Psicóloga e Amiga: ‘Porque eram elas e porque era eu’

As travestis acabam por questionar a si e, por consequência, o que as rodeia, incluindo-me em todo o processo, nos sonhos e nos dramas. Ao longo da entrevista como um todo, outro aspecto revelou-se no encontro. Ao final das entrevistas, a pergunta ‘como foi conversar sobre isso’ mobilizou questões significativas, por meio do exercício de analisar o dito e, ao mesmo tempo, questioná-lo.

A entrevista envolveu momentos peculiares de sentidos de afeto, colaboração, problematização. Os sentidos em torno dos repertórios apareceram transversais. Mas foi possível, ao mesmo tempo, reconhecer o que denominei como ‘*montagem*’ Um jeito de

conversar que começou a aparecer ao final da entrevista e que carregava um dizer que buscava o ‘embelezamento’ das relações.

Os sentidos sobre o processo de estar na conversa mobilizou questionamentos e sentidos outrora não atentados pelas travestis. Um jeito de falar ‘extraordinário’, por perceber que até então não haviam tido um diálogo como aquele, não havia sido possível ter um espaço para a conversa sobre as relações que viviam, ou mesmo um espaço que pudesse dar a elas: voz, no sentido de reconhecerem-se sujeitos que criam um discurso.

Foi possível ao longo do estudo estabelecer de forma positiva a relação que as travestis estabeleceram com o movimento de participar da entrevista cujo tema envolvia aspectos afetivos. Elas diziam passar por uma experiência nova. Ao final, exprimiam falas como: “Nossa!”, “ai preciso mudar!”, “essa noite vou ficar uó”, “não gosto de lembrar dessas coisas...”, ou ainda sugeriam que todas deveriam participar daquela “conversa”, uma entrevista que depois virava ‘conversa marcante’.

Esse reconhecimento não pode ser desconsiderado, inclusive pela trajetória que estabeleci com as travestis, antes mesmo do momento da entrevista. Fomos uma dupla, naquele momento, mas em outros forjamos um grupo, um encontro, um choro, um desabafo. Até então, porém, não havia sido possível despender uma tarde como aquela em que passamos juntas, conversando e entrevistando. Esse efeito do tempo fortaleceu o vínculo, e junto a ele a possibilidade de considerar o que vivenciavam no cotidiano. Algumas que, no início, demonstraram receio de se abrirem, ao final exclamavam: “nossa passou, rápido!”, “já?”.

A constatação, de um movimento de abertura e de reconhecimento de si naquele tempo e espaço compartilhado, permitiu uma constatação que veio após a construção dos repertórios: a de ser possível buscar nas suas histórias jeitos e usos em que as

travestis dizem-se de forma mais positiva, de forma saudosa, de forma a perceber que usam em suas contradições discursivas elementos que não restringem as mudanças, ao contrário, que as convidam ainda mais.

Acima de tudo, esse trabalho engendrou em um querer buscar os melhores repertórios, os melhores desejos, os melhores arranjos. Não numa postura romântica, de não considerar os dilemas que acompanham a elas e a mim nesse percurso. Um movimento de reconhecer o ‘nó na garganta’, mas com otimismo.

6.3. Entoando começos

As discussões traçadas nos capítulos teóricos associadas à identificação dos repertórios mostram um campo aberto para o desenvolvimento de produções que vinculam os modos de vidas das travestis e a Psicologia, em especial. Questões como as (re)invenções de gênero, a prostituição como forma de vida, as relações das travestis na escola e o processo de evasão, a participação no trabalho, a garantia ao nome social, precisam ser incluídas no debate e no desenvolvimento de pesquisas, que possam referendar um trabalho colaborativo com essas pessoas, para além da clínica referenciada na patologização nosográfica.

Essa pesquisa, em específico, ao identificar os repertórios das relações de amizade, mobiliza uma prática profissional que atente para a complexidade desse universo e que se responsabilize politicamente por tal complexidade. Inclusive, por meio da busca por referendar o uso de repertórios que visibilizem formas de vidas construtivas, acompanhar e amparar a (re)construção de uma autoria marcada pela abjeção.

A Psicologia pode contribuir para alterar os rumos da sua própria história e se fazer diferente, atendendo as discussões de gênero e suas implicações políticas e sociais e, em especial, considerar a vida das travestis como uma potencialidade inventiva de

estar no mundo e com isso colaborar para o reconhecimento de novas formas de existências.

Reconheço, também, a necessidade de uma interlocução desses resultados com o planejamento e execução das políticas intersetoriais voltadas a essa população. No sentido de perceber que os repertórios usados por elas interferem diretamente na frequência às escolas, na adesão à saúde, na defesa pelo uso do nome social e na busca por outras oportunidades de trabalho. Como é possível sensibilizar as travestis ao cuidado em saúde, se elas usam de repertórios que não legitimam suas próprias vidas? Ou ainda como desenvolver outros repertórios mais legítimos para a existência das travestis? Como pensar a ampliação dos espaços de vida? São questões que precisam ser atentadas e aprofundadas, considerando seus efeitos políticos, sociais e históricos.

Finalizo essa conclusão reconhecendo que, dos primeiros aos últimos passos dessa pesquisa, me constituí em constantes estranhamentos. Assim como era algo novo para as travestis, também era para mim. O ‘entre o estranho e o afeto’ criou um intervalo em que a marca é o compartilhar. Com toda a complexidade e contradição advindas dessa associação, a busca é por continuar junto, colaborando numa co-construção do mundo que reflete a minha própria construção como pesquisadora-psicóloga-amiga-admiradora.

Nos futuros caminhos, permanece o desejo de continuar a compartilhar e refletir sobre as relações com e entre as travestis, pela riqueza de afeto, pelas “poses” em conjunto, pelo arrumar a amiga antes de se arrumar para festa, de namorarem entre si e se questionarem por isso, de se cuidarem, ainda que na desconfiança, e de inventar um novo modo de se comunicar e ser no mundo, dentro do que não é prescrito ou é reinventado.

Referências

- Albuquerque, F. F. de & Jannelli, M.(1995). *A princesa: a história do travesti brasileiro na Europa escrita por um líder da Brigada Vermelha*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira.
- Amâncio, L. (2003). O gênero no discurso das ciências sociais. Portugal: *Análise Social*. v. XXXVIII. pp. 687-714.
- Arán, M. (2006). A transexualidade e a gramática normativa do sistema sexo-gênero. Rio de Janeiro: *Ágora*. v. IX n. 1. jan/jun. pp. 49-63.
- Arán, M.(2010). A saúde como prática de si: do diagnóstico de transtorno de identidade de gênero às redescrições da experiência da transexualidade. In Arilha, M.; Lapa, T S; Pisaneschi, T C. *Transexualidade, Travestilidade e Direito à Saúde*. São Paulo: Oficina Editorial.
- Àries, P. (1973). *História Social da Infância e da família*. (D. Flaksman, Trad.). Rio de Janeiro: Zahar.
- Baldini. M. (org). (2000). *Amizade & Filósofos*. Tradução de Antonio Angonese. Bauru, São Paulo: EDUSC.
- Benedetti, M.(2005). *Toda Feita: O corpo e o gênero das travestis*. Rio de Janeiro: Garamond.
- Bonfim, P. T dos S. (2009) *Discriminação e Preconceito: identidade, cotidiano e religiosidade de travestis e transexuais*. Dissertação de Mestrado em Psicologia, Universidade Católica de Brasília. Brasília, Brasil.
- Brasil. Ministério da Saúde. (1996). Resolução 196/96. *Diretrizes e normas de pesquisa envolvendo seres humanos*. Brasília: Conselho Nacional de Saúde
- Bruns, M.A. & Almeida, S. (2004). *Sexualidade preconceito, tabus, mitos e curiosidades*. Campinas: Editora Átomo.
- Burr, C.(1998) *Criação em separado: como a biologia nos faz Homo ou hetero*. Ary Quintella (Trad). Rio de Janeiro: Record, 1998.
- Burr, V.(1995). *An Introduction to Social Constructionism*. New York: Routledge .
- Butler, J. P. (1993). *Bodies that matter. On the discursive limits of sex*. Nova York, Routledge.
- Butler, J.P. (1999). *Corpos que pesam: Sobre os limites discursivos do sexo*. In: Louro, G. (org) *O corpo Educado: pedagogias da sexualidade*. Belo Horizonte: Autêntica.
- Butler, J. P.(2003). *Problemas de Gênero: feminismo e subversão da identidade*. R. Aguiar, (Trad.). Rio de Janeiro: Civilização Brasileira.

- Cardoso, F. L. (2005). Inversões do papel de gênero: "drag queens", travestismo e transexualismo. Porto Alegre: *Psicologia Reflexão e Crítica*. 18(3). Recuperado em 07 de outubro de 2010 de <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0102-79722005000300017&lng=pt&nrm=iso>.
- Carrara, S. & Vianna, A. R. B. (2006). "Tá lá o corpo estendido no chão...": a violência letal contra travestis no município do Rio de Janeiro. 16 (2). Rio de Janeiro: *Physis*, 2006. Recuperado em 09 de setembro de 2009 de: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0103-73312006000200006&lng=pt&nrm=iso.
- Coelho, M. T. A.D & Filho, M. De A.(1999) Normal-Patológico, saúde-doença: Revisitando Canguilhem. *Physis*, Saúde Coletiva, Rio de Janeiro, (9)1. 13-36
- Delamater, J. D. & Hyde, J.S. (1998). Essentialism vs. Constructionism in the study of Human Sexuality. *The Journal of sexuality*
- Duden, B. (1991). A mulher sob a pele. Cambridge, Inglaterra.
- Figueiredo, A. (2008). "Se pudesse ressurgir eu viria como o vento" das narrativas da dor Um estudo sobre corporalidade e emoções na experiência da travestilidade. Anais do Congresso Fazendo Gênero. Florianópolis: Fazendo Gênero.
- Foucault, M. (1979). *Microfísica do Poder*. Roberto Machado (Org). 23 ed. Rio de Janeiro: Edições Graal.
- _____. (1981). *A amizade como modo de vida*. Entrevista de Michel Foucault R. de Ceccaty, J. Danet e J, Le Bitoux. Gai Pied, pp.38-39.
- _____. (1982). Michel Foucault, an Interview: Sex, Power and the Politics of Identity; entrevista com B. Gallagher e A. Wilson, Toronto, junho de 1982; *The Advocate*, n. 400, 7 de agosto de 1984, pp. 26-30 e 58. Canada: *Body Politic*.
- _____. (1984). *História da Sexualidade: A vontade de saber*. 17. T. da C. Albuquerque & G. Albuquerque (Trad). Rio de Janeiro: Edições Graal.
- _____. (1988). *História da Sexualidade: O uso dos Prazeres*. T. da C. Albuquerque & G. Albuquerque (Trad). Rio de Janeiro: Edições Graal
- _____. (2010). *Ditos e escritos V: Ética, Sexualidade, Política*. Rio de Janeiro: Forense Universitária.
- Gamson, J. (2006). As sexualidades, a teoria queer e a pesquisa qualitativa. In Denzin, N. K & Lincon, Y. S. *O planejamento da pesquisa qualitativa: Teorias e abordagens*. Artmed: Porto Alegre.

- Garcia, M. R.V. (2007). *Dragões: gênero, corpo, trabalho e violência na formação da identidade entre travestis de baixa renda*. (Tese de Doutorado em Psicologia Social. Universidade Federal de São Paulo). São Paulo, Brasil.
- Garcia, M. R. V. (2009). Alguns aspectos da construção do gênero entre travestis de baixa renda. *Psicol. USP*, São Paulo, v. 20, n. 4, dez. 2009 Recuperado em 04 de outubro de 2010 de: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0103-65642009000400007&lng=pt&nrm=iso>.
- Gergen, K. J. (1996) La autonarración en la vida social. In K. J.Gergen, *Realidades y Relaciones*.(pp. 231-258). Buenos Aires: Paidós.
- _____. (1997). *Realities and relationships*. Cambridge: Harvard University Press.
- Goffman, E. *Estigma: notas sobre a manipulação da identidade deteriorada*. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 1988.
- Guanaes, C. (2006). A construção da mudança em terapia de grupo: um enfoque construcionista Social. São Paulo: Vetor.
- Holmes, D.S. (2007) *Psicologia dos Transtornos Mentais*. Sandra Costa (Trad). 2. Porto Alegre: Artes Médicas.
- Leite, J. Junior (2008). “*Nossos corpos também mudam*”: sexo, gênero e a invenção das categorias “travesti” e “transexual” no discurso científico. (Tese de doutorado em Ciências Sociais. Pontifícia Universidade Católica de São Paulo). São Paulo, Brasil.
- Kendall, S. Tannen, D. (2003). Discourse and Gender. In Schiffrrin,D.; Tannen, D. ; Hamilton, H. E. (org). *The handbook of discourse analysis*.. Blackweell handbook and linguistic. pp. 548-567.
- Kinsey, A. C., Pomeroy, W.B & Martin, C. E.(1948). *Sexual Behavior in the human male*. Filadélfia: Sauders
- Kulick, D. (2008). *Travesti: Prostituição, sexo, gênero e cultura no Brasil*. Cesar Gordon (Trad). Rio de Janeiro: Editora Fiocruz.
- Laqueur, T. (2001). *Inventando o sexo: Corpo e Gênero dos gregos a Freud*. Rio de Janeiro: Relume Dumará.
- Lago, M.C.de S.; Toneli, M. J F.; Berias, A. (org) [et al]. (2008). *Gênero e Pesquisa em Psicologia Social*. São Paulo: Caso do Psicólogo.
- Louro, G. (2008). *Um corpo estranho, ensaios sobre a sexualidade e teoria queer*. Belo Horizonte: Autêntica.

- Mccallum, C. (1998). Alteridade e Sociabilidade Kaxinauá: Perspectivas de uma Antropologia da vida diária. *Rev. bras. Ci. Soc.*, São Paulo, v. 13, n. 38, Oct. Recuperado em 13 de abril de 2010 de: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0102-69091998000300008&lng=en&nrm=iso>
- Mcintosh S, M.(1968). The homosexual role. *Social Problems*. 16 (2), pp 182-192.
- Montaigne. *Ensaio*. São Paulo: Abril Cultural, 1972.
- Nogueira, C. (2001a). Feminismo e Discurso do Gênero na Psicologia Social. *Psicologia e Sociedade*: ABRAPSO, 107-128.
- Nogueira, C. (2001b). Contribuições do Construcionismo Social a uma nova Psicologia do Gênero. Portugal: Cadernos de Pesquisa. pp. 137-153.
- Nuernberg, A. H.(2008). Reflexões sobre gênero e Psicologia no Brasil. In Lago, M.C.de S.; Toneli, M. J F.; Berias, A. [et al]. *Gênero e Pesquisa em Psicologia Social*. São Paulo: Caso do Psicólogo.
- Oliveira, L. (2006). *Gestos que pesam*: performance de gênero e práticas homossexuais em contexto de camadas populares. Dissertação de mestrado apresentado ao Instituto de Medicina Social da Universidade do Estado do Rio de Janeiro.
- Oliveira, N.M. (1994). *Damas de Paus*. O jogo aberto dos travestis no espelho da Mulher. Salvador: Centro Editorial e Didático da UFBA.
- Ortega, F. (1999). *Amizade e estética da Existência em Foucault*. Rio de Janeiro: Edições Graal.
- Ortega, F. (2000). *Para uma política da Amizade*. Arendt, Derrida, Foucault. Rio de Janeiro: Relume Dumará.
- Ortega, F. (2002). *Genealogias da Amizade*. São Paulo: Iluminuras.
- Paiva, V. (2008). A Psicologia redescobrirá a sexualidade?. *Psicologia em Estudo*, vol13. no 4.
- Parker, R. (1999). *Cultura, Economia Política e Construção Social da Sexualidade*. In Louro, G. (org) *O corpo educado: pedagogias da sexualidade*. Belo Horizonte: Autêntica.
- Pelúcio, L. M.(2007). “*Eu me cuido, mona*”: saúde, gênero e corporalidade entre travestis que se prostituem. Trabalho apresentado no Seminário Homofobia, Identidades e Cidadania GLBTT. (Mesa: travestilidades e transexualidades). Florianópolis: Núcleo de Identidade de Gênero e Subjetividade.
- Pelúcio, L. M. (2007). *Nos nervos, na carne, na pele*: uma etnografia sobre a prostituição travesti e o modelo preventivo de Aids. Tese de Doutorado em

Ciências Sociais. Centro de Educação e Ciências Humanas, Universidade Federal de São Carlos, São Paulo, Brasil.

- Peres, W. S. (2005). *Subjetividade das travestis brasileiras: da vulnerabilidade da estigmatização à construção da cidadania*. 210 pp. Tese de doutorado em Saúde Coletiva. Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, Brasil.
- Peres, W. S. (2005). Travestis Brasileiras: construindo identidades cidadãs. In M. Grossi, S. Becker, J. Losso, R. Porto & R. Muller (Orgs.). *Movimentos Sociais, Educação e Sexualidades*. Rio de Janeiro: Garamond.
- Pessoa, F. (1944). Começo a conhecer-me. Não existo. In *Poesias de Álvaro de Campos*. Recuperado em 21 de janeiro de: <http://www.dominiopublico.gov.br/download/texto/jp000011.pdf>.
- Pinto, M. J.C. (2008). *A vivência afetivo-sexual de mulheres transgenitalizadas*. 227 pp. Tese de doutorado em Ciências. Área Psicologia. Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras. Universidade de São Paulo, Ribeirão Preto, Brasil.
- Piscitelli, A. G; Teixeira, F. (2010). Passi che risuonano sui marciapiedi: la migrazione delle transgender brasiliane verso l'Italia. *Mondi Migrant*, v. 10.
- Potter, J. & Wetherell, M. (1987). *Discourse and Social Psychology*. Londres: Sage.
- Potter, J., & Wetherell, M. (1995). Discourse Analysis. In J. A. Smith; R. Harré & L. V Langenhove (Orgs.), *Rethinking methods in Psychology* (pp. 80-92). London: SAGE.
- Potter, J., & Wetherell, M. (1996). From representations to repertoires. In J. Potter & M. Wetherell (Orgs.), *Discourse and Social Psychology: beyond attitudes and behavior* (pp. 138-157). Sage Publications.
- Prins, B & Meijer, I. C. (2002). Como os corpos se tornam matéria: Entrevista com Judith Butler. *Revista Estudos Feministas* (155-167 pp).
- Prost, A. (2009). Fronteiras e espaços do privado. In Prost, A. & Vincent, G. (org) *História da vida privada 5: Da Primeira Guerra a nossos dias* organização. São Paulo: Companhia das Letras, 2009.
- Rasera, E.F. & Japur, M. (2007) Grupo como construção social: Aproximações entre construcionismo social e terapia de grupo. São Paulo: vetor, 2007.
- Rasera, E. F & Japur, M. (2001). Contribuições do pensamento construcionista para o estudo da prática grupal. *Psicol. Reflex. Crit.* (vol.14, n.1, pp. 201-209).
- Ribeiro, J.C. (2006). Georg Simmel, Pensador da Religiosidade Moderna. *Revista de Estudos da Religião*. PUC São Paulo, n 2, pp. 109-126. Recuperado em 08 de agosto de 2010 de http://www.pucsp.br/rever/rv2_2006/p_ribeiro.pdf.

- Rocha, R.M.G. (2010). *A dependência química entre travestis profissionais do sexo*. Monografia de conclusão do curso de Pós Graduação em Dependência química. Universidade Federal de São João Del Rei, São João Del Rei, Brasil.
- Rubin, G. (1998). *Thinking sex : notes for a radical theory of the politics of sexuality*. In: Nardi, P. M. & Schneider, B. E. *Social perspectives in lesbian and gay studies*. London : Routledge.
- Scott, J. (1992). História das mulheres. In Burke, P.(org). *A escrita da história: novas perspectivas*. São Paulo: Editora UNESP.
- Silva. H. (1993). *Travesti a invenção do Feminino*. Rio de Janeiro: Relume-Dumará.
- Spargo, T. (2006). *Foucault e Teoria Queer*. 67 p. Rio de Janeiro: Pazulin.
- Spink, M. J (org). (2004). *Práticas discursivas e produção de sentidos no cotidiano: aproximações teóricas e metodológicas (3)*. São Paulo: Cortez.
- Sterling, A. F. (1992) *Myths of Gender: biological theorys with women and men*. New York: Basic Books.
- _____.(2001). Dualismos em duelo. Campinas, Cadernos Pagu,v 17/18.
- Tannen, D. (1994). *Gender and Discourse*. New York: Oxford University Press.
- Teixeira, F. B. (2008). L'Itália dei Divieti: entre o sonho de ser européia e o babado da prostituição. Cadernos Pagu, (31) julho-dezembro,pp 275-308.
- _____. (2009) *Vidas que desafiam Corpos: uma etnografia do construir-se outro no gênero e na sexualidade*. Tese de Doutorado em Ciências Sociais. Instituto de Filosofia e Ciências Humanas da Universidade Estadual de Campinas, São Paulo, Brasil.
- Unger, R. K. (1979). Toward a redefinition of sex and gender. In *American Psychological Association*, 34, pp. 1085-1094.
- Vance, C. (1991). Anthropology rediscovers sexuality: a theoretical comment. *Soc. Sci. Med.* Vol 33. No. 8. pp. 875-884.
- Vieira, T.(2003). *As Bacantes de Eurípidés*. São Paulo: Perspectiva.
- Weeks, J. (1999). O corpo e a sexualidade. In Louro, G. (org) *O corpo educado: pedagogias da sexualidade*. Belo Horizonte: Autêntica.
- Whitam, F. & Mathy, R.. *Male Homosexuality in Four Societies: Brazil, Guatemala, the Philippines and the United States*. Nova York: Praeger, 1986.
- Zambrano, E. (2006). Parentalidades "impensáveis": pais homossexuais Mães/Travestis e Transexuais. *Horiz. antropol.* , Porto Alegre, v. 12, n. 26 de dezembro 2006. Recuperdo em 09 de fevereiro de 2011 de

<http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0104-71832006000200006&lng=en&nrm=iso>.

Apêndice A

APÊNDICE A

CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

Convidamos você a participar da pesquisa intitulada **“Para além do exótico: Construção de sentidos sobre as relações entre as travestis”**, sob a responsabilidade da pesquisadora Rita Martins Godoy Rocha (mestranda) e do professor Emerson Fernando Rasera (orientador). Ela tem por objetivo descrever os sentidos construídos a respeito das relações estabelecidas entre as travestis.

Se você aceitar o convite de participar da pesquisa significa que estará concordando com a audiogravação das entrevistas, as quais serão realizadas na sua residência ou nas dependências da Universidade Federal de Uberlândia (Instituto de Psicologia ou sala do Programa Em Cima do Salto). O material de pesquisa, após a transcrição das gravações será desgravada. As informações serão utilizadas somente para fins de pesquisa, cujos resultados da pesquisa serão sempre divulgados de forma a não identificar você. As entrevistas também servirão para construir um banco de dados, que poderão subsidiar futuros trabalhos, a partir desse consentimento.

Essa pesquisa será desenvolvida dentro de todas as condições técnicas e éticas, portanto não oferece risco à sua saúde. Você poderá se beneficiar desta pesquisa como uma oportunidade para refletir sobre como são construídas as suas relações com as outras travestis.

Você é livre para deixar de participar, a qualquer momento, se desejar, sem que isso lhe cause qualquer prejuízo. Você não terá nenhum gasto e ganho financeiro pela participação na pesquisa.

Uma cópia deste Termo de Consentimento Livre e Esclarecido ficará com você. Qualquer dúvida a respeito da pesquisa você poderá entrar em contato com a pesquisadora no Instituto de Psicologia da UFU – Av. Pará, 1720, bloco 2C, Fone: 3218-2235, bem como com o Comitê de Ética em Pesquisa da UFU (CEP/UFU) – Av. João Naves de Ávila, nº 2121, bloco J, Campus Santa Mônica – Uberlândia – MG, CEP: 38408-100; fone: 34-32394531.

Uberlândia, ____ de _____ de 2010.

Rita Martins Godoy Rocha

Emerson Fernando Rasera

Aceito participar do projeto acima citado, voluntariamente, após ter sido devidamente esclarecido.

Nome social: _____

Nome civil: _____

Participante da pesquisa

Apêndice B

Entrevista semi-estruturada

Idade:

1. Qual a sua profissão?
2. Como foi o processo de tornar-se uma travesti?
3. Você consegue identificar pontos positivos e negativos nesse processo? Se sim quais?
4. Me conte como é seu cotidiano de vida.
5. Me fale como foram construídas as principais relações que você tem hoje.
6. Me fale como são construídas as relações com as travestis que você convive.
7. Quais influências essas relações com as travestis tiveram na sua vida?
8. Gostaria que você me contasse casos que mostram como se dão as relações entre as travestis.
9. Qual pessoa é mais importante para você nesse momento, como ela se tornou importante?
10. Me conte uma história em que você se decepcionou com uma travesti. Como lidou?
11. Me conte uma história em que uma relação com outra travesti foi significativa em sua vida.



Universidade Federal de Uberlândia
Pró-Reitoria de Pesquisa e Pós-Graduação
COMITÊ DE ÉTICA EM PESQUISA - CEP

Avenida João Naves de Ávila, nº. 2160 - Bloco J - Campus Santa Mônica - Uberlândia-MG –
CEP 38400-089 - FONE/FAX (34) 3239-4131; e-mail: cep@propp.ufu.br; www.comissoes.propp.ufu.br

ANÁLISE FINAL Nº. 677/10 DO COMITÊ DE ÉTICA EM PESQUISA PARA O PROTOCOLO REGISTRO CEP/UFU
243/10

Projeto Pesquisa: Para além do exótico: Construção de sentidos sobre as relações entre as travestis.

Pesquisador Responsável: Emerson Fernanda Rasera

De acordo com as atribuições definidas na Resolução CNS 196/96, o CEP manifesta-se pela aprovação do protocolo de pesquisa proposto.
O protocolo não apresenta problemas de ética nas condutas de pesquisa com seres humanos, nos limites da redação e da metodologia apresentadas.

O CEP/UFU lembra que:

- a- segundo a Resolução 196/96, o pesquisador deverá arquivar por 5 anos o relatório da pesquisa e os Termos de Consentimento Livre e Esclarecido, assinados pelo sujeito de pesquisa.
- b- poderá, por escolha aleatória, visitar o pesquisador para conferência do relatório e documentação pertinente ao projeto.
- c- a aprovação do protocolo de pesquisa pelo CEP/UFU dá-se em decorrência do atendimento a Resolução 196/96/CNS, não implicando na qualidade científica do mesmo.

DATA DE ENTREGA DO RELATÓRIO FINAL: FEVEREIRO DE 2012.

SITUAÇÃO: PROTOCOLO APROVADO.

OBS: O CEP/UFU LEMBRA QUE QUALQUER MUDANÇA NO PROTOCOLO DEVE SER INFORMADA IMEDIATAMENTE AO CEP PARA FINS DE ANÁLISE E APROVAÇÃO DA MESMA.

Uberlândia, 10 de Setembro de 2010.

Prof. Dra. Sandra Terezinha de Farias Furtado
Coordenadora CEP/UFU

Orientações ao pesquisador

- O sujeito da pesquisa tem a liberdade de recusar-se a participar ou de retirar seu consentimento em qualquer fase da pesquisa, sem penalização alguma e sem prejuízo ao seu cuidado (Res. CNS 196/96 - Item IV.1.f) e deve receber uma cópia do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido, na íntegra, por ele assinado (Item IV.2.d).
- O pesquisador deve desenvolver a pesquisa conforme delineada no protocolo aprovado e descontinuar o estudo somente após análise das razões da descontinuidade pelo CEP que o aprovou (Res. CNS Item III.3.z), aguardando seu parecer, exceto quando perceber risco ou dano não previsto ao sujeito participante ou quando constatar a superioridade de regime oferecido a um dos grupos da pesquisa (Item V.3) que requeiram ação imediata.
- O CEP deve ser informado de todos os efeitos adversos ou fatos relevantes que alterem o curso normal do estudo (Res. CNS Item V.4). É papel de o pesquisador assegurar medidas imediatas adequadas frente a evento adverso grave ocorrido (mesmo que tenha sido em outro centro) e enviar notificação ao CEP e à Agência Nacional de Vigilância Sanitária – ANVISA – junto com seu posicionamento.
- Eventuais modificações ou emendas ao protocolo devem ser apresentadas ao CEP de forma clara e sucinta, identificando a parte do protocolo a ser modificada e suas justificativas. Em caso de projetos do Grupo I ou II apresentados anteriormente à ANVISA, o pesquisador ou patrocinador deve enviá-las também à mesma, junto com o parecer aprobatório do CEP, para serem juntadas ao protocolo inicial (Res.251/97, item III.2.e). O prazo para entrega de relatório é de 120 dias após o término da execução prevista no cronograma do projeto.